

ADALBERTO SCARDELA I

ELIZABETE, A MORTE DO CISNE

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE ELIZABETE
DREBES NO BOLSHOI





PERIGOSAS NACIONAIS

ADALBERTO SCARDELA

ELIZABETE, A MORTE DO CISNE

2ª. Edição
Mogi das Cruzes - Brasil
2019



© 2019 by *Adalberto Scardelai*.

Revisão & Diagramação & Design Gráfico do Miolo & Capa:
Kalisz Editora

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem
prévia autorização do autor e da Kalisz Editora.

PERIGOSAS ACHERON

Em memória de Jaime Scardelai, Leda Guersoni Scardelai, Caetano Marroni e Maria De La Libera Marroni.

Alma calada que consente e aprende com a chuva que cai e lava a rua, onde certa vez te vi naquele seu jeito de menina mulher, naquele seu caminhar, cheia de charme com seu lindo vestido de cetim. Alma com saudade que dói e machuca pela tua falta em te ver andando pelas ruas de pedra em Riomaggiore. Sorrindo, acenando para todos e injetando em mim esperanças... Chuva calada que molha a alma da gente, que faz minhas lágrimas salgadas se transformar em risos forçados da falta de não ter você aqui...

O Autor.

Teu batom vermelho me marcou, deixando meus lábios rubros e com mais vontade de transformar este beijo em algo mais intenso, teus olhos apenas me olharam e percebi que fiquei sem piscar por alguns segundos, apenas contemplando todo o seu brilho e tua luz, tuas mãos afagaram minha face e confesso, nunca havia sentido o toque de um anjo, fechei os olhos e me senti diante de Deus, apenas despertei quando senti teus lábios tocando minha orelha lentamente, delirei, imaginei, fiquei em transe e percebi sua respiração se tornar ofegante. Esse teu batom vermelho, esses teus lábios vorazes, estes teus olhos cobertos de desejos, estas tuas mãos fazendo magia por minha face, me preenchendo, me compreendendo me fazendo se apaixonar completamente por você... Esse teu batom vermelho...

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*Neste quarto escuro ouço apenas tua voz
fisgar meu coração nesse sonho que por vezes se
torna mais um pesadelo, acenda uma vela para eu
poder ver teu rosto, para poder delinear tua face
antes que a escuridão se torne eterna... Neste
quarto escuro onde ouço passos que se movem
rápidos demais, lembro apenas daquelas doses de
incertezas de anos perdidos... Neste quarto escuro,
ousa te tocar, ousa te encurralar de um jeito
mordaz e te fazer assim a minha refém, mas,
apenas é um sonho não é? Apenas são brumas que
se dissipam e me confundem deixando-me neste
quarto escuro em um calor intenso que percorre o
corpo na última tentativa de...*

PERIGOSAS ACHERON

PREFÁCIO



Os primeiros esboços deste livro foram escritos e publicados em minha página do Facebook em Dezembro de 2013. Nas primeiras linhas publicadas foi apenas delineado o que seria Elizabete, mas, ainda não havia sequer uma história ou ideia de como seria sua trajetória e como exatamente seria esse personagem. Elizabete nasceu forte e determinada, é uma mulher extraordinária em todos os aspectos. Talvez, seria exigir demais que Elizabete fosse real, teve momentos que achei que fosse, algo indescritível quando o personagem passa a direcionar o Escritor, como se o papel invertesse, em vez de o Escritor escrever a história, o personagem o faz, parece confuso, porém real. Com o passar dos meses, a história foi tomando forma e conteúdo e

PERIGOSAS ACHERON

Elizabeth começou a ter vida própria e a dirigir os meus passos na escrita, assim como fazia no balé e na vida de Vittu. Seus segredos, suas aflições e suas frustrações fazem de Vittu, seu eterno protetor, tornando-o mais do que um homem que a ama, porém, um homem único em seus desejos e sua vida passaria a ser dependente totalmente das atitudes de Elizabeth. Em alguns momentos, ela nos mostra através da história que se é possível viver e se superar a cada desafio, por mais que se ache por vezes que o impossível está diante de nós. Ela nos mostra de uma forma delicada e por vezes rude a força vinda da determinação, da busca pela perfeição não medindo consequências. Elizabeth não percebe que sua vida está sempre na linha tênue da vida e nos mostra até que ponto podemos descer no fundo do poço e ao mesmo tempo ressurgir das cinzas como uma Fênix. Talvez Elizabeth nos prove de uma forma ou outra que o amor seja a essência do nosso lado humano que ainda temos muito que aprender, temos que nos monitorar constantemente e corrigir sempre nosso rumo, afinal como humanos, erramos, entretanto, temos a capacidade de reconhecer tal erro, perdoar e pedir perdão é algo por vezes difícil, mas

necessário para que nossas vidas sejam mais vivas.

Elizabete é assim, ao mesmo tempo em que nos toca no coração, ela consegue nos tocar a alma de forma única. Ela é apaixonante.

Talvez o leitor não concorde comigo, mas, com certeza você irá se apaixonar por Elizabete e se isto acontecer, você, assim como eu, descobrirá que a vida é algo muito precioso para se desperdiçar por nada.

Boa leitura!

Adalberto Scardelai

Escritor

Academia de Artes e Letras de Fortaleza

Academia de Luminescência Brasileira

SUMÁRIO

[1938: DESPEDIDA NO PORTO](#)

[1921: APRENDENDO A FALAR](#)

[1930: PERDA PATERNA](#)

[1924: ESCOLA DE BALÉ](#)

[1940: CONVOCADO PARA A GUERRA](#)

[1951: NATAL EM PARIS](#)

1941: A PRIMEIRA BAILARINA
1945: CASAMENTO DE PRINCESA
1946: GRAVIDEZ E ABORTO
1968: DECLARANDO-SE
1962: ACIDENTE NO BALÉ
1939: DIFICULDADES NO BOLSHOI
1964: RETORNO À ROMA
1972: A MORTE DO CISNE
1974: REVELAÇÕES AO PRAVDA
1985: ESCRITOS FINAIS
2013: REVELAÇÕES SECRETAS*

1938: DESPEDIDA NO PORTO

(preâmbulo histórico da vida de Elizabete Drebes)



Ela me pegou de surpresa, me puxou para junto de seu corpo, colocou seus lábios contra os meus e pude sentir o gosto de sua boca, abri os olhos por um momento e vi que ela estava com seus olhos serrados como se estivesse em transe, me aproveitei por um momento e confesso que flutuei ali naquele cais, de repente num ato brusco e instantâneo, se afastou de mim sem dizer nada, caminhou suavemente com toda sua graça, charme e elegância de uma dama, sem olhar para trás continuou caminhando até segurar na mão do capitão enquanto eu apenas pude notar suas formas

PERIGOSAS ACHERON

através da luz do sol que se definhava no horizonte no fim daquele dia, isto a deixou ainda mais sexy, sentou-se no lado esquerdo do barco, esboçou um leve sorriso como se estivesse dizendo adeus, ajeitou uma mexa de seus cabelos que lhe caíam sobre os olhos jogando-os para trás, fiquei ali estupefato e apenas a deixei partir sem falar nada, sem esboçar nenhuma expressão de medo de que nunca mais voltaria em nosso vilarejo, não percebi naquele instante que realmente não estaria com ela todos os dias como foram nestes últimos dezoito anos, tomar café da manhã, ir para escola juntos e depois brincar o resto do dia até a noite, e quando a lua cheia iluminava o céu, se não fosse nossos pais nos chamarem, ficaríamos ali apreciando a lua e as estrelas enquanto o barulho do mar quebrando nas falésias nos fazia imaginar mil e uma histórias e aventuras, as horas intermináveis de brincadeiras e conversas jogadas ao vento eram para nós eternas e sinceramente acreditávamos que nunca iríamos crescer. Elizabete Drebes, este era seu nome de batismo, assim se chamava meu anjo e ela se afastaria de *Riomaggiore*, nosso pequeno e isolado vilarejo no litoral norte da Itália. Nosso vilarejo fica situado sobre falésias à beira mar, tornando um

lugar romântico e único no mundo. Elizabete estava embarcando para Moscou na União Soviética, partiria para fazer parte da *Academia do Balé de Bolshoi*, para quem não sabe a companhia *Bolshoi* foi fundada no ano de 1776, pelo Príncipe Peter Urosov. Elizabete inicialmente seria uma bolsista, bolsa esta que conquistou com muito esforço e com ajuda de nossa querida professora de dança, Dona Domenica, uma velha pequena, robusta, brava como ninguém, mas de uma doçura e de um carinho extremo. A mulher mais dedicada e convicta que com certeza faria qualquer um dançar se estivesse sob seus cuidados. O nosso objetivo, quer dizer o de Elizabete é daqui a dois anos, se tudo der certo, tornar-se a mais nova integrante de seu corpo de bailarinos, é claro que tudo isto estava previsto desde o dia de seu nascimento, eu estava lá e vi como tudo aconteceu e uma coisa eu digo, quando a vi no colo de sua mãe, a Sra. Conchetta, foi como se eu visse um anjo e sabia de certa forma que seria um anjo dançante, mexia tanto seus pezinhos que todos comentavam, “essa menina vai ser bailarina”, Elizabete nasceu com poucos, mas, encaracolados cabelos loiros, sua pele era branca como a neve e seus lindos e estonteantes olhos

PERIGOSAS NACIONAIS

azuis, eram como brilhantes raros, ela era tão pequena que parecia uma dessas bonecas de louça, dava até medo de chegar perto para não quebrar, todos ali no vilarejo a chamavam de princesa desde pequena e apesar de sua família de origem bem humilde, foi criada com educação e cresceu se comportando como uma dama. Eu tinha apenas seis anos, mas, eu vi um anjo pela primeira vez e me apaixonei por aquela menina, acompanhei toda a sua trajetória até seus dezoito anos, estávamos em 1938. Bem, deixe me apresentar, meu nome é Vittorio de Cicca, mas podem me chamar de “Vittu”, é como Elizabete costumava me chamar. Conversando aqui com meus botões não percebi o barco de Elizabete desaparecer no horizonte e ainda sentia o furor de seu beijo em meus lábios, pensando bem, até aquele momento, ela nunca me havia beijado assim, sempre é claro estávamos juntos o tempo todo, mas, havia um respeito muito grande entre nós e no máximo nos abraçávamos em dias e comemorações de datas especiais como aniversários, natais, festa de ano novo e no máximo eram alguns beijos bem envergonhados na bochecha, nunca havíamos nos beijado literalmente falando como hoje, aquilo foi mágico e até agora

PERIGOSAS ACHERON

estou sentindo seu calor e seu gosto na minha boca, talvez o leitor esteja imaginando que sou apaixonado por Elizabete, acertou. Apesar de que no vilarejo sempre houve boatos de que éramos muito unidos e iríamos nos casar, sabem como é. Hoje penso seriamente que talvez as pessoas estivessem certas. Lugar pequeno sempre tem comentários. Sempre tem alguém querendo saber mais do que nossos próprios corações, eu e Elizabete ríamos disso tudo e por vezes brincamos escondidos de marido e mulher. Confesso que gostava dessa brincadeira, mas não fazia por maldade nenhuma, ela adorava ser a esposa prestativa e eu apenas participava sendo o bom marido. Aquele ano de 1938 foi um tanto corrido para nós, houve alguns problemas de saúde com Elizabete no ano anterior, ela começou a sentir fortes dores nos joelhos por muitas e frequentes vezes. Não conseguiu estudar e realizar os seus exercícios e passos, na época não havia médico em nosso vilarejo e foi apenas com o tratamento e todo o conhecimento do Sr. Neco, um senhor de setenta anos aproximadamente, um tipo de médico local que fazia o tratamento das pessoas com a base de raízes, folhas e ervas, foram necessárias dezenas de

compressas diárias além de chás e muita reza, bem um pouco de antibiótico foi necessários, mas, éramos católicos fervorosos e naqueles tempos, rezar sinceramente era o único remédio e nossa fé era inabalável, após este pequeno período de incertezas houve algo que abalou Elizabete de forma devastadora, seu pai havia falecido subitamente em alto mar, por sorte ele estava com os dois irmãos mais velhos de Elizabete que trouxeram o corpo para o vilarejo para receber todas as homenagens das pessoas que tanto o amavam. Ele era um homem bom, simples e humilde, com lindos e marcados olhos azuis, se chamava Pedro Drebes e morreu pescando camarões, aliás, este era o único meio de sobrevivência nesse nosso mundo. *Riomaggiore* era isolada de tudo e de todos, hoje percebo que naquela época, não fazíamos ideia que existia algo além de nosso vilarejo, éramos cerca de mil e poucos habitantes felizes. Era como se fôssemos uma grande e feliz família, a família *Riomaggiore*, nosso pequeno mundo se resumia na escola, na praça, nos barcos de pesca ancorados em um pequeno porto, vez ou outra visitada por grandes embarcações mercantes, que nos supriam com

mercadorias vindas do exterior. Nas ruas estreitas com suas casas geminadas repletas de janelas e portas multicoloridas enfeitadas com flores em cantoneiras penduradas por todo o vilarejo, éramos felizes ali de uma forma inexplicável. Hoje, confesso que o vilarejo não é mais o mesmo, *Riomaggiore* se tornou uma estância turística e existe uma exploração comercial em todas as suas ruas. Aquelas casas, suas ruas estreitas e suas sacadas floridas ainda estão lá, além disso, não existe mais aquele charme e romantismo de 1938 quando eu e Elizabete ainda éramos jovens, mudou muito por lá e não tenho muita vontade de voltar no vilarejo, além das mudanças modernas que particularmente não gosto. *Riomaggiore* me trás lembranças tristes de um passado que tenho tentado esquecer a muitos anos. Talvez se fizer um resumo da história que vou lhes contar, tenha sobrado algo que tenha de certa forma deixada boas lembranças. Esforço-me às vezes de tentar lembrar-se delas, só vejo uma que me vem sempre à mente, o nascimento de Elizabete. Ela partiu assim como chegou ao mundo, suave, leve e romanticamente, fechou os olhos e manteve seu doce e eterno sorriso, morreu jovem com seus 52 anos, ainda

bela, belíssima. Quanto a mim, infelizmente sobrevivo destas histórias sobre ela, e resolvi deixar escrito para seus herdeiros um pouco do que foi essa mulher, essa menina, essa amiga confiante, parceira, cúmplice e meu único amor. Sim, eu amava Elizabete como ninguém nunca amou uma mulher, todos estavam certos afinal. Certa vez me declarei para ela, não sei o que aconteceu, ficou tudo por isso mesmo. Certo dia ela me disse a mesma coisa, ficamos confusos e em silêncio, por anos ficamos nestas idas e vindas. No fundo eu sei que pelo seu olhar ela também me amava com seu jeito tímido e doce, me amava. Sempre dizia a ela: “Se eu morrer antes de você, não vou estranhar o céu. Ser seu amigo, já é um pedaço dele”.

1920: NASCIMENTO DE UMA ESTRELA

*(à noite em que um anjo desceu do céu montado
em uma estrela cadente)*



Por volta das oito da noite, estava eu, Maria, Márcia e mais uma dúzia de meninos e meninas do vilarejo brincando de pega-pega na praça, estávamos iluminados apenas pela lua cheia enorme e lindamente branca, aquela noite especialmente parecia que havia mais estrelas do que costume e com certeza podíamos observar com clareza algumas galáxias distantes, podia se ver com clareza o lindo jardim emoldurado de flores pelo início da primavera, havia uma fonte em bronze adornada por anjos querubins com jarros

PERIGOSAS NACIONAIS

nas costas que deixavam a água cair sobre uma enorme sereia, se ouvia perfeitamente o som da água sobre as pedras. À noite além de estrelada, parecia que até o mar estava calmo, não se escutava ele quebrar nas falésias a poucos metros dali, um silêncio apenas quebrado por nossos gritos e risadas enquanto tentávamos pegar um ao outro, além das crianças brincando ao redor da praça, havia alguns casais enamorados aproveitando o tempo e alguns idosos colocando a conversa em dia, não tinha muito que falar em nosso vilarejo, nada de anormal acontecia ali há muitos anos e as conversas sempre giravam em torno da pesca do camarão e de fuxicos que alimentava as donas de casa que gostavam de cuidar da vida dos outros, nosso vilarejo tinha cerca de mil habitantes, é claro que todos se conheciam até demais e as famílias acabavam sendo maiores ainda, uma vez que era comum o casamento entre os moradores, muito raramente aparecia naquela época um estrangeiro e quando surgiam, as meninas ficavam em polvorosa disputando o seu olhar, acabava sendo até engraçado e ficávamos observando as moças mais velhas de quinze a dezoito anos que se empelicavam todas com seus melhores vestidos e enormes laços de cetim nos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cabelos geralmente compridos e encaracolados, faziam o que chamamos de “fute”, nada mais do que circular em duas, três ou quatro amigas de mãos dadas e sempre rindo muito ao redor da praça enquanto o cavaleiro ficava no centro só observando, hoje penso que isso beirava ao ridículo por vezes. Naquela época eu tinha seis anos apenas, mas, compreendia o que acontecia, os meninos mais velhos sempre acabavam por nos contar histórias calabrosas sobre moças que desapareceram nas falésias depois de encontrar um homem misterioso que vinha do mar e entoava um cântico, até parece o mito das sereias, no nosso caso um sereio? Mistérios a parte, são histórias que nossos avôs nos contavam e foi passado de geração para geração, o intuito na verdade era nos manter longe das falésias, à noite eram muito perigosas e traiçoeiras, muita gente se machucou por lá se cortando e se ferindo gravemente.

Não me recordo com exatidão a que horas aconteceu, estávamos todos sentados e amontoados em um pequeno banco de pedra, quando fomos surpreendidos por uma estrela cadente cruzando o céu rapidamente, segundo ouvimos à lenda que neste instante devemos fazer um pedido, eu,

PERIGOSAS ACHERON

rapidamente fechei meus olhos e fiz meu pedido e perdi um pouco a noção do tempo, permaneci ali por algum tempo e fui interrompido apenas pela gritaria da molecada dizendo, “ela nasceu”, de momento não compreendi que havia nascido, também, como nosso vilarejo era pequeno, todos sabiam quem estava grávida ali, e eram poucas mulheres que estavam em tempo de trabalho de parto, logo imaginei a Sra. Concheta, era a que estava mais barriguda, até parecia que ir parir uns cinco, meus pensamentos foram conclusivos quando um dos idosos na praça confirmou, “nasceu uma menina, é a filha da Sra. Concheta e do Pedro Drebes”. Todos sem exceção correram para a casa da Sra. Concheta que ficava no fim da alameda, era a última casa para quem sobe a sua esquerda, lá em nosso vilarejo não tinha nome nas ruas e muito menos números, sabíamos onde todos moravam e isso era o mais importante. Claro que as crianças foram as primeiras, cheguei bem esbaforido, era uma boa subida da praça até lá, todos se aglomeraram na pequena janela de madeira rústica pintada de azul emoldurada por uma parede caiada de branco, nos espremiávamos naquela pequena janela tentando olhar para dentro do quarto e ver alguma coisa, não

dava para ver muito, visto que além de estar escuro, na época não havia energia elétrica em nosso vilarejo então usávamos lamparinas que mal iluminavam. Para quem não sabe, lamparina é um vidro qualquer cheia de querosene com um pavio que fica aceso soltando uma fumaça negra, quando dormíamos com a lamparina acesa. Sempre pela manhã acordávamos com o nariz cheio de fuligem preta. Ali naquela janela dava apenas para se perceber pelo vulto que a Sra. Concheta estava deitada na cama, com as costas recostadas nos diversos travesseiros, seu marido estava em pé admirando e com certa emoção, passava com carinho sua mão nos cabelos de sua esposa, senti sua emoção porque era sua primeira filha, seus outros filhos estavam em volta pela cama esticando o pescoço querendo ver a sua irmã, a parteira estava falando algo que não consegui compreender, pude apenas notar um pequeno embrulho bem pequeno sobre o colo da Sra. Concheta, presumi que seria a recém-nascida. Não sei ao certo como surgiu a conversa, mas começou todo mundo cochichar um para o outro, dizendo com a mão por sobre o ouvido: “o nome dela é Elizabete”. Quando chegou ao meu ouvido, certo arrepio veio à nuca e

me emocionei repetindo seu nome “Elizabeth” doce e suave. Fiquei repetindo aquilo na minha cabeça e acreditem fui dormir repetindo seu nome sem ao menos ver seu rosto. Naquela noite acho que dormi um dos meus melhores sonos.

Na manhã seguinte me levantei cedo para ir à escola do vilarejo, aquele dia era especialmente radiante para mim, após o almoço minha mãe visitaria a Sra. Concheta e levar uns quitutes, minha mãe era muito boa para doces, bolos e pães, claro que eu estaria junto para conhecer Elizabeth, não via à hora da visita.

Em nosso vilarejo não havia idade certa para ir à escola, os pais eram obrigados a partir do momento que começávamos a falar a nos levar para a escola, acho que por isso, de certa forma, éramos todos espertos e inteligentes, aprendíamos matemática, história e astrologia, além de física e química e também a nossa língua materna, tínhamos apenas uma professora dedicada, era a Dona Catherine, ela não era Italiana, era Francesa, toda cheia de dengo e delicada, mas, com uma paciência e uma capacidade de ensinar rara. Todos no vilarejo adoravam Dona Catherine, ela não era muito velha, acho que tinha uns trinta e poucos

anos, nunca se casou e não tinha filhos, então acho que ela acabava compensando transformando nós em seus filhos, sempre tinha um carinho e um cuidado extremo com a gente, às vezes nos brincávamos com ela que íamos arrumar um namorado para ela, tinha um solteirão no vilarejo o Paolo que tinha mais ou menos a idade dela e até que era bonitão, mas ele era tão tímido e rústico que mal falava com as pessoas. Tentamos algumas vezes empurrar o Paolo para Dona Catherine quando havia festas no vilarejo, também que nada, a gente acabava dando era muita risada com tudo isto. Dona Catherine além das aulas sempre falava pra gente sobre o mundo lá fora, de como as pessoas não eram assim tão boas como imaginávamos e que tinha muita gente no mundo muito mal mesmo, não conseguíamos imaginar isso, nosso mundo era o vilarejo e ali todos eram tão bons.

Riomaggiore nunca mais foi à mesma depois que vi Elizabete e minha vida também não, fiquei boquiaberto e meus olhos brilharam, sim foi algo meio tonto e idiota, mas, foi assim que minha mãe descreveu para meu pai que ria muito de tudo aquilo. Quando chegamos à porta da casa da Sra.

PERIGOSAS NACIONAIS

Concheta meu coração batia a mais de mil por hora e eu suava frio. Minha mãe até perguntou se eu estava bem, respondi com a cabeça que sim, fomos recebidos na porta pelo pai de Elizabete que gentilmente estampava um lindo sorriso, apesar de sua pele com marcas de uma vida dura, castigada pelo sol e pelo sal do mar, percebia claramente que ali naquela casa, algo abençoado havia acontecido na vida daquelas pessoas e às vezes me pergunto o que uma criança, quando esperada, amada e bem-vinda traz para um lar, para uma família, as pessoas perderam a sensibilidade de se comemorar a vida daquela forma, se podia sentir no ar o cheiro de bálsamo e de rosas naquela casa humilde, com poucos, mas necessários móveis para uma vida digna. Não é necessário luxo nem ostentação quando se tem amor. Fui me aproximando praticamente se escondendo por trás de minha mãe que era bem grande, com certo receio de olhar aquele pequeno pacote sobre o colo da Sra. Concheta que recebeu minha mãe com um largo sorriso e agradecida pelos pães e bolos que ela havia preparado pela manhã com tanto carinho, minha mãe sempre era requisitada para fazer bolos de aniversários para todos do vilarejo, seus quitutes

PERIGOSAS ACHERON

eram muitos conhecidos e apreciados em *Riomaggiore*. É claro que os filhos da Sra. Concheta vibraram quando viram tanta fartura, e pude perceber que há muito eles não tinham quitutes tão gostosos. Aproximei-me lentamente e apreensivo até que a Sra. Concheta disse:

- Venha meu rapaz, não tenha medo. Esta é a pequena Elizabete, nossa “principesca”, olhe como ela é linda. – Dizendo isto se esforça em abaixar um pouco para que eu possa vê-la melhor, me aproximo lentamente para não acordá-la e vejo pela primeira vez na minha vida um anjo. Ela era tão linda, tão linda meu Deus.

Aquela pele tão branca, aqueles cabelos ralos e encaracolados da cor do sol e com mãos tão pequenas sobrepostas como um anjo. Dormia como um anjo. Respirava como um anjo. Fiquei ali fascinado e percebi seus pezinhos se mexerem freneticamente, mesmo dormindo ela já esboçava seus primeiros passos de balé. Bem, se existe amor à primeira vista, eu me apaixonei por Elizabete ali naquele instante.

Minha mãe e a Sra. Concheta tagarelavam já há algum tempo quando tiveram a conversa interrompida por um choro incrivelmente doce,

meu anjo acordou com muita fome e pela primeira vez também percebi que havia o dom da música em sua voz, tinha uma potência enorme e quase todo o vilarejo de *Riomaggiore* sabia que ela havia acordado. Foi ali naquele instante que vi pela primeira vez seus olhos azuis, intensos, verdadeiros, apaixonantes. A Sra. Concheta não mediu esforços para saciar a fome de Elizabete, baixou na minha frente uma parte de sua blusa soltando um botão que prendia como se fosse um tipo de porta ou algo assim, pude ver aqueles seios brancos, enormes e fartos de leite, literalmente saltar aos meus olhos, fiquei mais impressionado quando Elizabete abocanhrou com tanta vontade e os sugava com tanta intensidade que fazia parecer aquilo bom e delicioso, me deu até vontade. Pensei rapidamente com meus botões de criança de que por ser tão pequena, até que ela tinha bastante fome.

Infelizmente minha mãe teve que ir para casa, por mim ficaria ali eternamente, não vi o tempo passar. Minha mãe tinha que preparar o jantar para meu pai que chegaria do mar dentro de algumas horas, e como sempre acontecia, sempre voltava com muita fome após um dia inteiro em

PERIGOSAS NACIONAIS

alto mar desde a madrugada, eu quase não via meu pai, porque sempre saía bem cedo, por volta das três horas da manhã e sempre quando retornava eu já estava deitado, via ele com mais frequência aos domingos, íamos à missa das sete da manhã, aliás, o vilarejo todo participava, tanto que na pequena Capela de São Pedro, cabia apenas o padre e meia dúzia de velhas corolas, era assim que chamávamos as senhoras mais velhas que ficavam o tempo todo com o padre e cuidavam da Capela e outras coisas da Igreja. O restante dos moradores de *Riomaggiore* participava da missa do lado de fora, naquela época na verdade participávamos da missa apenas de corpo, a missa toda era rezada em Latim e somente os mais velhos compreendiam o que o padre falava, nós ainda não entendíamos muita coisa, apenas na hora do “Amém” havia um consenso geral, apesar de todo esforço de nossa professora Dona Catherine, o Latim não era nosso forte, acho que fui falar bem o Latim já com uns trinta anos ou mais, tive que ser autodidata para aprender o idioma complexo. Atualmente além do Latim, falo Italiano, Francês, Alemão e também Inglês e arranho um pouco de Russo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

1921: APRENDENDO A FALAR

*(as primeiras palavras balbuciadas de um anjo
e os primeiros passos de balé)*



Recordo-me que era domingo ensolarado e todos estavam defronte à Capela de São Pedro às sete da manhã, eu estava junto com minha mãe e meu pai o mais próximo possível da porta da Capela, minha mãe não gostava muito de ficar lá no fundo, ela gostava de ficar ouvindo o mais perto possível a ladainha do padre, mesmo que ela não compreendesse uma só palavra de Latim, achava bonito e se emocionava em todas as missas, já estava para começar quando avistei Elizabete no colo de sua mãe a Sra. Concheta que lutava literalmente entre tapas com outras mulheres para

PERIGOSAS ACHERON

se aproximar de minha mãe, Elizabete estava lindamente vestida com um pequeno chapéu de abas com flores presas em uma fita de cetim branca, vestia um vestido todo branco e meias 3/4 brancas bordadas com flores combinando com um pequeno sapato branco, seus pais davam o melhor que podiam para ela, sempre estava bem vestida. Seus cabelos já haviam crescido e contra o sol eram de um brilho intenso, ela já estava com um ano de idade e já havia iniciado os primeiros passos e suas primeiras palavras, eu acompanhei de perto todo o seu primeiro ano, não diariamente, mas minha mãe praticamente ia toda semana à casa da Sra. Concheta e eu claro, ia junto, aproveitava para ver Elizabete e ficava por horas cuidando dela enquanto minha mãe e a Sra. Concheta tagarelavam sobre as novidades do vilarejo, eu até hoje não compreendo como tinham tanto para falar se em *Riomaggiore* não acontecia nada. Elizabete se acostumou tanto com minha presença que preferia ficar comigo em vez de seus irmãos, sempre que me via se atirava em meus braços, e se percebia que sua alegria era intensa, ela esperneava e sorria abrindo os bracinhos para que eu a pegasse no colo, neste dia foi exatamente isto, quando me viu,

imediatamente começou a bater seus pés contra sua mãe e em uma ansiedade incompreensível, literalmente se jogou em meus braços, a Sra. Concheta adorava, já que podia acompanhar a missa junto com minha mãe e aproveitavam para falar mal dos outros. No bom sentido é claro, em *Riomaggiore* não havia maldade, as pessoas comentavam porque se amavam umas as outras, éramos uma grande família. Eu sempre adorava estar com Elizabete, contava histórias para ela e como já esboçava seus primeiros passos, pegava em sua pequena mão e caminhava com ela próximo a Capela enquanto transcorria a missa, ela adora se abaixar e pegar as pequenas pedras brancas que se espalhavam pelas ruas devido às falésias, me sentava com ela no chão e ficava ali por muito tempo lhe contando histórias, não sei se me escutava e me entendia, mas ela prestava bastante atenção, o detalhe é que mesmo sentada, Elizabete não parava de mexer seus pezinhos, era como um motor ligado o tempo todo, ela adorava música, às vezes depois da missa, eu e meus pais e a família de Elizabete descíamos até a praça para ouvir o conjunto de cordas tocarem, eram cinco senhores que todos os domingos alegravam a todos tocando

PERIGOSAS NACIONAIS

musicas italianas e músicas da idade média com seus violões antigos, sempre tinha alguém por ali vendendo algum quitute e Elizabete adorava maçã doce, acho que vocês conhecem como maçã do amor, mas ela é doce, com caramelo avermelhado. Minha mãe costumava fazer às vezes, não era sempre que chegava a nosso vilarejo, algumas vezes por ano aparecia um navio mercante com algumas mercadorias diferenciadas, ele atracava em nosso porto e ficava ali por uma semana, era naquela época o nosso momento de comprar e ver as novidades do exterior, as mulheres do vilarejo faziam a festa, tinha um monte de marinheiro novo no porto e podiam trocar galinhas, ovos, pães, bolos, camarões secos e outras coisas por roupas, tecidos, linhas, panelas e outras utilidades, não podia faltar a querosene, era essencial para manter nossas casas aquecidas no inverno e para manter iluminadas, além de frutas que costumeiramente não tínhamos por ali, sempre que podia minha mãe conseguia umas maçãs e passava açúcar queimado nelas, minha mãe sempre falava que era algo caro, mas que valia a pena porque era como um néctar dos deuses. Todos em casa adorávamos, certa vez estava comendo uma maçã doce e Elizabete viu e

PERIGOSAS ACHERON

começou a balbuciar “dá, dá, dá...” e a fechar e abrir as mãozinhas, não contive a tentação. Coloquei na boca dela, ela fez um bico lindo e simplesmente adorou. Minha mãe sempre que podia fazia uma para ela, eu tinha que ficar segurando para ela, senão era uma lambança só, ela adorava e sempre pedia mais. Além de falar mamãe e papai cedo, Elizabete falou uma coisa inusitada certa vez quando estávamos na sala da Sra. Concheta em um dia da semana à tarde. Ela balbuciou “maçã” e depois concluiu “Vittu”, todos riram muito e eu fiquei sem jeito, todos olharam para mim. Ela sabia o que era bom e gostoso e já sabia o nome. Na verdade fiquei muito feliz, ela disse pela primeira vez meu nome, me senti muito bem, meu anjo agora falava meu nome, fui a terceira pessoa que Elizabete disse o nome, sinto orgulho disto, muito orgulho. A maçã doce acabou sendo nosso digamos “segredo”, sempre que podia levava uma para ela, não que fosse proibido ou algo assim, mas, era escondido sempre. Houve épocas difíceis no vilarejo e faltou muita coisa, mas minha mãe sabia e sempre dava um jeito de arrumar umas maçãs doces para eu levar para Elizabete. Acho que minha mãe sabia que eu amava Elizabete, apesar de

PERIGOSAS NACIONAIS

nunca ter me indagado a respeito, mas, podia perceber pelo seu olhar e seu carinho sempre que preparava alguma coisa para a família da Sra. Concheta, não que minha mãe fizesse as coisas de qualquer jeito, não é isso, é que era diferente quando era para a família de Elizabete, ela colocava algo a mais, acho que se servia de uma dose de amor e tudo ficava mais delicioso, ela percebia que Elizabete me adorava e sabia que eu, mesmo criança também gostava dela, naquele vilarejo onde as possibilidades de se conhecer alguém de fora, são praticamente remotas e de sair dali, a não ser pelo mar para pescar, são extremamente raras. Talvez ela entendesse que Elizabete seria para mim o amor que ela desejava, sabia que de certa forma não seria eterna e eu precisaria seguir meu caminho com alguém. Minha mãe apesar de sua simplicidade e de sua falta de instrução era muito sábia, muito perspicaz, pegava as coisas no ar, já meu pai era mais bruto, um bom homem, mas não havia nele demonstrações de sentimentos, nunca o vi chorar, somente uma vez, quando um de seus marinheiros morreu em alto mar e ele trouxe o corpo para o vilarejo para ser velado, foi um dia muito triste, todos se emocionaram muito e vi pela

PERIGOSAS ACHERON

primeira e única vez meu pai esboçar abertamente emoção. Sei que ele me amava, assim como amava minha mãe e meus irmãos, mas era diferente.

Depois que Elizabete começou a balbuciar as primeiras palavras não parou mais, até parecia que era sua mãe, começou a tagarelar por tudo que via e ouvia, era impressionante sua capacidade de aprendizado, mais parecia um gravador ambulante. Já estava bem firme em seu andar também, esboçava suas primeiras corridas pela sala e não se podia descuidar que lá estava Elizabete a correr por todo canto, era difícil de pegar ela, ainda achava graça e pedia para mim: “Me pega Vittu”, e saia rindo para que eu a pegasse, quando conseguia que nem sempre era fácil, ela queria ir para o chão e começava tudo novamente, tinha dias que eu chegava tão cansado em casa que caia na cama e somente acordava pela manhã para ir à escola. Aquela menina estava ficando peralta, era muito esperta e aprendia tudo muito rápido. Certa vez estava caminhando com ela de sua casa até a praça, ia passar em casa para pegar um bolo que minha mãe havia feito para a Sra. Concheta, no meio do caminho, passamos pela casa de Dona Domenica, ela era uma professora de dança, havia umas cinco

meninas na sala de Dona Domenica enquanto se ouvia eu acho que era O Lago dos Cisnes, Elizabete ouviu a música que tocava em um disco pesado de vinil em 78 rotações num gramofone movido a corda, o único exemplar do vilarejo, algo raríssimo hoje em dia. A sala de Dona Domenica não era muito grande, acredito que uns três ou dois metros de comprimento por outro tanto de largura, havia um grande espelho na parede esquerda, que segundo os moradores mais antigos do vilarejo vieram da Áustria, parece que o marido dela era muito rico por lá, Dona Domenica era viúva há muitos anos e havia conhecido seu marido em uma viagem para a França onde estudou balé. Não me lembro do seu marido, acho que ele já havia morrido quando nasci. Havia também na sala uma espécie de corrimão feito em latão todo trabalhado e enfeitado onde as meninas se apoiavam para exercitar seus movimentos. O chão como de todas as casas era de tijolo queimado e lustrado. Não era uma escola como outra qualquer, aliás, tudo em *Riomaggiore* era diferente do resto do mundo, talvez por isso fosse tão intenso viver lá. Pergunto-me até hoje porque passamos por lá naquele momento, até parece que Elizabete incorporou

PERIGOSAS NACIONAIS

algo, me puxou e insistiu para ver o que era. Eu queria ir até em casa, estava com um pouco de pressa, mas a insistência dela era tanta e não resisti quando esboçou um pequeno rosto de choro, quando ela chorava cortava o coração da gente, é sério. Veio com aquele delicioso e meigo “Me pega Vittu”, irresistível para mim isso. Peguei-a no colo e me aproximei da janela lentamente para não atrapalhar a aula, vi que Dona Domenica estava dando instruções sobre balé a Márcia, Maria, Sophia, Charlotte e Jessica, minhas colegas de classe, ela gritava pra caramba com elas, até parecia que estava nervosa, ela sempre teve esse jeito meio grotesco, era pequena, mas tinha uma voz absurdamente alta e estridente. Elizabete literalmente se agarrou no parapeito da janela e não queria sair de lá, ficou envolvida pela música e seus olhinhos brilharam ao ver as meninas naqueles collants cor-de-rosa e saias rendadas brancas em sapatilhas douradas sem ponta se gesticulando e se movimentando graciosamente como verdadeiros cisnes, ela imediatamente começou a bater os pezinhos em minha barriga, senti sua vibração e percebi que ali ela deu seus primeiros passos de balé.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Perdi a conta de quantas vezes tive que parar na frente da casa de Dona Domenica e ficar ali por algumas horas com Elizabete no meu colo, sentindo seus pezinhos bater em minha barriga, chegou a ficar marcas roxas em mim, ela já sabia e percebia a música de longe e pedia para ir lá. Chegou uma época que Dona Domenica vendo o meu sofrimento, permitiu que eu me sentasse à sua porta com a pequena Elizabete para aproveitar melhor a sua aula, Dona Domenica havia percebido que Elizabete era um futuro promissor. Acabei de certa forma também apreciando o balé, apesar de não entender absolutamente nada, com o passar do tempo, só de ver as aulas de Dona Domenica, comecei a entender os nomes de passos como Demi-plié, Tendu, Arabesque, Passé, Sissone e tantos outros movimentos e posições inclusive com suas marcações de tempo. Só não tive vontade de fazer aulas, sempre fui péssimo para dançar, não levo jeito mesmo, sou totalmente sem noção nenhuma de movimentos, o máximo que consigo é ficar no mesmo lugar mexendo os pés pra lá e pra cá, e mesmo assim, corre o risco de eu machucar alguém. Elizabete sempre fala disso e cai na gargalhada quando comenta sobre minha dança aos

PERIGOSAS ACHERON

amigos. No baile de formatura quis dançar comigo e até hoje se arrepende disto, foi um vexame na frente de *Riomaggiore* inteira, bem, mas isto é outro capítulo. O meu forte sempre foi outras áreas, sou muito bom em Física, Química, História, Geografia e Línguas, tanto que na escola acabei ajudando muita gente nas aulas que tinha dificuldade, Elizabete era uma delas, ela é uma ótima bailarina, mas não entende de algumas matérias como Física, Química, História e outras. Formou-se porque em *Riomaggiore* não tínhamos os critérios que existem hoje de notas, médias e conceitos, apenas nos formávamos com a idade, uns antes dos dezoito, outros depois e não importava o seu conhecimento, com dezoito anos você tem que sair da escola e ir para o mundo, qual mundo? Em *Riomaggiore* o mundo era o mar à nossa frente, encarar e ir para a Europa para cursar e conhecer novas fronteiras ou ficar no vilarejo, casar, ter filhos, envelhecer, morrer. Isto é *Riomaggiore*. Pode até soar estranho hoje ver a perspectiva dessa forma, bem limitada, mas para nós, moradores do vilarejo era um orgulho ficar lá, não precisava do mundo para nada, nosso mundo era aquele, éramos felizes e isto era o suficiente

PERIGOSAS NACIONAIS

para nós e para nossa felicidade.

PERIGOSAS ACHERON

1930: PERDA PATERNA

*(a incompreensão de uma menina de 10 anos
diante da morte do pai)*



Com dezesseis anos os garotos nessa idade já saíam nos barcos para a pesca com seus pais, mas, meu pai retrucava quando lhe pedia para ir junto, ele achava que eu deveria ser diferente dos outros garotos do vilarejo, então preferia que eu ficasse na escola e ajudasse minha mãe em casa. Elizabete quando estava com dez anos, seus cabelos batiam a sua cintura, eram longos, cacheados e loiros. Por duas vezes na semana por entre seis e oito da noite, todas as crianças junto com os velhos e mães que não saíram para a pesca do camarão em alto mar

PERIGOSAS ACHERON

permaneciam ali por longos períodos de horas aguardando seus maridos, irmãos e pais atracarem no pequeno porto de *Riomaggiore*, naquela quarta-feira me atrasei um pouco para chegar ao porto, estava fazendo algumas entregas de bolos para minha mãe e acabei demorando mais do que de costume. Já se podia avistar algum barco no horizonte com suas luzes tímidas alimentadas por querosene, o mar estava calmo naquele dia, aliás, calmo demais, geralmente não era daquela forma o seu comportamento. Elizabete estava ali em pé de mãos dadas com sua mãe que aguardavam ansiosas para ver o barco de seu pai, quando avistou sua bandeira, em *Riomaggiore* cada família tinha uma espécie de bandeira ou brasão em seus barcos, era uma forma de identificar cada barco e sua família. Elizabete começou como sempre a saltitar na areia fofa da praia, sua alegria era contagiante, mal via à hora de sair correndo e abraçar seu pai, gritava em alto e bom som “Papito”, “Papito” e saiu correndo em direção ao barco de sua família, mas, de súbito parou no meio do caminho, ficou ali parada enquanto sua mãe passou por ela dizendo: “Meu Deus...”, um dos irmãos de Elizabete desce do barco com o corpo sem vida do pai de Elizabete, o

PERIGOSAS NACIONAIS

Sr. Pedro Drebes, o caçula segura o corpo e caminha em direção a sua mãe em prantos, enquanto ela se ajoelha em um choro dolorido e aflito.

- O que aconteceu meus filhos? – Indaga a Sra. Concheta em prantos.

- Não sabemos mãe, o pai estava puxando a rede para dentro do barco, ele caiu no mar e quando o resgatamos já estava morto.

- Ele sabia nadar muito bem, como pode se afogar? Meu Deus.

- Sabemos disso mãe, mas achamos que ele já caiu morto, me desculpe mãe, não pudemos fazer nada. Desculpa mãe. – Os irmãos se abraçam em volta da Sra. Concheta em prantos.

Elizabete permanece no meio do caminho sem compreender. Permanece muda, pálida e enrijecida. Quando chego ao porto vejo aquela cena e consigo vislumbrar Elizabete em pé de costas como uma estatua tendo o mar à sua frente, grito por seu nome:

- Elizabete!

Ela olha para trás e vem correndo em minha direção, me abraça tão apertado que não consigo entender a razão, olha para mim com lágrimas nos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos e me pergunta a coisa mais difícil que já me perguntaram:

- Vittu, você vai trazer ele de volta pra mim. Não vai?

Fiquei gélido e sem palavras, olhei para o céu e me perguntei o porquê estava acontecendo aquilo com ela, não obtive respostas naquele momento, apenas tive mais dúvidas do que Elizabete.

- Vittu, você vai trazer ele de volta. Diz que vai Vittu. – Elizabete me solta e começa a socar violentamente o meu peito enquanto grita e chora.

- Diz que vai Vittu, diz pra mim Vittu.

Eu permaneci ali sem palavras e sem atitudes vendo aquela menina sofrer desse jeito e sem poder fazer nada a não ser esperar. Ela foi cansando de me bater, finalmente disse:

- Eu te odeio Vittu, te odeio. Você não faz nada por mim. – Falando estas palavras ela saiu correndo em direção às falésias, mal pude ver seu vulto desaparecer no horizonte, todos ali me olhavam e confesso, nunca havia me sentido tão impotente em minha vida, nunca havia me sentido tão vazio e sem alguma explicação plausível para as perguntas de Elizabete. Todos foram se aglomerando próximo a Sra. Concheta que em prantos reverenciava o

PERIGOSAS ACHERON

corpo de seu marido deitado por sobre a areia, seus filhos estavam em pé com as mãos unidas como em oração, quando percebemos todos no vilarejo estavam lá, em volta do corpo, unidos de mãos dadas e rezando ave-maria e pai nosso. Não sei dizer por quanto tempo foi aquilo, apenas permaneci no mesmo lugar como se houvesse morrido algo dentro de mim. Percebi que embrulharam o corpo em um lençol, os irmãos de Elizabete e mais alguns pescadores o colocaram em uma espécie de maca, todos se colocaram em fila e continuando a rezar fizeram lentamente um cortejo fúnebre até a casa da Sra. Concheta, em nosso vilarejo não existia um velório ou algo assim para velar pelos mortos, sempre eram levados para as suas casas e ficavam ali uma noite e um dia no melhor lugar da casa para que todos do vilarejo se despedissem dele. Permaneci ali na praia apenas ouvindo as ondas quebrando nas falésias por um bom tempo, me sentei ali na areia e fiquei observando as estrelas, o céu como sempre em *Riomaggiore* era um verdadeiro mosaico colorido de planetas, estrelas e constelações que vez ou outra era cortada por estrelas cadentes.

Não sei dizer quantas horas fiquei ali, não nos

PERIGOSAS NACIONAIS

preocupava muito a questão de horas em nosso vilarejo, simplesmente vivíamos cada coisa a cada tempo. Levantei-me, sacudi a areia em minha bermuda, olhei para o vilarejo que estava iluminado timidamente por suas lamparinas de querosene e ouviam-se perfeitamente as lamentações e rezas que continuava por toda noite açoitar a alma daqueles moradores. Olhei para as falésias e fui atrás de Elizabete, sabia onde ela estava, sempre que havia algo errado ou ela se zangava. Sempre se escondia a cerca de um quilometro dali em uma grande falésia vermelha, ela chamava aquilo de o Recanto Vermelho de Chorar, eu achava aquilo engraçada, mas sempre estava por lá, quando se sentia triste. Caminhei por alguns minutos naquela escuridão plena, apesar de que já estava acostumado com aquele lugar, afinal nasci ali, mesmo assim em algum momento cortei meu pé e não percebi. Cheguei ao nosso recanto e Elizabete estava agachada em um canto, acuada, com medo, impotente e pude perceber seu soluço, acredito que chorou por muitas horas. Permaneceu sozinha e não tive o que fazer diante daquela imagem tão desoladora, poucas vezes em minha vida não tive a compreensão de qual atitude correta deveria tomar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Resolvi não falar nada, apenas me aproximei dela, me sentei ao seu lado e fiquei ali em silêncio respeitando o seu luto e sua dor.

Ficamos ali em silêncio por um longo tempo, em certo momento ela se recostou em meu colo, foi chegando timidamente e bem devagar e deitou-se sobre ele, comecei lentamente a mexer eu seus cabelos dourados, sempre fazia isso nela, sempre acabava dormindo ela e eu. Foi um momento único e lúdico, ouvíamos o mar, o quebrar das ondas, víamos o céu coberto de estrelas, as maravilhas de Deus diante de nossos olhos e ouvidos, mas, nossos corações estavam tão amargurados e vazios, era estranha aquela beleza não combinava com o momento. Passaram algumas horas, ela se virou no meu colo e olhou firmemente para mim, falando:

- Vittu.
- Sim meu anjo.
- Você não vai trazer ele de volta para mim, vai?
- Infelizmente não meu anjo.
- Eu sabia. Você me enganou todo esse tempo. Mas, você pode perguntar para Deus porque levou meu “Papito”?
- Claro que posso meu anjo, só não sei se irá

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

responder.

- Você promete?
- Prometo. Juro. – Beije os dedos cruzados em sinal da promessa.
- Vittu.
- Sim.
- Quando tiver a resposta você me fala?
- Sim meu anjo.
- Vittu.
- Sim.
- Eu te amo muito, você promete que mesmo Deus querendo te levar para perto dele, você diz para ele que não vai?
- Prometo meu anjo. – Aquilo mexeu tanto comigo, uma dor no peito me fez soltar algumas lágrimas que involuntariamente caíram sobre o rosto de Elizabete.
- Não precisa chorar Vittu, já estou melhor.
- Eu sei. Desculpe-me. – Acabei sorrindo. - Acho que foi um cisco que caiu em meus olhos ou um grão de areia. – Respondi rapidamente para disfarçar.
- Você quer voltar para o vilarejo agora?
- Não. Quero ficar aqui mais um pouco com você, pode?

PERIGOSAS ACHERON

- Claro que pode, o tempo que quiser estarei aqui com você.

Ela me deu um longo e forte abraço, se levantou apoiando na minha barriga e me beijou a face, um beijo doce, ténue, beijo de um anjo. Segurei-me firmemente para não chorar, me mantive firmemente para não demonstrar o quanto a amava. Apesar dos meus dezesseis anos, este sentimento já me atormentava e ela só tinha dez anos, nunca compreendi este sentimento, aliás, nunca compreendeu, pelo menos era o que eu pensava a respeito.

Pela manhã, eu e Elizabete chegamos à casa da Sra. Concheta, havia ali um ambiente tão triste e pesado que achasse que não seria bom para Elizabete permanecer ali, com a permissão da Sra. Concheta levei ela para minha casa, ficamos ali o dia todo com nossas brincadeiras e conversas habituais, por momento parecia que ela não havia perdido o pai, ou estava dissimulando para não pensar no que estava acontecendo. Às quatro da tarde, os sinos da Capela de São Pedro começaram a tocar. Era à hora indicada para enterrar o corpo em nosso pequeno cemitério que ficava bem próximo ao mar, dali se podia ouvir o som do mar,

ele ficava localizado em uma margem protegida por falésias onde havia um extenso campo com grama além de muitas flores, não temos o costume de erguer túmulos pomposos e nem pequenos palacetes, apenas colocamos flores e deixamos como se fosse um grande jardim, acreditamos que os mortos se sentem mais felizes assim. Fui com Elizabete até sua casa, ela permaneceu o tempo todo apegada e literalmente grudada em mim, mesmo durante todo o cortejo não soltou minha mão em nenhum momento sequer, e sempre se manteve distante do corpo de seu pai. Eu a sentia com medo. Totalmente desprotegida. Ela se mantinha firme sem chorar, apenas olhava e observava, quando colocaram o corpo de seu pai no fundo da cova, ela jogou um lírio branco por sobre o corpo que caiu lentamente, foi um momento que tive a impressão que ela desabaria, mesmo assim, se aproximou da beirada da cova, mas segurando minha mão. Voltamos todos em silêncio por volta das seis da tarde, o sol já tentava se esconder no horizonte. Vez ou outra Elizabete me observava, percebia isto quando ela apertava minha mão com firmeza. Sentia-me muito bem com ela ao meu lado. Esta não foi a primeira vez que Elizabete

PERIGOSAS NACIONAIS

precisou de mim, outras várias situações aconteceram em sua tumultuada vida. Sempre me senti útil em poder estar ao seu lado quando mais precisava, retornei para casa e ao me deitar descobri que havia machucado seriamente o meu pé, estava doendo muito, mas o cansaço me derrubou.

PERIGOSAS ACHERON

1924: ESCOLA DE BALÉ

(as primeiras lições de balé, a pequena descoberta da vida através da dança).



Sempre costumava falar para Elizabete que “Se eu morrer antes de você, não vou estranhar o céu. Ser seu amigo, já é um pedaço dele.”, neste dia, acho que esta frase foi a mais verdadeira possível. Ver a alegria de uma criança de quatro anos se deixando levar daquela forma com uma música e meia dúzia de passos de dança da qual desconhecia, não que totalmente, como já estava habituada a ver as meninas dançar sobre a coordenação de Dona Domenica. Ver Elizabete ali, aquele toquinho loiro, vestindo um collant e uma

saia transpassada, tudo em rosa e um lindo laço rosa se destacando em seus loiros e cacheados cabelos, aqueles olhinhos brilhavam e me chamavam a atenção a todo o momento quando aprendia um passo de cada vez, sua persistência era algo impressionante, até Dona Domenica com sua experiência, acabou respeitando a pequena dama do balé de *Riomaggiore*, Elizabete, a primeira e única. Sempre que conseguia realizar um passo que atentamente copiava das outras meninas me chamava:

- Vittu! Vittu! Olha Vittu! Eu fazendo.

Irresistível não é? Para o leitor talvez não, mas quando se conhece a vida que levávamos em nosso vilarejo, talvez a importância de um simples passo possa significar muito. Aqueles passos eram os primeiros de uma longa carreira. Claro que em nosso vilarejo não tínhamos lojas de roupas ou algo assim, tudo que vestíamos eram geralmente confeccionados por nossas mãos. Dona Domenica sabendo da grande necessidade daquelas meninas. Ela confeccionava cada uma de suas saias e collants. Chegou até a fazer as sapatilhas, apenas as meias eram compradas do mercador que vez ou outra nos trazia novidades da Europa. Era uma

PERIGOSAS NACIONAIS

dedicação impar não só de ensinar, mas o esmero e o cuidado em incentivar e dar para aquelas meninas algo mais do que casar, ter filhos, cozinhar e morrer em um vilarejo esquecido pelo mundo. Dona Domenica é uma dessas pessoas que Deus coloca no caminho das pessoas e a transforma em anjo, apesar de sua rudeza nas palavras, por vezes até áspera e exigente, era de um coração tão enorme e bondoso que todos no vilarejo acabavam a ajudando de alguma forma. Em *Riomaggiore* quase não tínhamos dinheiro, exceto quando um navio da Empresa de Pesca de Nápoles vinha buscar os camarões pescado por nossos bravos homens, mas, como todo bom e vil capitalismo, se recebia muito pouco e mal dava para comprar os alimentos necessários para o dia a dia, como sal, açúcar e pasta, além de tomates. Em *Riomaggiore* não tinha território para plantação, então dependíamos de muita coisa de fora que chegava mensalmente em navios mercantes. Muitos pensam que somos uma ilha, nada disso, tínhamos estradas, mas era tão rudimentar que realizar tudo através do porto se tornava mais seguro e rápido. Os barcos eram nossos carros. Nossa Ferrari, como se diz hoje em dia por lá.

PERIGOSAS ACHERON

Quando levei Elizabete para o seu primeiro dia de aula, sabia que era o seu destino dançar e acreditava que ela tinha futuro, acredito que somente eu pensava e acreditava nela. Talvez, por isso, existiu desde o começo esta ligação em nossas vidas. Participei de todos os pequenos momentos da sua infância, desde as primeiras tentativas de falar, suas primeiras quedas ao tentar ficar em pé e depois por hora abrir a boca cheia de manha por ter caído e machucado o joelho, a via sorrir como um verdadeiro anjo ao vestir aquele simples collant e aquela saia e sair pela rua descendo comigo até a casa de Dona Domenica toda cheia de si, eu sentia isso ao ver aquele toquinho ao meu lado, ela extravasava felicidade por todos os seus poros.

Os primeiros passos no balé não foram fáceis, ela sofreu muito e na primeira semana seus pezinhos estavam todos machucados de tanta persistência, seus dedos ficaram em carne via e tivemos que dar inúmeros banhos de ervas recomendadas pelo Sr. Neco. Tentei algumas vezes persuadi-la para que reduzisse um pouco os treinos, porém mesmo com quatro anos era teimosa demais, e ainda é. Não houve o que eu falo ou outra qualquer pessoa, quando coloca na cabeça algo,

vai, faz e geralmente se arrebenta toda. Esta é Elizabete.

No fim daquele ano, Elizabete que era a caçula da turma fez uma pequena apresentação do dia de Natal em plena Praça de *Riomaggiore*. Era um dos poucos momentos e até hoje um dos mais lindos momentos que me recordo daqueles dias onde todos contribuía para um enorme banquete no meio da rua, todos tinham em seus quintais, galinhas, perus, porcos, coelhos e pombos. Sim, acredita. Adorava comer pombos recheados e assados, depois dos camarões era a nossa comida preferida. Depois de um almoço regado a um bom vinho tinto, outra tradição do vilarejo, vinho que se consumia de tonéis desde a infância, Elizabete adorava como todas as crianças molhar o pão italiano no vinho tinto. Como certeza o nosso tradicional café da manhã.

Logo após aquela comilança intensa, foi apresentado o balé de Dona Domenica com umas vinte meninas, Elizabete era a mais nova e menor e claro se destacava entre as outras, e chamava a atenção de todos como sempre, estava linda, no fim daquela tarde vinha uma brisa do mar que agitava seus cabelos que contrastava com o sol, todos

ficaram boquiabertos quando ela apresentou um pequeno pedaço adaptado por Dona Domenica de *O Lago dos Cisnes*, este, aliás, seria o auge da carreira dela num futuro distante. Ali naquele momento todos podiam vislumbrar o nascimento de uma estrela, ela simplesmente foi impecável e certamente cometeu alguns erros de uma criança de quatro anos.

Vi inúmeras vezes Elizabete dançar no Teatro *Bolshoi* em Moscou na época que cobria eventos artísticos pelo *Le Monde*, tive o prazer de assistir ela ser ovacionada de pé por todos ali presentes e foi reverenciada pela imprensa e pela realeza russa, foi a esta apresentação que a transformou na primeira bailarina do *Balé de Bolshoi*.

1940: CONVOCAÇÃO PARA A GUERRA

*(os limites da crueldade humana e a redenção
daqueles que apregoam a paz em todo o mundo)*



O que podemos esperar de uma guerra sangrenta e tão cruel de forma que não sabemos por vezes distinguir o que é certo ou errado, assim, abruptamente fui inserido neste holocausto contra a minha vontade, contra a vontade de milhões de jovens que viviam na Europa e sem perceber, estávamos matando irmãos, estávamos lutando uns contra os outros sem saber ao certo o por que. Em uma linda manhã de 1940, *Riomaggiore* amanheceu com dois navios da Marinha Italiana atracados em seu pequeno porto, havia uma confusão generalizada e a notícia logo se espalhou pelo

PERIGOSAS ACHERON

vilarejo. Todos curiosamente se aproximaram daquelas máquinas de guerra, havia alguns soldados na praia perfilados enquanto um comandante um tanto eloqüente anunciava em um megafone:

- Atenção todos deste vilarejo! Os jovens entre 18 e 30 anos devem se apresentar imediatamente ao Comandante do navio para alistamento obrigatório no Exército Italiano!

- Repito o alistamento é obrigatório!

- Somente jovens de 18 e 30 anos, os demais permaneçam afastados, os que estão dentro desta faixa de idade, se alinhem naquela fila para exames médicos e seleção.

Houve uma confusão geral no vilarejo, onde mães se agarravam a seus filhos em desespero, minha mãe ficou apenas distante me observando enquanto eu aguardava na fila para o exame médico. Fazia dois anos que Elizabete havia partido para Moscou e costumávamos trocar correspondências neste período, apesar de o correio demorar alguns meses, sempre nos falávamos por carta, ela me relatava suas descobertas, suas dores, seus momentos de solidão em um país cujo idioma não dominava completamente. Às vezes me

relatava que aquilo parecia um quartel de tantos estudos e ensaios o dia todo e por vezes à noite. Pensava tudo isto até chegar minha vez. Aproximei-me de uma bela e sorridente enfermeira com um batom tão intenso como o de Elizabete, ela sorriu e me disse:

- Qual o seu nome soldado?

- É Vittu. Quer dizer me chamam de Vittu. È Vittorio de Cicca senhora. – Respondi sem graça.

- Tudo bem Vittu, quantos anos tem?

- 26 anos senhora.

- Não precisa me chamar de senhora, me chame de Ilia, tudo bem? E sou mais jovem do que você. – Ri disfarçadamente.

- A senhora que manda. Desculpe.

- Tire a camisa soldado. – Ordenou-me a enfermeira.

Tirei a camisa e mais rápido do que um tiro de espingarda. Ilia me observou de baixo para cima e rapidamente e sem qualquer esboço de reação, ela me enfiou uma enorme agulha no braço. Eu odeio injeções até hoje. Doeu muito. Após enfiar aquilo no meu braço, me deu uma bolsa com um tubo enfiado na agulha e pediu para esperar ali do lado. Meu sangue começou a encher aquela bolsa, por

instantes pensei que ia desmaiar. Cerca de uns quinze minutos depois, um soldado recolheu a bolsa e um senhor meio caquético que presumi ser o médico pediu para eu abrir a boca, ouviu meu coração, escreveu algo em um papel que estava preso numa prancheta. Balançou a cabeça e me apontou uma nova fila. Ficamos ali debaixo do sol por umas quatro horas em pé sem comer nada, até que o comandante novamente no megafone:

- Vocês que estão na fila, devem se apresentar às quatro da tarde para embarque, os demais estão dispensados. Obrigado.

Fui para casa com minha mãe sem compreender realmente o que estava acontecendo, um dia eu era simplesmente um morador de *Riomaggiore*, no outro eu já era soldado e sairia embarcado para um lugar desconhecido e distante, sem saber se voltaria um dia. Caminhamos em silêncio até em casa, acredito que mais da metade dos jovens de *Riomaggiore* foram convocados, já havíamos ouvido falar da guerra, contudo nunca imaginamos que isto de certa forma nos atingiria, nos achávamos imunes a isto. Foi uma tragédia para *Riomaggiore*, e após 1940 o vilarejo nunca mais foi o mesmo. Muitos filhos não voltaram para seus

PERIGOSAS NACIONAIS

pais, muitos pais faleceram durante a espera por seus filhos, este foi meu caso. Minha mãe permaneceu em silêncio enquanto arrumava minha mala, embrulhou alguns pães e bolos que havia feito de encomenda para os moradores de *Riomaggiore*, mas achou que para a viagem seria mais necessário, os colocou com o carinho de sempre, percebia que seus olhos marejavam, entretanto não tinha palavras para consolar, o que poderia dizer a alguém que entrega seu filho para lutar em uma guerra. Imaginei quantas mães sentiram o mesmo que minha mãe, quantas mães choraram em vão por seus filhos tombados no campo de batalha, quantas mães apenas receberam medalhas e bandeiras e nunca receberam seus corpos e seus filhos de volta. Apesar de todo sofrimento que via no semblante de minha mãe estava pensando em Elizabete, o que seria dela se eu não voltasse. Neste momento acho que fui egoísta em pensar nela e deixar minha mãe de lado, sempre me condeno por isto nestas minhas lembranças do passado.

Almocei rapidamente e em silêncio com minha mãe e pensei em meu pai, partiria sem me despedir dele, ele havia partido pela manhã para pescar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

camarão e pensei com meus botões, se soubesse teria ido, assim me livrava da convocação. Senti por um momento que nunca mais viria meu pai, um calafrio me percorreu o corpo e tive a mesma impressão com minha mãe, olhei-a atentamente enquanto almoçava, ela estava tão abatida, achei que ela não aguentaria muito tempo àquela ausência.

Um silêncio apenas interrompido pelo apito dos navios de guerra ancorados no porto. Estava eu e minha mãe a sós na sala em completo silêncio esperando à hora chegar, é como esperar a morte, só que mais sofrido, mais angustiante. Você se torna incapaz de fugir ou reagir. Levantei-me, abracei minha mãe com tanta intensidade, sem nenhuma palavra. Senti suas lágrimas molharem minha camisa, também chorei ali naquele momento, porque de certa forma, sabia que nunca mais sentiria o seu abraço, a sua ternura. Peguei minha mala e a olhei pela última vez com lágrimas nos olhos, ele acenou para eu ir depressa. Sai sem olhar para trás e nunca havia percebido o quanto era distante minha casa do porto, caminhei lentamente por toda a rua, e vários outros jovens foram se juntando a caminhada, passei e me

PERIGOSAS ACHERON

demorei um pouco em frente à casa da Dona Domenica. Recordei-me de Elizabete dançando ali, de seu primeiro dia quando descobriu o balé, parei novamente na praça e me vi brincando de pega com as outras crianças e as vezes que estava com Elizabete no colo cantando, rindo e sendo simplesmente criança.

Um grande medo tomou conta de mim, nunca havia saído de *Riomaggiore*, olhei a minha frente o mar imenso, minhas pernas tremeram e me perguntei o que de fato me esperava. Perfilamos-nos diante de um dos navios com nossas humildes malas e meia dúzia de peças de roupas, um a um, nos entregaram uma mochila que depois descobrimos serem os nossos uniformes e fomos embarcando no navio. Era por volta das cinco da tarde quando ouvimos o apito do navio informando que ia zarpar, me sentei em sua lateral e pela primeira vez vi meu vilarejo de outra forma, vi *Riomaggiore* distante com suas pequenas casas multicoloridas, foi como tirar uma foto daquele lugar, até hoje me lembro daquela imagem, mães, pais, tios, avós, crianças e outros do vilarejo acenando seus lenços brancos enquanto o navio se distanciava além mar. *Riomaggiore* foi ficando

distante até sumir no horizonte. Fomos informados no navio pelo comandante que iríamos até a União Soviética, nosso pelotão se juntaria a outros dois pelotões da Inglaterra e França para uma ofensiva em Moscou. Naquele instante meu coração quase saiu do peito, não pensei na guerra e sim na possibilidade de ver Elizabete.

Em um bom navio, se levava cerca de dez dias para se chegar ao porto de Nápoles, foi o tempo que tivemos para receber nossos equipamentos de guerra e uma teoria sobre a utilização de algumas armas, saímos homens civis de *Riomaggiore* e chegamos a Nápoles como soldados. Eu particularmente em dez dias fui até promovido a Cabo, devido aos meus conhecimentos de Física, História e Geografia, acharam que eu tinha mais capacidade que os demais. Até o fim da II Guerra acabei chegando a Sargento, não que me orgulhe disto, contudo, de certa forma me trouxe mais conforto diante do conflito e uma posição mais privilegiada. A informação que recebemos no navio é que iríamos desembarcar em Nápoles, trocar de navio para um maior onde já teria um contingente de homens da França e Inglaterra e iríamos até Frankfurt, de lá, através de comboio de caminhões

PERIGOSAS NACIONAIS

atravessaríamos até Moscou. Hitler já havia mostrado para o que vinha. Mais da metade da Europa foi bombardeado e se transformou em um caos social e econômico sem precedentes na história. Até aquele dia não havia recebido nenhuma carta de Elizabete e não tinha a mínima ideia de como ela estava neste conflito todo.

Porém, pelo menos algo de bom tinha acontecido, voltei a rever a enfermeira Ilia, nunca chegamos a namorar de uma forma concreta, contudo, gostava de passar as minhas folgas com ela, era uma boa moça e como eu, estava envolvida no conflito de forma obrigatória. Chegamos a sair algumas vezes e nos encontramos outras tantas na Europa, até que não a vi mais e também não tive notícias suas. Fiquei sabendo por alto que ela tinha ido para a Espanha e se casado por lá.

PERIGOSAS ACHERON

1951: NATAL EM PARIS

*(a solidão apagada diante da visita inesperada
de Elizabete)*



Natal em Paris, o que escrever ou falar sobre a cidade mais deslumbrante que conheci. Mesmo pós-guerra, Paris manteve seu charme e seu clamor. Vim para Paris em 1943, logo no fim da II Guerra por meramente falta de opção, meus pais já haviam falecidos em *Riomaggiore* e conclui que não tinha mais nada para fazer no vilarejo, Elizabete estava com 31 anos e era a primeira bailarina do Balé *Bolshoi*, sua fama já era internacional e sempre estava nos principais jornais da Europa e do mundo. Estava em seu terceiro casamento, agora estava casado com um construtor de navios do

PERIGOSAS ACHERON

Reino Unido, Sir. Braxton Layers, um senhor já de meia idade, aliás, mais velho do que eu, acredito que Elizabete casou-se com ele por questão de se sentir segura, ela sempre precisou de alguém mais velho por perto, acabou me substituindo dessa forma. Segundo os últimos jornais estava na Grécia em férias do Balé após a sua longa temporada pelo *Bolshoi*.

Como sempre eu passaria mais um natal sozinho, já havia virado costume para mim, me importei nos primeiros anos, agora nem tanto. Sempre fiz questão de montar a árvore de natal, mesmo sozinho, acho que isso vem dos tempos de criança no vilarejo, em casa sempre tinha árvore de natal. Estava morando na Maison há cerca de quatro anos, era uma boa casa, para ser honesto. Uma grandiosa casa para um velho solitário. Tinha dois empregados que mantinham a casa em ordem uma vez por semana, na maior parte do tempo era eu e Deus. Eu tinha muito pouco para fazer, a não ser escrever, ler, tomar um bom vinho tinto e também conhaque que aprecio muito, comecei a gostar de conhaque depois que vim para Paris e conheci o Sr. Hubert Beuve-Méry, o dono do *Le Monde*. Estivemos por muitas horas bebericando

nos bares e até na redação do jornal no fim de expediente. Preparei uma boa garrafa de vinho para se deliciar com o Peru preparado por uma rotisserie local, quase não cozinhava em casa, tinha tudo pronto, era mais fácil e acredito que mais barato para uma pessoa só.

Acredito que era por volta das oito da noite, estava em minha poltrona escrevendo algumas anotações para utilizar na edição do jornal no próximo ano, tive algumas idéias para reformular a paginação do jornal e queria discutir com Sr. Hubert Beuve-Méry antes do Ano Novo. Não querendo me caber em si, as implantações sugeridas por mim fazem até hoje parte do *Le Monde*. Estava totalmente comprometido e absorto com meus pensamentos que curiosamente havia se esquecido de Elizabete e de *Riomaggiore*, estava porque ouvi o soar da campanha, olhei para o velho relógio cuco da sala, vi que era tarde e eu não estava esperando ninguém, fiquei surpreso. Levantei-me com alguma preguiça, até imaginei que seria alguém pedindo doações ou algo assim, sempre acontece em vésperas de natal, calcei meus chinelos e literalmente me arrastei ate a porta. Não pude identificar quem estava lá, apenas notei que

PERIGOSAS NACIONAIS

era uma mulher pelo traje, abri surpreso a porta quando ouvi:

- Vittu! – Com o mais lindo sorriso que alguém poderia lhe dar.

- Elizabete! – Respondi estupefato.

- Vai me convidar a entrar ou vai me deixar aqui fora?

- Claro. Entre por favor. Desculpe-me, e que fiquei surpreso. Achei que estivesse na Grécia com seu marido e...

- Estava realmente, eu pedi o divórcio – Interrompe Elizabete observando toda a minha sala. – Então é aqui que vive o solteirão mais desejado de Paris.

- Você me deixa sem graça, não sei quem deseja um velho como eu, e acima de tudo ranzinza. Sente-se, por favor. Quer beber algo? Um chá, água...

- Um uísque se você tiver ou algo bem forte, vodca, conhaque...

- Está bem tenho conhaque. – Respondo enquanto ela se senta no sofá, aliás, literalmente se joga.

Levo o copo de conhaque e ela vira de uma só vez e pede outra dose, ela repetiu quatro vezes,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

respirou, me pediu para se sentar ao lado dela. Sentei-me e ela estava com um perfume de rosas delicioso e observei seu rosto e percebi que havia algumas marcas próximas aos olhos, seus lindos olhos azuis. Indaguei-lhe a respeito.

- O que foi isto em seu rosto?

- Isto. – Diz apontando para seu rosto. – Nada, eu escorreguei nestes dias, no *Bolshoi* ensaiando uma nova apresentação e levei uma pancada forte no rosto.

Não engoli muito aquilo, uma vez que sabia que ela estava afastada do balé já tinha uns trinta dias. Entretanto, não insisti sobre o assunto.

- Sabe Vittu, eu pedi o divórcio para aquele canalha. Você acredita que eu cheguei ao hotel na Grécia e ele estava com duas prostitutas na cama e ainda me convidou a se juntar com ele. Aquele porco velho fedido! – Esbravejou.

Assustei-me de certa forma, eu nunca tinha visto ela nervosa daquele jeito.

- Posso passar o natal com você? – Me diz com aquela carinha de anjo.

- Claro meu anjo. Não posso lhe prometer muito. Eu sinceramente não esperava sua visita, então não tenho muito a lhe oferecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não se preocupe Vittu. Sua companhia já é o bastante para mim. Você sabe disso.

Estranho que mesmo crescendo e se tornando mulher, Elizabete sempre me chamou de Vittu, mesmo diante de qualquer pessoa, por mais alta classe que ela tenha na sociedade.

- Se você diz, eu acredito.

- Sempre modesto você. Mas, me conte – Diz colocando a mão na minha perna. – E as namoradas? Acredito que são muitas.

- Onde?

- Sério Vittu, você não tem nenhuma namorada?

- Não.

- E a enfermeira Ilia. Você arrastava uma asa para ela.

- Era uma boa amiga apenas. Foi uma companheira de bons momentos.

- Posso te perguntar uma coisa Vittu?

- Claro. Você pode tudo meu anjo. – Incrível, sempre a chamo de meu anjo.

- Você já amou alguém, você já ficou com alguma mulher?

- O que é isso. Inquisição natalina. Acho que preciso de um conhaque, quer mais um? – Me

PERIGOSAS ACHERON

levanto para me servir e trago outro copo para ela que agora bebe com mais moderação. Volto a me sentar ao lado dela, olho bem dentro de seus olhos e digo pela primeira vez na minha vida.

- Sim, eu amo uma mulher. E não, nunca estive com uma mulher, se quer dizer sexualmente. – Engoli meu conhaque de uma só vez e levantei para preparar outro. A noite seria longa.

- Você foi bem direto. Eu conheço essa mulher?

- Sim, conhece muito bem.

- Vittu! Posso me deitar no seu colo como fazia quando era criança e você mexe no meu cabelo?

- Claro. – Ela se deita e recordo do vilarejo. Um filme inteiro se passou em minha cabeça.

- Me conta mais. – Diz ela agora fitando meus olhos.

- Sobre o que? – Pergunto.

- Sobre essa garota que você ama. Ela é uma boa mulher, ela sabe que você a ama?

- Sim, ela é uma mulher maravilhosa. Ela é o tipo de mulher que a gente tem vontade de acordar ao lado dela todos os dias até o fim de nossos dias. De olhar ela dormindo, tocar sua face, tocar seus cabelos, abraçar por trás bem devagarzinho e simplesmente ficar ali, ouvindo sua respiração e

agradecendo a Deus por ter tido a graça de encontrá-la.

- Vittu. Eu amaria ser essa mulher. Ninguém nunca me amou assim. Ninguém nunca me respeitou dessa forma como você sempre fez.

- Talvez ninguém a tenha amado de verdade, acho que todos só vêem a sua beleza exterior, e não a beleza da Elizabete que conheço. Aquela menina meiga, doce, intensa e verdadeira. Eles conhecem a Elizabete a primeira bailarina do *Bolshoi*, não a Elizabete de *Riomaggiore*.

- Você é um homem maravilhoso Vittu, você merece encontrar alguém que verdadeiramente lhe ame e te faça feliz.

- Não preciso conhecer ninguém, quem eu precisava conhecer eu já conheço.

- Não entendo Vittu.

- Não precisa entender meu anjo. Não precisa entender nada, apenas permaneça no meu colo assim, me olhando, já me sinto feliz.

- Eu também me sinto bem com você, me sinto protegida e amparada. Você nunca me deixou em nenhum momento.

- Nunca a deixarei meu anjo. Posso estar ausente, porém sempre presente em tua alma.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Vittu to ficando com sono.

- Venha, vou lhe preparar o quarto de hospedes, você descansa e amanhã é natal. Almoçamos juntos e colocamos a conversa em dia. Vamos subir. – Elizabete se levanta apoiando em mim como sempre fez desde pequena. Pego pela sua mão e subo as escadas enquanto Elizabete apóia sua cabeça no meu ombro. Literalmente a arrastei até o quarto.

- Você está meio bêbada.

- É. Acho que sim. – Dá uma linda gargalhada.

Não consegui dormir direito depois que deixei Elizabete por sobre a cama, literalmente desmaiou nela. Fui para meu quarto e resolvi ler um livro, estava totalmente sem sono, sentei na cama e fiquei ali por umas duas horas lendo, quando ouço passos no corredor, minha porta se abre lentamente e vejo Elizabete vestindo apenas uma longa e transparente camisola onde posso ver perfeitamente toda a sua linda silueta de bailarina, mesmo com a luz tênue existente no quarto. Fiquei sem saber o que fazer quando ela perguntou:

- Vittu. Não consigo dormir. Posso me deitar com você. Estou com medo de que ele venha me buscar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Quem vai vir te buscar? – Indaguei.

- Meu ex-marido, ele me bateu e estou com medo.

Eu sabia que ela não tinha caído nos ensaios, pensei comigo.

- Venha, deite-se aqui. – Me afastei para o lado naquela enorme cama medieval. – Se não tiver medo de dormir com um velho. Deite-se aqui.

Elizabete se aproximou, levantou o lençol e se deitou ao meu lado, se virou de lado para mim e perguntou.

- O que esta fazendo?

- Estou lendo um livro.

- Está sem sono também?

- Sim. Quando fico assim gosto de ler até o sono chegar. Geralmente funciona.

- Vittu, você bateria em uma mulher?

- Nunca.

- Ele batia em mim todos os dias me obrigava a fazer coisas nojentas que eu não queria. Eu não queria e ele me obrigava. Ele não era assim, depois de casou mudou tudo. Queria que eu parasse de dançar. Aliás, todos eles bateram em mim Vittu, por quê?

- Não sei meu anjo. Acho que eles não eram

PERIGOSAS ACHERON

homens de verdade. Não se bate em uma dama como você. Apenas se dá beijos e flores.

- Vittu me abraça. – Diz dengosamente.

Coloco o livro sobre o criado mudo, me deito ao seu lado, ela vira de costas e eu a abraço como sempre sonhei em toda a minha vida.

- É tão bom ficar aqui abraçada por você. Sinto-me segura.

- Você está segura comigo meu anjo. Durma enquanto eu te protejo. – Começo a passar a mão em seus cabelos e percebo que ela adormece após alguns minutos, estava cansada demais e bêbada. Fiquei ali a madrugada inteira sem conseguir dormir, apenas olhando e zelando por ela. Tive uma vontade tão intensa de beijar e abraçar com mais força, porém, tive medo de assustá-la e afastá-la de mim para sempre. Ela precisava de alguém para protegê-la. Apesar de toda a sua glória e seu sucesso, ela é um anjo frágil em busca do seu pequeno céu. Sempre fui seu porto seguro. Pensei na madrugada inteira até em mandar matar o ex-marido dela. Não conseguia imaginar como um homem pode trair e bater em uma mulher tão dócil e meiga. Elizabete era apenas um anjo, meu anjo.

- Bom dia meu anjo! – Disse levando uma

grande bandeja com um delicioso café da manhã para Elizabete. Apoiei sobre o criado mudo enquanto abri as cortinas para o sol entrar.

- Que horas são? – Indagou sonolenta esfregando os olhos.

- Onze horas meu anjo.

- Nossa! Como dormi. Lá no *Bolshoi* acordamos as cinco todos os dias e trabalhamos até às dez da noite. Todos acham que vida de bailarina é fácil.

- Tome seu café e se troque. Estou preparando um almoço delicioso para nós. Um almoço como fazíamos em *Riomaggiore*.

Desci para cuidar da cozinha, apesar de não ter o hábito de cozinhar e sempre comprar tudo pronto, eu sabia cozinhar desde pequeno, minha mãe me ensinou tudo e no exército acabei me virando bem, se não fosse isso ia passar fome com aquelas rações que eles forneciam.

Um dia radiante e feliz, assim era o Natal e acompanhado por Elizabete, simplesmente completo. Estava tão distraído que não percebi Elizabete se aproximar em um lindo vestido branco todo cheio de bordados florais, com os cabelos soltos, fazia tempo que não os via assim, desde que

se transformou em bailarina, sempre a via com os cabelos presos. Ela se aproximou com aquele batom vermelho que eu amava e me deu um beijo no rosto. Sinto até hoje aquele batom estampado em mim, juro. Ela começou a fuçar as panelas como sempre fazia.

- O cheiro está muito bom. O que temos?
- Surpresa meu anjo. Aceita um vinho tinto?
- Sim. Deixe que eu pego, onde está?
- Ali, naquela dispensa. – Falo apontando.

Ela abria uma garrafa de vinho com a maior tranquilidade. Serviu em duas taças, me entregou uma e brindamos como sempre fazíamos.

- Brindamos a que?
 - Ao amor.
 - Ao amor. – Responde ela brindando comigo.
- Bebericamos um pouco.

- Vinho delicioso. De onde é?

- Adivinha.

- Não, sério que é de *Riomaggiore*.

- Sim. Safra especial.

- Vittu, você é demais. Eu te amo. – Se joga nos meus braços loucamente.

Relembramos o passado em *Riomaggiore*, ela me contou com mais detalhes sua vida amorosa e

fiquei triste por tudo que ouvi, sabendo que poderia lhe fazer feliz se ela deixasse. Almoçamos e a tarde nos dirigimos até a *Torre Eiffel* em um evento de Natal que havia ali. Aproveitamos e visitamos o *Arco do Triunfo*, passeamos por uma Paris romântica, sempre de mãos dadas, quem nos visse, diria com certeza que éramos um casal de namorados, só não tínhamos intimidade para isso. Paramos em um café e findamos a tarde rindo muito e saboreando um delicioso croissant. Foi o natal mágico e inesquecível para mim.

Elizabete permaneceu naquela semana toda comigo, um dia antes da véspera de Ano Novo, disse que teria que voltar para Moscou, os ensaios e os trabalhos começava na primeira semana do ano.

Encontramo-nos por mais um natal, e foi inesquecível até ela se casar novamente e acabei passando vários outros natais sem nenhuma notícia dela. Minha vida foi o tempo todo um grande natal vazio.

1937: ANO DIFÍCIL

(a persistência e dedicação de Elizabete foram cruciais para conquistar a bolsa do Balé Bolshoi)



Quando Dona Domenica adentrou a minha casa pela porta da cozinha aos berros e gesticulando muito:

- Vittorio! Vittorio!

- O que aconteceu Dona Domenica? – Respondi assustando parando o que estava fazendo imediatamente.

- Elizabete caiu e está chorando de dor. Venha preciso que a leve para o Sr. Neco. Vamos meu rapaz.

Larguei tudo imediatamente, minha mãe apenas deu um olhar de consentimento, porque sabia a importância de Elizabete para mim. Deixei minha mãe sozinha preparando alguns pães encomendados

PERIGOSAS ACHERON

pelos moradores do vilarejo. Sai correndo pela porta e nem ao menos olhei para trás, desci rapidamente até a casa de Dona Domenica, que sem fôlego, chegaram alguns minutos atrás de mim. Quando cheguei a sua sala, as outras meninas estavam em volta de Elizabete que estava deitada no chão chorando e gritando de dor, fui afastando elas e me ajoelhei perto de Elizabete:

- O que aconteceu meu anjo?

- Meu tornozelo está doendo muito Vittu. Eu escorreguei quando estava fazendo um sissone, e não consegui fechar a perna a tempo, senti uma tontura e caí com a ponta do pé e deixei meu corpo cair sobre ele. Vittu ta doendo muito.

- Deixe-me dar uma olhada nisto. – Eu tirei a sua sapatilha e tive que rasgar a meia, quando fiz isto me assustei com a imagem de seu tornozelo totalmente inchado. – Isso não é bom, está muito inchado. Vou te levar até o Sr. Neco. Segure no meu pescoço meu anjo.

Ela se segurou com lágrimas nos olhos, as meninas se afastaram. Peguei-a no colo e corri para a casa do Sr. Neco que ficava bem no alto do vilarejo, percorri todo o percurso correndo com ela nos braços, Dona Domenica ofegante atrás de mim

e as meninas de collant e saia atrás, parecia cômico, contudo era trágico demais ter acontecido aquilo com meu anjo. Cheguei esbaforido na casa do Sr. Neco e logo fui entrando, em nosso vilarejo não temos o costume de trancar portas ou algo assim, sempre estava aberta para todos.

- Sr. Neco! – Chamei segurando Elizabete no meu colo.

- Um momento que já vou. – Respondeu imediatamente.

O Sr. Neco não era médico nem nada, contudo tinha muitos conhecimentos sobre medicina e preparava ervas e chás para todos do vilarejo, praticamente ele curava todos que o procuravam.

- O que aconteceu Vittorio?

- Elizabete torceu o tornozelo e está muito inchado, o senhor pode dar uma olhada.

- Claro, coloque-a sobre aquela cama.

Levei Elizabete até uma cama no canto da sala e a deitei lentamente com cuidado para que não sentisse tanta dor, mesmo assim seus lindos olhos azuis estavam cheios de lágrimas e seu rostinho era pura expressão de dor. Acredito que mais doía em mim do que nela. O Sr. Neco se aproxima, olha, coloca a mão e apalpa e Elizabete se sobressalta

imediatamente reclamando de dor.

- Isso não é bom. Isso não é bom. – Fica resmungando baixinho enquanto olha, analisa, para um pouco, coloca a mão no queixo com um ar pensativo. – Esperem aqui, vou preparar um unguento com banha de baleia e algumas folhas que irão ajudar. Esperem aqui.

Concordei e fiquei ali em pé na sala enquanto Elizabete resmungava de dor na cama, me aproximei dela, me ajoelhei e fiquei ali alisando seus cabelos para que se acalmasse. Ela me olhava com desespero e me deu certa agonia ver aquela carinha de dengo. O Sr. Neco chegou à sala com uma bacia, algumas ervas e um pedaço de pano dizendo:

- Vou fazer uma atadura para imobilizar o tornozelo dela com a gordura da baleia quente e estas folhas, e você irá dar isto a ela de tempos em tempos para amenizar a dor que ela sente. Entendeu Vittorio?

- Sim senhor. – Respondi.

O Sr. Neco imobilizou o tornozelo de Elizabete enquanto ela chorava e reclamava que estava doendo a cada movimento que ele fazia enrolando o pano em volta dele, quando terminou, me disse:

- Leve ela para casa, deite-a na cama sem que se mexa muito, ela não vai poder levantar pelos próximos dias. Amanhã à tarde vou lá dar uma olhada e trocar o unguento.

- Está bem Sr. Neco, obrigado.

- Não precisa agradecer Vittorio, sabe que a menina Elizabete é como uma filha. Cuida bem dela.

- Pode deixar. – Pensei comigo, que pedido esquisito, a coisa que mais faço é cuidar dela.

Peguei novamente Elizabete no colo e a levei para sua casa, a sua mãe a Sra. Concheta já esperava na porta ansiosa, claro que veio atrás de mim uma verdadeira procissão, Dona Domenica, as meninas do balé e mais uma centena de curiosos. Entrei e coloquei Elizabete em sua cama no seu quarto, dei para ela a infusão de ervas que o Sr. Neco pediu, deitei sua cabeça e me sentei um pouco na cadeira ao lado da cama, enquanto a Sra. Concheta e Dona Domenica conversavam na sala, Dona Domenica tentava em vão explicar o que havia acontecido, enquanto a Sra. Concheta tentava acalmá-la. Era até engraçado, porque a mãe acalmava a professora em vez de ser o inverso. Fiquei ali sentado em silêncio, segurando a mão de

PERIGOSAS NACIONAIS

Elizabeth que vez ou outra expressava dor com alguns gemidos, quando isto acontecia apertava minha mão com mais força. Perguntei a ela:

- Você está melhor meu anjo?

- Não Vittu, está doendo muito. Será que não vai passar? – Respondeu com expressão de muita dor e tristeza.

- Fique tranquila meu anjo, vai passar. Pode apostar que vai passar. Estou aqui com você. – Dizia enquanto acariciava sua mão.

- Vittu!

- Sim.

- E se eu não conseguir dançar mais, o que vou fazer da minha vida?

- Não pense assim. Você vai dançar novamente. Ainda será a primeira bailarina do *Bolshoi*.

- Você acredita mesmo?

- Acredito em você.

- Vittu é daqui dois meses o teste para a bolsa. E se não me recuperar até lá?

- Você consegue. Cadê aquela Elizabeth que conheço?

- Não sei, ela está com medo, creio eu.

- Medo? É uma palavra nova para minha Elizabeth. Medo não existe em seu dicionário.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela esboça um leve riso, isto me alegra e responde:

- Tem razão, e não devo ter medo de nada. Cheguei até aqui e vou conseguir.

- Sim, esta é minha Elizabete.

Acaba sorrindo enquanto permaneço ali por algum tempo, não tenho noção das horas que fiquei sentado ao seu lado segurando a sua mão. Apenas me lembro de a Sra. Concheta me chamar, acordei de um sono, olhei para o lado e Elizabete dormia docemente, dei um beijo em seu rosto e fui para casa, dizendo boa noite a Sra. Concheta que me disse:

- Obrigado Vittu.

- Que é isso Sra. Concheta, é um prazer.

- Eu sei. Agradeço todos os dias por Deus ter colocado um anjo na vida de minha Elizabete, não sei o que faria sem você por perto.

- Eu que agradeço a senhora pela confiança e de me dar à oportunidade de cuidar de um anjo do céu. Boa noite Sra. Concheta. Até amanhã.

- Até Vittu. Vai com Deus.

- Amém. – Desci até minha casa, minha mãe já havia se deitado e vi que ainda tinha alguns pães por sobre a mesa para embrulhar, aproveitei e

PERIGOSAS ACHERON

terminei o serviço dela, fui me deitar bem casado e dormi como uma pedra.

Acordei com o sol batendo em meu rosto, vi que minha mãe já havia se levantado, fui até o banheiro e joguei uma água no rosto para terminar de acordar. Já havia um delicioso café me esperando com um fresco pão italiano e salame. Algo divino em *Riomaggiore*. Éramos pobres e humildes, todavia comíamos divinamente bem. Ajudei minha mãe e sai para entregar alguns pães de encomenda, logo após o almoço fui até a casa de Elizabete para ver como estava. Quando cheguei por lá, o Sr. Neco já estava em consulta com ela, vi que havia tirado a espécie de tala com gordura de baleia, ele balançava a cabeça e repetia.

- Isso não é bom. Isso não é bom.

Indaguei o queria dizer.

- Hoje está inchado e de um roxo horrível, veja Vittorio. – Olhei e realmente concordei com ele, estava horrível. Elizabete esticava o pescoço para ver também, entretanto não conseguia.

- Teremos que levá-la a um hospital de verdade. As ervas não darão conta do recado. Eu lamento muito.

- Mas Sr. Neco, o hospital mais próximo de

Riomaggiore fica a dez dias de barco, ela não vai agüentar a viagem.

- O jeito é arrumar medicamentos com os navios mercantes que atracam no porto devem ter algum que tenha antibióticos e antiinflamatórios mais potentes do que minhas ervas.

- Vou verificar se tem algum.

- Está bem, se conseguir me avise. Direi-lhe como deve dar a ela. Enquanto isto vai continuar com as ervas e vou refazer a tala com a gordura de baleia.

Retornei quase no início da noite, e com muita sorte achei um navio atracado no porto que descarregava mantimentos, o seu capitão gentilmente cedeu alguns medicamentos por cortesia depois que expliquei o caso de Elizabete. Naquela mesma noite iniciamos o seu tratamento mais intensivo, ela não estava nada bem, as dores haviam aumentado muito e se tornaram insuportáveis além de que estava muito inchado e preto.

Foram necessários dois dias para que a situação de Elizabete se estabilizasse e sentimos melhora, o inchaço começou a sumir e parecia que o preto também, reclamava menos das dores, contudo

ainda dizia que seu tornozelo e seu pé estavam muitos sensíveis ao toque, qualquer coisa a incomodava. Nunca havia visto Elizabete daquele jeito, estava muito preocupado com ela, senti pela primeira vez um desânimo que não era natural dela.

O tempo passou muito rápido aqueles dias e quando nos demos conta, já havia se passado quase vinte dias com Elizabete em uma cama, abatida e sem coragem de colocar o pé novamente no chão, após muita insistência minha e de sua mãe, a convencemos tentar sair da cama e dar alguns passos. Aproximei-me da cama, ela se segurou no meu pescoço enquanto sua mãe colocava seu pé lentamente no chão, podia se perceber o pânico de Elizabete. Quando tocou o pé no chão, gritou de dor e dizia.

- Não. Não. Não quero, quero ficar na cama. Deixem-me vocês dois. Deixem-me aqui na cama sozinha. Saiam.

Recoloquei-a na cama e a deixamos a sós por algum tempo, podia se ouvir claramente seu choro na sala, eu e a Sra. Concheta apenas ficamos em silêncio. Em certo momento ouvi Elizabete me chamar:

- Vittu! Vittu!

Entrei no quarto o mais rápido possível:

- O que foi meu anjo?

- Me ajude aqui. – Disse enxugando as lágrimas. – Está na hora de sair desta cama. Vamos o que está esperando. Ajude-me.

Aproximei e ela segurou em meu pescoço com força e se apoiou sozinha movendo o seu pé em direção ao chão. Não disse uma só palavra, porém percebi em seu rosto a dor. Insistiu e foi até a sala. Uma semana depois já estava andando praticamente sozinha se apoiando em uma bengala improvisada. Certa manhã quando cheguei a sua casa, estava na sala com collant, saia, fita no cabelo. Olhou-me nos olhos e disse:

- Está na hora de voltar a dançar. Leva-me até a Dona Domenica?

- Claro meu anjo. – Estendi meu braço, ela se apoiou em mim e descemos até a casa onde sua vida se transformava. Ao chegar lá, Dona Domenica e as meninas a receberam com festa, se percebia o seu sorriso e podia claramente notar que Elizabete voltou.

Nos últimos dias, Elizabete havia redobrado o seu treinamento, levantava cedo e se dedicava a estudar. Ensaiaava ardorosamente o dia todo,

incansavelmente. Seu tornozelo ainda não estava cem por cento e por vezes percebíamos certa expressão de dor. Algo que talvez ela ignorasse no momento. Certo dia Dona Domenica após os ensaios. Chamou todas as meninas e deu à grande notícia que aguardavam com ansiedade:

- Amanhã chegará ao porto a Senhora Elenca Modvila, ela é uma das diretoras do *Balé de Bolshoi*, está viajando pela Europa selecionando meninas para ingressarem no balé como bolsistas. Amanhã faremos a apresentação em grupo que já ensaiamos e cada uma de vocês fará um solo como planejado. Espero que ela goste. Então vão para casa, descansem. Boa noite.

- Boa noite Dona Domenica! – Respondem em coro as meninas do balé.

Subi com Elizabete até sua casa como sempre fazia. Deixei com sua mãe, de certa forma todos sabiam que no dia seguinte o futuro de Elizabete estaria definido e que eu a perderia. Senti uma dor no peito e um sentimento ruim, me achei egoísta por isto em pensar somente em Elizabete para mim. Desde que a vi, sabia que Elizabete era para o mundo. Culpo-me até hoje por este sentimento, ao mesmo tempo não me perdôo por não ter dito

naquela noite o que realmente sentia por ela. Pergunto-me se dissesse que a amava. Será que ela trocaria o sonho de ser a primeira bailarina do *Balé de Bolshoi*. Por um amor rude como o meu? O que poderia oferecer à Elizabete? Como poderia competir com um sonho de infância? Hoje talvez eu tenha as respostas, naquela época apenas me culpei por deixá-la ir de *Riomaggiore*.

1941: A PRIMEIRA BAILARINA

(ela teve mérito, porém, se transformou na primeira bailarina por um mero acidente)



Leningrado estava agitada naquela manhã, principalmente em seu teatro onde o corpo de balé do *Bolshoi* se apresentaria encenando O Lago dos Cisnes, mas não era o corpo de bailarinos principais, a primeira bailarina e o primeiro bailarino estavam em Moscou para a mesma apresentação no Teatro do *Bolshoi*. O balé mantinha basicamente dois grupos de bailarinos encenando o mesmo espetáculo, o balé principal se apresentava nas grandes capitais mundiais enquanto os do segundo corpo de balé viajavam o país. Era uma forma que o *Bolshoi* encontrava para treinar

seus bolsistas e selecionando naturalmente que se destacava entre eles para fazer parte do primeiro corpo de bailarinos. Elizabete teoricamente já era considerada a segunda bailarina, era a bailarina principal deste grupo, ela estava com os demais em um estúdio de balé ao lado do teatro desde as seis horas da manhã fazendo aquecimento, exercícios e passando alguns trechos dos atos que seriam apresentados a noite. Desde que Elizabete chegou ao *Bolshoi* em 1938 já havia se apresentado inúmeras vezes em pequenos teatros para um público reduzido de espectadores. Estavam todos comprometidos e se dedicando aos ensaios quando abruptamente entra o assistente de palco chamando por Elizabete.

- Elizabete! Elizabete! Onde está você menina.
— Diz entrando no estúdio de balé tentando localizar ela visualmente, quando a vê completa. —
Ai está você. Precisa ir para Moscou agora mesmo, os diretores querem que você vá imediatamente para Moscou, está me entendendo mocinha.

- Sim. — Responde Elizabete ainda confusa. —
Porque querem que eu vá, tenho uma apresentação hoje à noite aqui e...

- Sem perguntas mocinha. Eveline, você passa a

PERIGOSAS NACIONAIS

ser a segunda bailarina na apresentação de hoje à noite. E você moça. – Aponta para Elizabete. – Está esperando o que. Vá se trocar, uma vez que a viagem é longa e cansativa. Vá. Se mexa. E vocês também voltem aos ensaios.

Elizabete sem entender nada, pega uma toalha e vai para o chuveiro. Muito nervosa e ansiosa sem saber qual o motivo que a querem em Moscou. “Será que perdi minha bolsa”, pensava consigo mesma enquanto se trocava. Ao sair do estúdio de balé um carro a aguardava para levar até a estação de trem. Por toda a viagem Elizabete não conseguiu fechar os olhos de tanto pensar em que estaria acontecendo.

Chegou por volta das três horas da tarde no Teatro do *Bolshoi*, foi recebida pelo sargento, a Diretora de Balé, Sra. Irina Romanov que já a recebeu aos berros.

- Demorou demais. Vamos, vá se preparar. Espero no estúdio de balé em quinze minutos para passarmos alguns atos de O Lago dos Cisnes. Você se apresenta hoje à noite no Teatro como primeira bailarina.

Elizabete ouviu aquilo e sentiu as pernas tremerem enquanto caminhava para se trocar.

PERIGOSAS ACHERON

Como poderia ser a primeira bailarina de uma hora para outra. O que aconteceu com Elena Krakiova? Trocou-se rapidamente e entrou no estúdio de balé onde vários bailarinos e bailarinas estavam ensaiando, todos deram uma olhada de desprezo para Elizabete enquanto a Sra. Irina gritava a todos:

- Prestem atenção aqui. Olhem para mim. – Esbravejou.

Todos automaticamente pararam o que faziam e olharam em silêncio para a Sra. Irina que gritou em bom e alto tom:

- Elizabete será a partir de hoje a primeira bailarina do *Bolshoi*, todos vocês já a conhecem e não quero ouvir nenhum comentário sobre isto. Quero que todos recebam a Srta. Elizabete e a ajudem no que for necessário. A Sra. Elena Krakiova não faz mais parte do quadro de balé do *Bolshoi*, nesta madrugada a Sra. Elena Krakiova sofreu um acidente em um bar de Moscou quebrando o seu fêmur, cuja recuperação será longa e demorada. Ela foi expulsa do corpo de balé, uma vez que estava totalmente bêbada quando aconteceu o acidente. Todos sabem que o *Bolshoi* condena qualquer ato de alcoolismo ou outros vícios entre seus integrantes do corpo de balé.

PERIGOSAS NACIONAIS

Podem continuar.

Todos se entreolham e conhece perfeitamente que o problema do álcool no *Bolshoi* é incontrolável, a vodca principalmente acaba se tornando um mal necessário para todos porque ameniza as dores musculares, relaxa, esquentando devido ao frio intenso que faz em Moscou e sempre é uma boa companheira nas horas de solidão a qual são obrigados a viverem todos que fazem parte do balé.

Antes de a Sra. Irina Romanov sair da sala, Elizabete a chama:

- Sra. Irina, por favor. – A Sra. Irina olha para trás com um olhar avassalador. – O que é menina?

- Eu. – Engasga, engole e demora a falar.

- Vamos logo, não tenho tempo a perder com bobagens.

- Eu não posso será a primeira bailarina. Não estou preparada. Desculpe-me. Eu não posso dançar hoje à noite. Eu não vou conseguir.

- Menina, ouça bem o que vou lhe dizer. Atentamente. – Diz colocando a mão direita sobre o ombro de Elizabete e se aproximando olhando em seus olhos.

PERIGOSAS ACHERON

- Se existe alguém aqui nesta porcaria de balé que está preparada para isso é você. Então não me venha com desculpas esfarrapadas. Você estuda desde que nasceu, é o que quer, é o que deseja fazer. Então você é a única preparada para ser a primeira bailarina, você concorde ou não. Então mexa esse seu rabo da minha frente, vá lá e mostre a eles que tem capacidade. Vejo-te a noite no espetáculo. A Sra. Irina sai deixando Elizabete em pé apenas observando e sentindo suas pernas tremerem enquanto todos discretamente a observam com uma ponta de inveja.

Nove horas da noite em Moscou, o Teatro de *Bolshoi* se encontra com lotação máxima e neste dia em especial, contam com a presença do rei, rainha e príncipe da Cracóvia, além de outras autoridades da União Soviética como o primeiro ministro e a imprensa especializada. Na coxia do teatro os bailarinos e bailarinas se aqueciam e vez por outro comentavam sobre o ocorrido com a Elena Krakiova. Elizabete estava em seu camarim se preparando, estava nervosa quando ouve bater na porta, a voz do assistente de palco diz:

- Dez minutos. Dez minutos.

A tensão aumenta e Elizabete termina de se

maquiar, levanta-se, faz um exercício de respiração, conta mentalmente até dez, respira fundo e sai do seu camarim em direção ao palco, enquanto se dirigia ao palco principal ouvia milhares de vozes do público que lotava o Teatro de *Bolshoi* para a apresentação de O Lago dos Cisnes, um verdadeiro clássico do balé dramático escrito em quatro atos pelo compositor russo [Tchaikovsky](#), sua primeira apresentação foi em 20 de fevereiro de 1877 encomendado pelo próprio Teatro de *Bolshoi*.

O Lago dos Cisnes é composto por quatro atos, sendo eles:

Primeiro Ato - No castelo realiza-se com toda a pompa o aniversário do príncipe Siegfried. A rainha-mãe oferece ao filho como presente um Baile e pede-lhe que, no dia seguinte, escolha uma esposa entre as convidadas da festa. Quando os convidados saem do castelo, um grupo de cisnes brancos passa perto do local. Enfeitiçado pela beleza das aves, o príncipe decide caçá-las.

Segundo Ato - O lago do bosque e as suas margens pertencem ao reino do mago Rothbart, que domina a princesa Odette e todo o seu séquito sob a forma de uma ave de rapina. Rothbart transformou Odette e as suas donzelas em cisnes, e só à noite

PERIGOSAS NACIONAIS

lhes permite recuperarem a aparência humana. A princesa só poderá ser liberta por um homem que a ame. Siegfried, louco de paixão pela princesa das cisnes, jura que será ele a quebrar o feitiço do mago.

Terceiro Ato - Na corte da Rainha aparece um nobre cavaleiro e sua filha. O príncipe julga reconhecer a filha do cavaleiro a sua amada Odette, mas, na realidade, os dois personagens são o mago Rothbart e sua filha, Odile. A dança com o cisne negro decide a sorte do príncipe e da sua amada Odette: enfeitiçado por Odile, Siegfried proclama que escolheu Odile como sua bela futura esposa, quebrando assim o juramento feito a Odette.

Quarto Ato - Os cisnes brancos tentam em vão consolar a sua princesa. Odette, destroçada pela decisão do príncipe, sente-se traída e diante daquele lago de lágrimas de seus parentes Odette se mata, ao mesmo tempo o príncipe retorna ao lago e ao ver aquela cena ele se mata junto a sua amada, pois não conseguia conviver junto aquela culpa.

Elizabete se posiciona na frente dos demais bailarinos, todos se entreolham, a música tem início, as cortinas se abrem e ato por ato o teatro se

PERIGOSAS ACHERON

resplandece pela intensa história que emociona a todos em cada apresentação. Elizabete foi à primeira bailarina do *Bolshoi* a se apresentar como Odette por mais vezes em toda a história do balé, e foi à única estrangeira a ocupar esta posição.

No fim da apresentação, após duas horas de drama e emoção, a cortina se fecha, um grande e estrondoso som de aplausos preenche o palco e todo o teatro em um eco inesquecível. Pela segunda vez a cortina se abre, Elizabete faz o gesto de agradecimento se curvando diante da platéia em delírio e milhares de flores são lançadas aos seus pés, quando uma menina entra com um bouquet de rosas para Elizabete. Naquela noite ela provou ao mundo para que chegou. Aquela menina de *Riomaggiore* emocionou a todos ali presentes e a repercussão mundial foi imediata. Elizabete se transformou na primeira bailarina por um acidente, contudo, teve méritos para honrar a difícil missão de ser um cisne.

Elizabete é recebida no camarim com um forte abraço do sargento, a Sra. Irina Romanov que lhe dá uns solavancos chacoalhando pelos ombros com um largo e belo sorriso. Apesar de toda sua rusticidade, foi uma das poucas que acreditou no

talento de Elizabete desde que chegou ao *Bolshoi*. Inúmeras personalidades vieram cumprimentá-la, inclusive o primeiro ministro russo que apresentou o Príncipe Hurocky II da Cracóvia. O Príncipe gentilmente lhe beijou a mão e a parabenizou pela grande apresentação de forma educada e com muito interesse por ela. Ouve certa troca de olhares de cumplicidade e timidez. No dia seguinte Elizabete recebeu um vaso de orquídeas com um cartão do Príncipe solicitando gentilmente para almoçar com ele no Palácio de Catherine que era de propriedade de sua família há muitos anos. Elizabete tentou recusar o convite, porém a Sra. Irina Romanov não achava de bom tom, principalmente agora que era conhecida internacionalmente. Ela recusar tal oferta. Insistiu tanto que Elizabete foi ao seu encontro do Príncipe. A partir deste almoço, e de muitos outros jantares e passeios, tive a convicção de que perderia ela para sempre.

1945: CASAMENTO DE PRINCESA

(Elizabete se casa com o Príncipe Hurockv II da Cracóvia e se torna Princesa)



Paris estava em pleno verão e tentando se reconstruir após ataques alemães que destruíram mais da metade da cidade, era um pós-guerra e muitas coisas ainda deveriam ser feitas, todos tentavam de certa forma se reestruturar e dar início a uma nova vida. Os empregos ainda eram escassos, entretanto o comércio e a indústria começavam a dar sinais de recuperação. Eu estava com o Sr. Hubert Beuve-Méry tocando o *Le Monde*, ainda experimentando e inovando, todavia podíamos perceber que o futuro do jornal seria bom, havia muita coisa a fazer. Eu acabara de

comprar a Maison, minha residência em Paris por uma pechincha de 100 francos, era um palacete semidestruído construído no início do século, como muitos moradores parisienses haviam abandonado a cidade, a Prefeitura de Paris resolveu leiloar vários imóveis abandonados para que seus novos moradores pudessem reformá-los e trazer novamente a vida para Paris, foi em uma dessas oportunidades que acabei adquirindo a Maison. Quando a guerra terminou, recebi do exército italiano a quantia equivalente de 1.000 francos e algumas medalhas, sai no posto de 1º. Sargento e com certo prestígio. Por sorte havia conhecido meu grande amigo, o Sr. Hubert Beuve-Méry e havíamos iniciado um grande negócio, a criação de um jornal chamado *Le Monde*.

Estava animado com a reforma de minha Maison, como tinha habilidades manuais eu mesmo fiz grande parte da reforma entre janelas, vidraças, conserto de telhado, parte elétrica, hidráulica e pintura. Alguns dos móveis e utensílios foram recolhidos da Paris destruída, havia muita coisa boa jogada fora e acabei montando meu lar de uma forma que acabei não gastando praticamente nada. Apesar da tragédia de algumas pessoas perderem

tudo, por um lado, muitos saíram ganhando. Existem estes dois lados da guerra e do capitalismo, uns ganham, outros nem tanto.

Minha vida estava começando a tomar um rumo até que um dia recebi um envelope enorme, todo branco com o selo real da Cracóvia, a princípio não entendi, apenas fiquei surpreso e quando o abri, fiquei estarecido e chocado com o que li, porque vivíamos um momento especial na história, estávamos em um pós-guerra e tentávamos reconstruir nossas vidas. Em Londres havia ocorrido um acordo entre o Reino Unido, a França, os Estados Unidos e a União Soviética, que criava um Tribunal Militar Internacional para, em nome das 26 nações que combateram contra a Alemanha, julgar 24 líderes e seis organizações nazistas. No mesmo ano, dois dias antes do casamento de Elizabete teve início as sessões de julgamento do “Tribunal de Nuremberg” destinado a julgar os criminosos de guerra. O mundo estava tentando se restabelecer e as nações lutavam para amenizar o sofrimento deixado pela guerra, mesmo assim, Elizabete tinha o direito de ser feliz, porém, isto me importunava muito e fiquei mais importunado quando abri o envelope e dentro havia uma carta

com instruções e um envelope menor, lacrado com o selo Real da Cracóvia onde podia se ler perfeitamente:



A família Real da Cracóvia convida vossa ilustríssima senhoria para participar do Enlace Matrimonial do

*Príncipe Charles Hurocky II
E
Senhorita Elizabete Drebes*

A cerimônia será realizada em 22 de novembro de 1945, na Catedral de Wawel às 16h45min.

Os noivos receberão seus convidados para o baile nupcial no Castelo de Catherine da família Real da Cracóvia.

Chocado talvez não fosse à palavra exata, comecei a suar frio e com muita tristeza li uma carta anexa ao convite, era escrita de próprio punho por Elizabete que tentava minimizar o choque explicando-me o porquê estava se casando, além de tudo, queria que entrasse com ela na Catedral, já que não tinha mais família e eu era a única pessoa mais próxima a ela. Naquele momento senti muito

ódio de mim mesmo e me culpo até hoje por isso. Além de perder meu anjo, teria que entrar com ela ao meu lado e entregá-la a outro homem. Isso era o fim para mim.

O dia 22 de novembro chegou a uma velocidade estonteante, não percebi, já que estava tão compenetrado na reforma de minha Maison e trabalhando muito no *Le Monde*, não percebi o tempo passar tão rapidamente, por um lado, isto foi ótimo, acabei não sofrendo tanto pensando no assunto e tirei de certa forma Elizabete de meus pensamentos por um longo período, no entanto o dia fatídico para mim estava próximo, tive que me preparar psicologicamente e mentalmente para enfrentar aquela data que marcou minha vida. Embarguei para aquele casamento na Cracóvia muito triste e desiludido. Claro que estava feliz e também muito confuso por Elizabete ter encontrado alguém que realmente cuidasse dela, acho que esse Príncipe, literalmente seria um “príncipe” que realmente transformaria sua vida para melhor. Pensando desta forma eu não sofria tanto.

A data fatídica chegou e eu estava na escadaria da entrada da Catedral de Wawel exatamente no horário vestindo um estiloso fraque

de gala, a carruagem de Elizabete escoltada por cavaleiros vestidos em trajes militares de guerra foi uma coisa impressionante e me lembrou, desculpem os leitores, a cena em que Cinderela foge do palácio naquela carruagem de abobora. Sei que era uma comparação ridícula, mas, foi o que me veio à mente naquele momento. A carruagem real parou a alguns metros do início da escadaria, o auxiliar que estava ao lado do condutor, desceu, abriu a porta, abaixou uma espécie de escada e pude ver pela primeira vez Elizabete lindamente vestida de princesa. Ela estava linda e ali quase parei. Meu coração acelerou e a vontade que tive naquele momento foi sequestra-la. A multidão se aglomerava ao redor da *Catedral de Wawel* em um misto de curiosidade e adoração, afinal Elizabete seria em breve sua rainha. Elizabete me viu e deu aquele lindo sorriso, eu me aproximei, beijei a sua mão em sinal de respeito e me curvei. Subimos as escadas parando na porta da entrada enquanto algumas mulheres acertavam os últimos detalhes de seu vestido, eram muitas ao seu redor e fiquei perdido de tanta falação. Eu não conseguia parar de suar frio, estava muito nervoso, pela cerimônia e pelo fato de estar ao lado dela. Sentia seu perfume,

PERIGOSAS NACIONAIS

sentia sua mão e sua respiração. Vocês não imaginam o que é estar ao lado de Elizabete Drebes, é indescritivelmente como estar no céu, ou talvez, sei lá, ao lado de um anjo.

A marcha nupcial teve início, todos dentro da Catedral lotada por reis e diversas autoridades do mundo todo, entre primeiros ministros, presidentes, generais e outros tantos que ao perceberem Elizabete, se levantaram e dirigiram seus olhares para ela e conseqüentemente eu que estava ao seu lado, muitos deveriam estar se perguntando quem era eu afinal, muitos ficaram sem resposta até hoje. Caminhamos lentamente acompanhando o compasso da marcha enquanto todos reverenciavam a nova Princesa da Cracóvia, o Príncipe Hurocky estava em pé no altar, enquanto seus pais estavam ao lado um pouco mais acima. Quando nos aproximamos, cumprimentei o Príncipe e me curvei, entreguei-lhe a mão de Elizabete, sei que saí do protocolo real ao lhe dar um beijo na testa em sinal de respeito, muitos acharam aquilo uma falta de respeito com a Princesa, contudo, Elizabete compreendeu o significado daquele ato. Confesso que foi uma cerimônia linda, recheada de cânticos gregorianos.

PERIGOSAS ACHERON

Realmente eles sabem fazer um casamento ser emocionante, naquela hora e meia de cerimônia, me flagrei algumas vezes tentando esconder algumas lágrimas que insistiam em me perturbar. Até houve estranheza por alguns ao meu lado que sempre cochichavam. Não me importava com isto, estava triste.

Após a cerimônia na Catedral de Wawel fomos conduzidos por diversos veículos Mercedes na cor preta e milhares de carruagens até o Palácio de Catherine que seria oficialmente a residência do casal após aquela data. Quando cheguei ao palácio uma pequena multidão se aglomerava em seu imenso salão revestido de mármore e ouro com lustres de cristais imensos que iluminavam todo ambiente, uma grande orquestra tocava ao fundo algumas músicas que reconheci de Vivaldi, Mozart, Beethoven entre outros. Procurei com os olhos por Elizabete e não a vi, permaneci ali tentando fazer alguns contatos apesar de que a língua atrapalhava bastante, eu não falava nada de Polonês e a grande maioria só falava nessa língua, vez ou outra encontrava alguém que falava Inglês ou Francês. Não sei por quanto tempo fiquei vagando naquele salão enorme a procura de Elizabete, somente

PERIGOSAS NACIONAIS

depois descobri que ela não estava no salão, estava trocando de roupa e desceria para dançar a valsa com seu esposo que já aguardava no salão rodeado por amigos e alguns seguranças mal encarados. Em certo momento a música parou e todo o barulho do salão também, as pessoas ali presentes ficaram em silêncio e moveram quase que simultaneamente seus olhares para o topo da escada. Elizabete estava ali em pé, lindamente vestida em seda e pérolas, toda de branco desce as escadas com graça e o charme que fazem parte desde que era criança. Eu apenas a acompanhei com os olhos e percebi que haveria uma oportunidade única de trocar algumas palavras com ela no fim da escada, antes da valsa nupcial, até aquele momento não havíamos trocado uma só palavra, apenas nos cumprimentamos e seguimos o cerimonial. Comecei a empurrar literalmente as pessoas, afastando-as de minha frente e cheguei afoito ao pé da escada, quando estendi minha mão para ajudá-la no ultimo degrau, ela me agradeceu, segurou em meu braço e nos dirigimos até o centro do salão onde o Príncipe já aguardava, nestes segundos trocamos algumas palavras somente:

- Obrigada Vittu por ter vindo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não precisa agradecer meu anjo, você sabe que sempre farei tudo o que quiser e precisar.

- Eu sei e te peço desculpas.

- Desculpas?

- Sim, em não ter te preparado para isso. É que foi tudo muito rápido. Fui pega de surpresa também, como você.

- Compreendo. Acho que é o correto a fazer?

- Não sei. Ele diz que me ama e isto é o que importa no momento para mim.

- E você, o ama?

Ela ficou em silêncio, desviou o olhar como sempre fazia quando queria esconder algo de mim, então percebi que ela estava casando apenas para garantir um futuro melhor. Tive a impressão depois que algo a obrigou a se casar. Elizabete nunca tocou no assunto, e eu por respeito também não lhe perguntei mais nada.

Chegamos ao centro do salão, seu esposo veio em sua direção e a pegou de minhas mãos, mais uma vez nos olhamos e senti que ali eu havia definitivamente perdido Elizabete, ela também percebeu algo e se esquivou no olhar, se encaminhou ao centro e dançou sua primeira valsa

PERIGOSAS ACHERON

como a Princesa Elizabete Drebes Hurocky, futura rainha da Cracóvia. Meu anjo chegou ao inimaginável.

Retornei para Paris na manhã seguinte, não via à hora de sair dali e retornar ao meu mundo real. Um carro da família real me pegou logo pela manhã e levou-me até a estação de trem. Fiz uma longa viagem de retorno a minha pacata vida social parisiense. Em todo o trajeto fiquei entabulando milhares de teorias a respeito do casamento de Elizabete. Não conseguia compreender o porquê de nunca ter me dito nada em suas cartas, sempre estávamos trocando correspondência desde os tempos que saímos de *Riomaggiore*, nunca ficamos um mês sequer sem ao menos trocar algumas linhas. Ela nunca mencionou a palavra “casamento”, eu sabia de seu romance com o Príncipe, me contava em detalhes como havia sido os seus almoços e jantares e eu não imaginava que era tão sério assim. Acreditava que ela me escondia algo, que estava omitindo a verdade e me parecia em alguns momentos que estava com medo ou se sentia ameaçada. Nunca percebi nada de anormal em suas cartas, na verdade sempre era o contrário, suas cartas me estimulavam a viver, eram sempre

alegres e com boas notícias. Lembro-me que certa vez estávamos nos preparando para invadir a Normandia, o famoso dia “D”, na noite anterior ao ataque que ceifou milhares de vidas, recebi uma pequena carta de Elizabete, uma coisa que funcionava muito bem no exército era o correio, acho que eles acreditavam que se recebêssemos cartas lutaríamos melhor ou algo assim. Naquela carta dizia sobre seus planos para o futuro e como a dança era parte de sua vida, ou melhor, era sua vida, ela mal sabia onde eu estava ou que poderia acontecer comigo, entretanto sempre me escrevia palavras doces e de incentivo. Quando desembarquei na praia no dia “D”, no ataque final e fatal para aquela imensa tragédia que era a guerra, tinha em meu bolso a sua última carta e sempre pensava comigo que se morresse em batalha, que as últimas palavras de Elizabete me fizessem companhia para a passagem. Todas às vezes, colocava a mão no bolso, sentia o papel da carta dentro do bolso, fechava os olhos e imaginava Elizabete em *Riomaggiore* com aquele seu lindo olhar e seu sorriso meigo. Isto me dava forças e isto me fez sobreviver nesta guerra sangrenta e cruel. Agora, dentro do trem, coloco a mão no bolso,

PERIGOSAS NACIONAIS

fecho os olhos e sinto-me fraco e sem esperanças
para continuar lutando pelo amor de Elizabete,
aquela carta não a tenho mais.

PERIGOSAS ACHERON

1970: DESESPERO E ALCOOLISMO

*(a decadência da primeira bailarina em uma
série de casamentos fracassados)*



Cheguei apressadamente ao *Hospital Saint Mary* na capital Londrina, após quatro horas de trem, a vantagem de se morar na Europa é que conseguimos ir de um país para outro com certa rapidez e sem nenhuma burocracia com um custo bem baixo. Perguntei na recepção pela enfermeira Ilia, enquanto perguntava a vi vindo em minha direção no fim do corredor, fui ao seu encontro, ainda estava linda com sua beleza única como a conheci nos tempos da guerra, o tempo havia sido bondoso para ela. Encontramos-nos e a cumprimentei estendendo a mão:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Como vai Ilia?
- Estou bem e você Vittorio, vejo que está bem apanhado ainda. – Deu um lindo sorriso.
- Vim o mais rápido que pude. O que aconteceu?
- A encontraram em uma rua sem saída, estava caída no chão segurando uma garrafa de vodca, estava com vômitos na roupa e também se urinou toda. Tinha um corte na cabeça bem profundo, acho que devido à queda, deve ter batido em alguma coisa cortante. Ela chegou aqui em coma alcoólico e está em observação há dois dias, está medicada e inconsciente ainda. Não sabemos na verdade o que aconteceu. Seu estado geral no momento é estável.
- Às vezes me pergunto por que ela faz isto consigo mesma. – Respondi após ouvir a explicação de completa de Ilia.
- Você sempre cuidando dela. Desculpe-me, mas, quando a vi, a única pessoa que pensei foi em você. Acho que ela não tem mais ninguém.
- Fez bem. Realmente eu sou tudo que resta para ela. E agora o que vai acontecer com ela?
- Quando ela acordar, o melhor será internar ela em um Hospital para tratamento do alcoolismo, ela é alcoólatra, você sabe bem do que estou falando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Já tentei de tudo, não sei realmente o que fazer. Talvez a internação seja algo necessário mesmo. Ela já perdeu tudo que tinha, agora só resta sua vida, que, se continuar assim vai findar em pouco tempo.

- Quer vê-la?

- Claro, posso?

- Sim, no fim do corredor, o quarto à sua esquerda. Ela está desacordada, no entanto, acho que sua presença a fará bem de algum modo.

- Obrigado Ilia. – Digo pegando e beijando sua mão. – Você sempre surgindo na minha vida nos momentos que mais preciso.

- Talvez eu seja o seu anjo. Assim como você é o anjo dela. – Ri gostosamente. – Os anjos se ajudam sempre.

- Bem, vou lá dar uma olhada nela.

- Ok. Deixo-te ir.

Vou caminhando para o fim do corredor quando Ilia diz, paro e volto-me para ela:

- Saio as dez. Se quiser podemos tomar algo junto. Ela não vai acordar tão cedo.

- Combinado. Estou precisando mesmo.

Entro no quarto de Elizabete e a vejo com um curativo na testa, alguns hematomas no braço e no

PERIGOSAS ACHERON

rosto, ela está sedada com medicamentos, sua respiração não é suave, percebo que não é a mesma Elizabete de *a*, meu anjo lindo, está velha, acabada. Seus lindos cabelos estão emaranhados e abandonados. Pergunto-me o que aconteceu com meu anjo, e sem respostas fico ali em pé a olhando por um longo tempo. Muitas coisas me passam pela cabeça, muitas imagens me vêm diante de meus olhos e sem perceber sinto-me chorando silenciosamente diante de meu anjo. Não me perdoaria jamais se algo lhe acontecesse. Como a deixei chegar a isto? Como permiti que ela se mutilasse dessa forma? Pedi perdão a Deus por ter abandonado meu posto de anjo, de não ter protegido ela quando mais precisava de mim. Elizabete era assim, sempre precisando de mim e ao mesmo tempo sempre longe de mim, vivendo e se metendo em encrencas que sempre se transformavam em desastres. Ela estava se matando aos poucos. Isso tudo porque não dançava mais, havia deixado o *Bolshoi* há alguns anos e estava perdida depois de casamentos fracassados e frustrados, sua vida eram apenas decepções e tristezas. Não sei se conseguiria fazer Elizabete feliz se casando com ela e não sei se isso seria o

correto, porém, a minha vontade era pegar aquela mulher ali na cama definhando e levá-la para casa, cuidar dela, fazê-la sorrir e beijar aqueles lábios que algumas vezes pude tocar com toda intensidade possível e imaginável. Fui abortado em meus pensamentos que duraram horas por Ilia:

- Vamos Vittorio! Já estou pronta.

Virei-me assustando, estava tão distraído com meus pensamentos.

- Vamos. – Respondi indo até a beirada do leito, dei um longo e doce beijo no rosto de Elizabete e a deixei ali com seus sonhos.

Adentramos a um pub londrino onde se apresentava um cover dos Beatles, ficamos por ali tomando conhaque e cerveja quente até de madrugada, Ilia era uma boa pessoa para conversar além de divertida, sempre estava rindo de tudo. Na verdade acho que ela tinha uma queda por mim há muitos anos, eu confesso que se não fosse Elizabete, talvez tivessem levado adiante nosso romance. Saí do pub por volta das duas da manhã, eu ia para um hotel quando Ilia me abortou e disse que poderia ficar em sua casa o tempo que estivesse em Londres. Aceitei de imediato, não era muito de o meu feitio ficar em um hotel de Londres sozinho,

preferi o aconchego da casa de Ilia. Fomos a pé mesmo, ficava há seis quadras do pub, a noite estava bem estrelada e caminhamos conversando sobre tudo que nos aconteceu depois da guerra, descobri que ela havia se casado com um comerciante espanhol, seu casamento não durou muito tempo e acabou retornando para Londres.

A casa de Ilia era modesta. Porém muito aconchegante internamente, ela pegou meu casaco e o colocou atrás da porta, perguntou se queria beber algo, aceitei um conhaque e me sentei no sofá. Ela se sentou ao meu lado, recostou-se nos meus ombros igual à Elizabete fazia.

- Posso te perguntar algo?

- Sim.

- Não entendo como um homem como você vive sozinho em Paris, você é inteligente, é bonito. Não compreendo você. Posso te fazer uma pergunta? – Concordei com a cabeça em sinal de sim. - Você a ama realmente?

- Obrigado Ilia, contudo, não é tanto assim. Se fala sobre amar Elizabete. Sim, a amo.

- E já disse a ela?

- Disse, mas acho que ela não entendeu.

- Você não existe Vittorio. Nunca ninguém me

amou assim desse jeito. Você sempre tão terno e protetor com ela. Acho que ela o faz de bobo.

- Também já pensei nisto e tentei muitas vezes tentar esquecê-la, não consigo Ilia. Simplesmente não consigo. Dói só de pensar em deixar ela.

- Você diz deixar ela. Porém ela vive longe de você o tempo todo e só está presente quando de alguma forma algo aconteceu e você veio ao seu encontro.

- Tem toda razão. Não sei como evitar, faz parte de mim.

- Sabe que gosto muito de você.

- Sei sim, já percebi.

- Eu me casaria com você rapidinho. Acho que te amo desde que vi aquele rapaz assustando se apresentando no exército em um pequeno vilarejo da Itália. Não me esqueço de sua cara de pânico ao tirar o sangue. – Cai na gargalhada. – Pensei que ia desmaiar.

- Foi por pouco, me segurei para não dar vexame. – Ri junto com Ilia.

Neste riso continuo e leve os dois se beijam pela primeira vez, um beijo de solidão e de necessidade.

- Me desculpe. – Digo me afastando um pouco

dela.

- Não se preocupe, sei que a ama e não está traindo ela se é isso que o preocupa.

- Não.

- Vem. Vamos nos deitar. – Ilia se levanta e estende a mão para mim. – Venha, não tenha medo. Você está precisando hoje de alguém, se deixe ser levado um pouco. Deixe-me esta noite te proteger.

- Está bem. – Levantei-me e a segui escada acima até seu quarto. Tirei minhas roupas com certa vergonha, nunca havia me deitado antes com uma mulher. Fiquei apenas de samba canção, me escondi rapidamente debaixo das cobertas enquanto ela estava no lavado. Saiu usando uma linda camisola vermelha totalmente transparente, deitou-se ao meu lado, me abraçou, me fez carinhos, me beijou enquanto eu imaginava Elizabete. Fiz amor pela primeira vez, com medo e vergonha. Ilia foi de um carinho indescritível. Aquela noite pela primeira vez alguém cuidou de mim.

Na manhã seguinte, fizemos o desjejum e fomos juntos ao hospital, Ilia estaria de plantão naquele dia. Visitei Elizabete e ainda estava desacordada. Permaneci hospedado na casa de Ilia por uma semana até Elizabete se restabelecer

mental e fisicamente.

No sábado pela manhã sai com Elizabete em meus braços ainda bem debilitada, ela tremia por causa da falta do álcool em seu corpo. Despedi-me de Ilia com um beijo na testa em sinal de respeito e peguei um táxi para ir até a estação de trem, levei Elizabete para Paris e a internei em um Hospital para tratamento de dependentes do álcool. Durante todo o trajeto, desde o *Hospital Saint Mary* de Londres até a porta do Hospital de Paris, Elizabete não disse uma só palavra, não demonstrou nenhuma emoção ou algo assim, simplesmente me segurou pelo braço. Eu percebia que estava com medo e com muita vergonha. Deixei sob os cuidados do Dr. Oliver e sua equipe que na época eram renomados internacionalmente. Dei um beijo em Elizabete e fiquei a observando, ela estava com muito medo. Fiquei naquele momento com muita pena dela, contudo, era necessário para que voltasse a ser a mulher deslumbrante que eu amo.

Todo o fim de semana e religiosamente visitei Elizabete por aquele ano inteiro. No início, sentia certa repulsa por parte dela, como se me condenasse por deixá-la ali. Com o passar do tempo e o tratamento, Elizabete foi voltando à vida, se

percebia em seu rosto, em sua pele e pude notar em um fim de semana, especialmente na páscoa que seus intensos olhos azuis voltaram a brilhar quando lhe dei uma barra de chocolate. Ela simplesmente amava chocolate. Ficou tão feliz como uma criança, deu um belo e lindo sorriso e pulou em meus braços me chamando de “Vittu”, naquele dia meu coração voltou a sorrir novamente.

Uma semana antes do Natal, fui buscar Elizabete, o Dr. Oliver achava que seria interessante observar ela fora daquele ambiente em uma semana que naturalmente as pessoas costumam beber mais. Levei-a para casa e senti muitas mudanças, ela estava agarrada em meu braço e falava sem parar um só instante. Passamos o Natal e o Ano Novo, enamorados. Ela não colocou nada de álcool na boca. Elizabete havia mudado da água para o vinho e fiquei muito orgulhoso dela, acreditei que a partir de agora, ela seria uma nova mulher. Como sempre me precipitei novamente e errei mais uma vez com Elizabete. Em um belo domingo de Janeiro, quando me levanto e desço ansioso para encontrar meu amor na cozinha preparando o café, encontro um bilhete deixado por Elizabete recostado na chaleira quente com chá

inglês, dizia que estava voltando para Moscou, que tinha coisas urgentes e pendentes para resolver no *Bolshoi*. Pego de surpresa novamente. Fiquei estarecido porque achava que ficaria com Elizabete e que finalmente nos acertaríamos.

Novamente me decepcionou e a partir daquele dia, resolvi que largaria de vez Elizabete, tentaria tirar aquela mulher da minha vida de qualquer jeito, pensei até em suicídio. Tomei alguns bons goles de conhaque e dessa vez quem ficou bêbado fui eu. Passei metade de minha vida sempre ao lado de sua cama em algum momento triste de sua vida e ela simplesmente vai para Moscou resolver problemas pendentes. Que assuntos são esses que estão pendentes ela nem faz mais parte do *Bolshoi*. Liguei para Ilia meio bêbado e relatei o que Elizabete havia feito, ela no dia seguinte veio até Paris, tirou uma semana de folga por mim e ficou comigo naquela semana inteira. Conversamos muito como sempre. Senti-me em paz e ao mesmo tempo tão machucado por Elizabete.

Ilia não pode ficar muito tempo, depois que nos encontramos em Londres ela conheceu um médico residente no Hospital que trabalhava e se casaria

PERIGOSAS NACIONAIS

dali a alguns meses com ele. Desejei felicidades a ela com um beijo terno na face. Ilia partiu e acabei ficando sem minhas duas mulheres. Irônico e trágico como o balé.

PERIGOSAS ACHERON

1946: GRAVIDEZ E ABORTO

(grávida do Príncipe Hurockv II ou de Leandro Urolov?)



Grávida! Elizabete Drebes, a princesa da Cracóvia está grávida de seu primeiro filho, diziam em letras garrafais os principais jornais da Europa. Como sempre fiquei sabendo do assunto através da imprensa e quando o Sr. Hubert Beuve-Méry me indagou se eu já sabia da notícia, mexi com a cabeça afirmando que não e dei de ombros, o pobre sempre acabava dando umas tapinhas nas minhas costas como consolo e ia para sua sala fumar aquele horrível e fedido charuto cubano. Fiquei ansioso para receber algum jornal concorrente, visto que não conseguimos dar em primeira mão a manchete

PERIGOSAS ACHERON

tão aguardada no mundo das artes. Prontifiquei-me a confirmar se a notícia era verdadeira, visto que muitos jornais por vezes noticiam algo que não é real. Nós do *Le Monde* sempre mantemos essa preocupação com relação a notícia. Tentei falar por telefone com Elizabete, porém não obtive sucesso, então parti para um telegrama simples e formal. Recebi outro no fim da tarde talvez respondido por Elizabete que era verdade. Pensei comigo, agora a perdi mesmo. Casada com um príncipe e com um filho, não tenho mais chances com Elizabete, acho melhor tomar um conhaque e ir para casa. Antes passei na sala do Sr. Hubert Beuve-Méry, abri a porta e ele estava com os pés sobre a mesa fumando seu charuto.

- Foi confirmado. É verdade. – Disse a ele em um tom melancólico e ao sair ele respondeu.

- Sinto muito Vittorio. – Dei de ombros e fui me embriagar pelo resto da noite.

Achei que deveria ir para a Cracóvia ver de perto esta gravidez de Elizabete, me senti de repente com a necessidade de acompanhar de perto mais esta novidade dela. Na manhã seguinte, avisei o Sr. Hubert Beuve-Méry que faria uma matéria sobre Elizabete e que retornaria em um mês, ele

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre concordava, sabia o que sentia por ela e sempre me apoiou. Quando cheguei ao Palácio de Catherine, a residência de Elizabete e o Príncipe Hurocky II, fiquei sabendo de coisas horrorosas. Acreditei inicialmente serem apenas boatos mal intencionados. Pensei comigo, ainda bem que vim, Elizabete está precisando muito de mim neste momento.

Descobri que Elizabete não estava morando no palácio junto com seu esposo, estava em um hotel ou o que parecia ter sido. Estava caindo aos pedaços em um bairro afastado do centro de Cracóvia. Como ninguém no palácio queria me passar à informação que precisava do endereço correto do local, com muito sacrifício e meio James Bond, consegui do jardineiro a informação que me passou em modo confidente e com muito medo de ser apanhado, lhe garanti que ninguém saberia de nada. Cheguei ao hotel que ficava bem distante do centro da cidade, parecia um castelo abandonado, perguntei por Elizabete, o recepcionista apenas respondeu o número do quarto e olhou para as escadas, deduzi que era no andar de cima, subi muito preocupado, aquilo não me parecia nada bem. Achei o quarto no fim de um corredor escuro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e sujo para um hotel, aquilo mais parecia uma masmorra. Bati na porta insistentemente por um longo tempo e ninguém respondeu, mexi na maçaneta e percebi que estava aberta, entrei no quarto frio e enorme e não havia ninguém, desconfiei que o recepcionista me houvesse dado o número errado, sai e confirmei o número na porta, quando entrei novamente Elizabete saia do lavabo enxugando os cabelos com uma velha toalha branca. Quando me viu, gritou e correu ao meu encontro me trazendo à mente o seu jeito de criança.

- Vittu! – Me abraçou com tanta força que senti os ossos da costela se aproximar.

- O que aconteceu meu anjo. Você está bem? – A olhei de cima para baixo e percebi que estava bem abatida e com olheiras.

- Não Vittu. Tudo deu errado outra vez.

- Como assim meu anjo. Conte-me. – Fomos até a cama e nos sentamos em um imenso colchão velho e cheirando a mofo.

- Eu estava grávida e agora não estou mais. – Disse em tom triste. – Eu o matei Vittu. – Coloca a mão por sobre a barriga e começa a chorar. – Eu matei meu bebe Vittu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu a abracei, ela recostou a cabeça em meu ombro como sempre e esperei ela desabafar todas as suas magoas e tristezas que estavam contidas naquele coração.

- Calma meu anjo. Calma. Eu estou aqui.

- Obrigada Vittu! Ainda bem que veio, não sei o que faria sozinha aqui e abandonada.

- Mas, porque está aqui meu anjo. Eu não entendo. Sua casa é no Palácio de Catherine, não é?

- Era. Meu ex-marido me expulsou de lá há uns dias e me trouxe para cá.

- Ex-marido. Não estou entendendo nada meu anjo.

- Vou lhe explicar Vittu. Espere um pouco. Deixa-me beber um pouco de água.

- Está bem. Não tenha pressa. Está tudo bem agora. Fique calma que vou te levar para casa.

- Eu, eu estava grávida realmente, mas não era de Hurocky.

- Não, como assim?

- Ele é estéril, por isso me expulsou e me chamou de vadia, de piranha e um monte de nome feio. Ele me colocou para fora com meu filho e jogou as minhas coisas em mim.

- De quem era o filho?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Do Leandro Urolov.
- O bailarino? – Indaguei surpreso.
- Sim.
- Como isso é possível meu anjo?

- Fizemos uma apresentação no teatro da Cracóvia há uns três meses atrás, uma apresentação especial para o rei e a rainha. Após o espetáculo, fomos há um bar, todos do balé. Como sempre fazemos depois das apresentações. Hurocky não quis ir, me deixou livre e voltou para o Palácio.

- Tudo bem, entretanto não entendo como ficou grávida do Urolov, você o desdenha desde o primeiro momento que o viu.

- Eu sei, porém aconteceu. Não sei também como foi direito, só sei que quando acordei, estava em um hotel ao lado dele, daquele nojento.

- Você bebeu demais, não foi?

- Exagerei um pouquinho. Contudo Vittu. Ele se aproveitou de mim. Ele me violentou sem eu saber. Só fiquei sabendo quando Hurocky me disse ser estéril e me perguntava quem era o pai da criança.

- Meu anjo, o que aconteceu com você. O que aconteceu com o bebe meu anjo?

- Procurei o Leandro Urolov depois que fui

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

expulsa do palácio, ele negou dizendo que não era o pai. Depois de muita discussão, disse que não poderia ter um filho, me jogou um monte de dinheiro na cara e me arrastou até uma clínica clandestina que tem aqui perto.

- Meu Deus. Imagino o que aconteceu.

- Não você não imagina o que eu passei ali.

- Meu anjo. – A abracei com força e beijei sua testa, minha vontade foi chorar e depois matar Leandro Urolov.

- Eles me amarraram em uma cama toda enferrujada, abriram minhas pernas e uma enfermeira porca enfiou uma agulha em mim, eles mataram meu bebe Vittu. – Começa a chorar novamente com soluços incontrolláveis.

- Calma meu anjo. Talvez tenha sido melhor assim.

- Eu o expulsei para fora do meu corpo no meio de tanto sangue e sujeira. Vittu. Eu matei meu filho. A única coisa que teria de verdade e seria meu.

- Calma meu anjo.

- Eu sou uma assassina Vittu.

- Não é não. Você é apenas um anjo que caiu no meio de lobos. Sempre cercada por lobos.

PERIGOSAS ACHERON

Você é meu anjo. – Fiquei ali acalentando aquela pobre alma e pensando comigo e me perguntando a Deus o porquê de Elizabete sofrer tanto assim, o que aquele anjo fez de tão grave para ser tão maltratada desse jeito.

- Precisamos procurar um médico. Tome um banho e se troque vou levar você a um hospital.

- Já tomei um banho, mas não posso ir a um hospital daqui. Todos me conhecem como a Princesa Elizabete, e o Príncipe Hurocky II ordenou que ninguém, saberia o que aconteceu dentro das paredes do palácio. Ele daria um jeito nas notícias e calaria a todos.

- Bem, então pegue suas coisas. Vamos para Londres. Você agüenta esta viagem?

- Sim. Estou um pouco fraca, porém acredito que consiga.

- Está bem, se arrume então.

Partimos o mais rápido possível daquele hotel imundo e daquela cidade, pegamos um trem e partimos para Londres. Elizabete estava tão debilidade que mal conseguiu comer, dormiu praticamente a viagem inteira sobre meu ombro, em certo momento a coloquei dormindo em meu colo, fiz um travesseiro com meu paletó e a cobri

PERIGOSAS NACIONAIS

com uma malha que estava sobre sua mala, tentei manter o seu corpo aquecido o máximo possível. Chegando a Londres, imediatamente nos encaminhamos ao *Hospital Saint Mary* que era o mais próximo da estação de trem. relatei o que havia acontecido ao médico de plantão, fomos prontamente atendidos e ele resolveu por questões de segurança internar Elizabete até que ela se restabelecesse novamente, me disse que havia sérios riscos de infecções que poderiam complicar a sua saúde. Uma semana após sua chegada a Londres, já se podia notar uma enorme melhora, seu rosto já estava mais corado e com brilho e seus lindos olhos azuis, voltaram a se destacar em seu rosto, até seus cabelos estavam com uma aparência menos rude e maltratada.

Tentei com a influência do *Le Monde* abafar o caso da primeira bailarina do *Bolshoi*, escrevi uma carta a eles explicando o que havia ocorrido. Meses depois, fiquei sabendo que Leandro Urolov não fazia mais parte do corpo de bailarinos do *Bolshoi*. Eles tinham uma conduta muito rigorosa a respeito de certas coisas. Por isto eu os admirava pela ética profissional e moral que o grupo mantinha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Elizabete após um mês se encontrava completamente recuperada e saudável, fui buscá-la no hospital para levá-la até a estação onde embarcaria para Moscou. Encontrei-a pronta e me esperando, quando me viu disse.

- Finalmente Vittu. Já estava impaciente. Como demorou. – Disse colocando a mão na cintura batendo o seu lindo pé no chão nervosamente.

- Desculpe. Tive algumas coisas para fazer antes de vir para cá.

- Estou pronta. Vamos. Não vejo à hora de sair deste hospital.

- Vamos. – Disse pegando sua mala e dando-lhe o abraço ao qual ela abraçou imediatamente. Chegamos à estação um pouco antes da hora de partida do trem, nos sentamos no banco na plataforma de embarque e pudemos conversar um pouco.

- O que pretende fazer agora? – Perguntei.

- Voltar ao balé, e esquecer todo esse pesadelo.

- Faz bem, pela primeira vez, acredito que o balé lhe fará bem.

- Como assim?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Sempre achei que o balé lhe fazia mal, todavia, hoje vejo que o balé é a única coisa que realmente lhe dá segurança e nele você está protegida do mundo aqui fora, acho que conseguiu fazer do balé a sua *Riomaggiore*, sem aquele romantismo todo.

- Nem sempre, lá também existem lobos, lembra? Homens sem pudor nenhum em machucar ou agredir, além de mulheres que passam bailando sobre você, te pisoteiam e deixam você no chão apenas recolhendo os restos. Eles são frios e maldosos, não tem nada de *Riomaggiore* lá.

- É verdade, mas, em menor quantidade. Acredite, aqui fora tem mais.

- Talvez tenha a razão, mas, não sou mais aquela menina ingênua e boba. E você Vittu, o que pretende?

- Voltar a Paris e ao *Le Monde*.

- Você gosta do que faz?

- Sim, amo.

- Eu também amo o que faço.

- Temos algo em comum finalmente.

- Sabe que não é verdade, temos mais do que isto em comum. Sempre tivemos mais do que afinidades.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- O que. Por exemplo?
- *Riomaggiore*. As estrelas cadentes, nossas confidências, nossos beijos e...
- E? – Interrompo seus pensamentos.
- Nosso amor.
- Será que existe amor entre nós meu anjo.
- Você não acredita?
- Às vezes não.
- Por quê?
- Você me faz desacreditar nestas suas idas e vindas. Deixa-me muito confuso. Nunca sei quando esta falando a verdade.
- Eu não preciso dizer a verdade para você Vittu. Apenas olhe nos meus olhos. A verdade está neles.

Olhei diretamente em seus olhos e disse segurando o seu queixo delgado.

- Não vejo verdade nenhuma neles, apenas um azul intenso.

- A verdade esta dentro deles, no coração.

Beijei seus lábios naquele momento, segurando seu pescoço e me envolvendo em um abraço tão delicioso, senti os seus lábios doces com o gosto do mais puro mel, eram carnudos e me davam vontade de morder bem devagar. Foi me

PERIGOSAS ACHERON

deixando marcado com aquele batom vermelho. Aquele batom que me tenta e me fascina e mexe comigo tirando de dentro de mim um homem selvagem. Elizabete sempre soube como me seduzir e me deixar bobo diante dela, apenas não o fazia frequentemente e isto me deixava confuso e louco.

1968: DECLARANDO- SE

(Elizabete se torna Diretora de Artes da Ópera de Paris, seu convívio com Vittu se torna diário e...)



Elizabete deixou definitivamente o *Balé de Bolshoi* em 1968, após uma carreira de sucesso internacional, foi a primeira e única estrangeira a ser a primeira bailarina do balé russo. Até então nenhuma outra mulher havia conquistado tal feito na história do famoso balé. Após encerrar sua carreira como bailarina, Elizabete ainda permaneceu no *Bolshoi* com o cargo de Diretora de Eventos, não era aquela vida agitada de viagens, aplausos e entrevistas que estava acostumada, talvez por isso já desenvolvesse uma tendência ao PERIGOSAS ACHERON

alcoolismo. Sempre gostou de beber vodca, hábito cultivado desde os tempos de bolsista, sempre que eu a indagava dizia que Moscou era muito frio e a vodca dava o calor necessário para a dança. Até certo ponto eu concordava com ela. No fim de 1968, Elizabete resolveu deixar de vez o *Bolshoi*, me ligou perguntando se poderia vir à Paris morar comigo por uns tempos até achar algo para fazer e reestruturar sua nova vida de desconhecida. Com certeza e mais do que meus pensamentos puderam imaginar aceitei de bom grado e fiquei imensamente feliz. Finalmente teria Elizabete próxima a mim, poderia definitivamente cuidar dela com mais presença.

Peguei Elizabete na estação de trem de Paris por volta das oito da noite, ela desembargou com aproximadamente quinhentos quilos de bagagem, não conseguia imaginar local para colocar tudo aquilo. Chamei por um rapaz que estava ali na plataforma e transportava com um carrinho algumas cargas para me ajudar com a bagagem e com muito esforço conseguiu colocar tudo em dois táxis. Chegamos a casa e depois de uma hora descarregando malas e maletas, mostrei o quarto de hóspede para Elizabete a qual respondeu:

- Está ótimo para guardar minhas coisas. Deve caber tudo aqui. – Virou-se para mim e disse. – Vou dormir em seu quarto com você. Importa-se?

Dei de ombros e abri um imenso sorriso. Não me importaria nem um pouco. Naquele momento da minha vida, era tudo que mais queria e sonhava. Deu um trabalho enorme guardar tudo que Elizabete trouxe, havia milhares pares de sapatos de todas as cores, modelos e formatos extravagantes, outros milhares de vestidos de seda, cetim, estampados, floridos, bordados, vermelhos, azuis, enfim, eram milhares de tudo que se podia imaginar, só de chapéu, imaginei que daria para colocar em todas as mulheres de Paris. Estávamos cansados quando terminamos a arrumação do quarto, satisfeita, Elizabete foi tomar um banho dizendo que estava muito cansada da viagem, ela era sempre enérgica e ativa, não parava um só segundo, eu de ver, já me cansava. Desci até a sala para ler alguns jornais enquanto ela tomava um banho, demorou muito, mas a vi no alto da escada de robe rosa, Elizabete era uma mulher que adorava a cor rosa. Estava como sempre linda e perfumada. Chamou-me para subir e tomar um banho. Ficaria a me esperar no quarto. Subi apressadamente e quase

me esborrachei no meio da escada, tropiquei no degrau e fiquei com uma dor intensa quando bati o joelho praguejei a todos no mundo, cheguei meio mancando ao quarto. Tomei um banho apressadamente, vesti meu robe preto e fui para o quarto, Elizabete estava sentada na cama lendo um livro com o abajur do seu lado aceso. Ela me viu, colocou o livro sobre o criado mudo e bateu sobre a coberta.

- Vem Vittu.

Deitei ao seu lado, ela me abraçou como sempre fazia desde criança, fiquei imóvel e meu coração parecia que sairia do peito, não sabia como agir ou o que dizer. Comecei a tocar seus lindos e macios cabelos, que estavam com um perfume de rosas intenso.

- Vittu!

- Sim.

- Você me ama?

Fiquei surpreso com a pergunta e sem saber o que responder a ela.

- Sim amo. Porque pergunta? Você sabe que a amo desde que nasceu.

- Não Vittu. Não é esse tipo de amor. Eu quero saber se você me ama como mulher? Se me deseja,

essas coisas.

Houve um enorme silêncio, meu coração acelerou e senti uns calafrios, não sabia o que dizer. Eu a amava, porém não sabia se podia dizer isto. Com medo de perdê-la respondi:

- Você é tudo que sempre quis meu anjo.

- Que bom Vittu. Eu me sinto segura com você. Perdoa-me?

- Perdoar? Do que?

- Te tudo que fiz. Tantas burradas e casamentos errados. Fiz tudo errado na droga de minha vida. Você sempre esteve lá quando precisei. Foi o único desde *Riomaggiore*.

- Não tenho que perdoar nada. Eu fiz porque sempre te amei.

- Obrigada Vittu.

Falando isso, acabou dormindo após um dia intenso de viagens e mudanças. Permaneci ali por um bom tempo com ela abraçada em mim, apenas a observando. Como achava ela linda e admirei meu anjo pela primeira vez de uma forma completa.

Naquela semana fiz inúmeros contatos com amigos devido ao meu grande conhecimento do *Le Monde*, consegui marcar uma entrevista de Elizabete com a provedora da Ópera de Paris,

achávamos que haveria um cargo para ela que se sentiria útil e era uma forma de ela mostrar tudo o que sabia sobre a dança e outras artes. Após alguns meses no cargo de Diretora de Artes, a provedora da Ópera de Paris certa vez me ligou dizendo que estava muito feliz com o trabalho de Elizabete no Teatro, fez elogios sobre suas atitudes profissionais. Fiquei feliz porque acreditei que Elizabete finalmente havia encontrado seu caminho.

Paris é um ótimo lugar para se morar principalmente quando se está apaixonado, eu e Elizabete fazíamos quase todos os dias programas variados e nos divertíamos muito, a vida parecia para nós algo maravilhoso e desde que saímos de *Riomaggiore*, não havíamos sido tão felizes. Apesar de dizer que a amava, ela nunca me disse que me amava, sempre acabava me abraçando com aquele jeitinho que fazia desde criança, isto às vezes me irritava porque ela não era direta. Apesar deste inconveniente, eu particularmente estava muito feliz, todos me diziam que meu semblante era mais jovial. Elizabete adorava a *Torre Eiffel* e os bistrôs que havia ao seu redor, íamos quase que diariamente lá, minha casa a Maison, ficava há

PERIGOSAS NACIONAIS

alguns quarteirões dali, sempre à noite, principalmente quando o céu estava estrelado e com inúmeras constelações e estrelas cadentes, às vezes nos lembrava do vilarejo quando ficávamos na praia apenas observando e ouvindo o barulho do mar. Íamos abraçados como dois jovens enamorados tomar um café cremoso. Quem nos observava talvez acreditasse que o amor ali era eterno. Quase isto.

Digamos que nosso romance durou por pouco mais de um ano, no início de 1970, Elizabete recebeu uma nova proposta do *Bolshoi* para se tornar sua Diretora Executiva que seria responsável pela expansão do grupo. Com certeza um cargo importante e com um ótimo salário para a época. Discutimos por quase uma semana sobre o fato de Elizabete querer voltar para Moscou. Eu logicamente não aceitava e ela insistia incisivamente, chegamos a discutir algumas noites pela primeira vez desde que nos conhecíamos. Não éramos casados legalmente, entretanto vivíamos como se fôssemos um. Eu achava aquilo injusto e muito egoísta por parte dela. Só pensava em seu próprio umbigo. Queria que fosse para Moscou com ela, me neguei repeditamente.

PERIGOSAS ACHERON

Certa noite saí de casa bem nervoso, fui até o bistrô sozinho e fiquei por lá olhando o movimento, alguns conhecidos estranharam a ausência de Elizabete, ninguém se aproximou ou perguntou nada. Pensei que seria melhor assim. Já era tarde da noite quando Elizabete apareceu no bistrô vestindo um lindo e estampado vestido, com um belo laço no cabelo, havia certa brisa e se percebia seus cachos se deslocarem no ar, ela ficou ali parada por alguns instantes, apenas me fitando na mesa, não esbocei nenhuma reação, estava muito nervoso com tudo aquilo. Ela se aproximou de um jeitinho tímida e lindamente charmoso, sentia seu perfume ao ir se aproximando, se sentou ao meu lado e fez a coisa mais terrível que poderia fazer comigo, me abraçou e recostou sua cabeça sobre meus ombros, porque ela fez aquilo. Era meu ponto fraco, segurou-me pescoço, deu alguns beijos e disse baixinho, quase que inaudível:

- Me perdoa Vittu?

Permaneci em silêncio sem esboçar nada, na verdade estava me controlando, pois minha vontade era pegar aquela mulher e beijá-la tão intensamente e demoradamente. Mantive-me impassível diante de seu charme, quando novamente me disse

baixinho:

- Eu te amo Vittu. – Percebi sua voz embargando. - Eu te amo muito. Você é tudo para mim. Perdoa-me.

Simplesmente não aguentei. Aguardei por anos aquela declaração, lágrimas me fizeram enxugar os olhos, segurei o seu rosto e a beijei tão apaixonadamente que até hoje sinto o gosto de teus lábios nos meus, sinto o seu cheiro, sinto os seus olhos e a sua carne colada ao meu corpo. Retornamos aquela noite para casa, abraçados, contudo meu coração estava apertado. Aquele beijo foi como o beijo de Judas em Jesus, foi à traição de todas as nossas palavras e nossos gestos. Nossa relação se findou após aquele mês de Janeiro. Elizabete simplesmente foi para Moscou, disse apenas um até logo pela manhã enquanto eu ainda estava dormindo na cama, na verdade eu apenas fingia. Aproximou-se e me beijou docemente, mexeu em meus cabelos, sussurrou em meus ouvidos que me amava e discorreu por um longo discurso onde não explicou nada, me pediu perdão mais uma vez e fechou a porta atrás de si.

Eu sempre amarei Elizabete, mas, nunca a perdoei. Minhas lágrimas ficaram contidas na

PERIGOSAS NACIONAIS

fronha do travesseiro enquanto meu coração apertado me culpava por ter falhado mais uma vez. Novamente o balé tirou Elizabete de mim, eu nunca poderia competir com ele. Nunca seria páreo para aquela maldita dança.

PERIGOSAS ACHERON

1955: A BAILARINA COMUNISTA

(a CIA investiga Elizabete e a classifica como inimiga pública dos Estados Unidos)



Elizabete sempre foi a melhor em tudo que se propôs a fazer, menos em uma coisa, nunca gostou ou se envolveu com política, além de não entender nada, achava entediante e chata. Sempre considerava os idealistas um bando de gente que não tinha o que fazer a não ser causar confusão e gerando aos que não participavam de suas idéias as conseqüências posteriores. Mesmo assim, a CIA, sim a poderosa americana de investigação considerava e colocou em relatório que Elizabete Drebes era uma ameaça a segurança nacional americana. Ele não sabia disto e muito menos eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas descobri que era indesejada nos Estados Unidos quando o *Balé de Bolshoi* sairia para realizar uma turnê em terras americanas. O seu visto foi simplesmente negado e após inúmeras tentativas e com a intromissão da KGB russa, a CIA admitiu que fosse considerada perigosa para a segurança americana. Elizabete amargou profundamente, porque nunca conseguiu pisar em solo americano, e o pior, não sabia o por que. Depois de algumas investigações, já que o *Bolshoi* era e é considerada uma instituição nacional russa, descobriu-se que o fato de negarem o visto para Elizabete e de que ela havia participado certa vez de uma reunião do Partido Comunista, bem, soou de forma estranha, pois quem que morava em Moscou não participava de reuniões do partido. A história toda acabou virando uma piada dentro do *Bolshoi*, porquanto quando a viam entrar no estúdio de balé para ensaio sempre se abaixava e gritava, “cuidado ali vem à comunista perigosa”, Elizabete acabou levando tudo na esportiva, porém, nunca aceitou o fato de não poder dançar fora da Europa. Toda confusão foi gerada por um relatório um tanto ridículo onde constava uma lista de presença de alguns participantes de uma reunião do Partido

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Comunista, inclusive alguns dos nomes pertenciam ao *Bolshoi*. Segundo Elizabete que não fazia alusão nenhuma a qualquer partido, apenas foi acompanhar Sabine, uma das bailarinas do balé que simplesmente estava enamorada por um dos membros do partido, como Sabine não queria ir sozinha e apregooou a Elizabete que nas reuniões do partido havia uma centena de homens bonitos, pediu a Elizabete que lhe fizesse companhia, ao chegar à reunião, como de costume, todos assinavam uma lista de presença, sem qualquer vínculo partidário. Elizabete e Sabine participaram de diversas reuniões do partido sem ao menos saber o que era o Partido Comunista, apenas ficavam de olhos nos belos e jovens partidários que demonstravam beleza e força. Sempre depois destas reuniões havia algum evento onde se tinha muita vodca de graça, ali se passava a noite e por vezes ia até a madrugada, quando as duas chegavam aos ensaios totalmente bêbadas. Por diversas vezes foram punidas pela rigorosa Sra. Irina que as colocava de castigo fazendo faxina ou cuidando das roupas de outras bailarinas, mesmo sendo a primeira bailarina, não havia perdão, o castigo era para todos sem exceção.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Por esse motivo Elizabete sempre quando se falava em turnê pela America acabava ficando triste e não se conformava com o absurdo cometido por um órgão de governo que literalmente não sabia o que falava. O *Bolshoi* acabou cancelando a turnê pelos Estados Unidos visto que seria impossível conseguir a liberação do visto para Elizabete. No Pravda, houve um caderno especial e críticas duras ao governo americano que deixava a cultura de lado por questões políticas e privava o seu povo de conhecer a arte da dança em sua expressão máxima. Houve inúmeros protestos, contudo o governo americano não abriu mão de sua decisão precipitada. Elizabete poderia ser muitas coisas, menos uma ameaça para a segurança de algum país.

Por muitos anos houve um clima de guerra fria entre os americanos e russos. Sempre se agredindo na escrita e verbalmente, Elizabete achou melhor não dar corda para o assunto e o mesmo caiu em esquecimento. Em uma turnê por Londres, fui assistir Elizabete e pudemos conversar sobre o assunto que acabou virando piada. Ela me dizia:

- Cuidado Vittu. Sou perigosa, sou agente da KGB. – E caia na gargalhada enquanto segurava meu braço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Com certeza você é muito perigosa mesmo, mas, em outro sentido meu anjo.
- Que sentido Vittu?
- Você é uma destruidora de corações – Falei rindo.
- Não fala isso Vittu. Não sou não.
- Não, que me diz depois de tantos casamentos.
- Acho que não tive sorte mesmo, eram todos uns porcos. – Deu uma gargalhada.
- Será?
- Talvez não, talvez eu seja exigente demais.
- Pode ser, poderia ser mais flexível às vezes e olhar para o lado.
- Como, por exemplo, olhar para você?
- Por exemplo, sim.
- Sempre olhei para você.
- Não do jeito que imagino.
- Como imagina Vittu?
- Um olhar de mulher para homem, me entende?
- Você está tentando me seduzir? Sou mais nova do que você, posso chamar a KGB.
- E eu chamo a CIA. – Acabamos rindo juntos.
- É um belo duelo, mas será que haverá vencedor?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Em uma guerra nunca há vencedor, todos perdem, mesmo aqueles que acham que venceram.
- É verdade.
- Você acha que irá vencer um dia?
- Estou constantemente lutando para isto.
- E se vencer o que levará de prêmio? – Me indagou olhando diretamente em meus olhos.
- Você. – Respondi com convicção.
- Mas, eu não sou um prêmio.
- Claro que não meu anjo. Você é uma mulher maravilhosa que está sendo injustiçada. Eles não te conhecem como eu a conheço.
- Será que me conhece mesmo Vittu? – Olha me desafiando.
- Acho que sim.
- Teve dúvidas em responder. Talvez me conheça de quando estávamos em *Riomaggiore*, mas, eu mudei muito Vittu.

Eu sabia disto perfeitamente e havia percebido nos últimos anos que ela não era mais a mesma Elizabete, a minha Elizabete.

- E quando fui sua Elizabete?
- Desde que nasceu até sair de *Riomaggiore*. Depois a perdi em um monte de caos e fatalidades. Sinto muito por isto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Aquela Elizabete ainda existe Vittu, acredite.
- Tenho dúvidas, será?
- Sim, não aquela menina angelical que ainda tem aí nas suas lembranças, porém uma mulher que amadureceu duramente à custa de muito sofrimento, sim aquela Elizabete ainda está aqui dentro, só que a casca, esta mudou. Ficou mais fria, menos insensível, mais verdadeira e mais mulher. Mais, ainda continuo sendo o seu anjo.

Fico feliz de ouvir de você isto. Eu havia perdido as esperanças de que minha Elizabete havia desaparecido quando chegou a Moscou. O frio da cidade a deixou mais rude.

- Sim, rude talvez. Contudo, ainda doce como aquela menina. Sabe qual é o meu maior sonho Vittu?

- Não, você nunca me disse.

- Ta vendo não me conhece tanto assim. – Acaba rindo. – O meu maior sonho é me casar e ter filhos. Poder ter uma família de verdade, uma casa, um cachorro, um lugar para poder voltar no fim do dia com certeza de que alguém me espera. Quero poder acordar ao lado de alguém e agradecer a Deus por esse alguém me amar verdadeiramente, não pelo que sou. A primeira bailarina do *Bolshoi*,

PERIGOSAS ACHERON

mas por mim, Elizabete.

- O que falta para realizar este sonho?

- Você.

Naquele momento fiquei sem palavras, sem gestos, sem atitudes. Apenas permaneci ali diante dela como uma estátua idiota, as palavras não me vinham à cabeça e fiquei mudo. Ela percebeu e disse:

- Não se preocupe. Eu sei esperar. Vamos está frio aqui, quero tomar algo quente. – Me segurou no braço e continuamos a caminhar em direção á um pub ainda aberto. Não sei como consegui caminhar e não sei como consegui ficar calado, afinal era tudo que sempre quis ouvir. Mas, vindo de Elizabete eu nunca saberia se ela estava falando a verdade ou não, nestes anos todos, eu nunca soube realmente se ela sentia ou não algo por mim, certas vezes me convencia e ao mesmo tempo em certos momentos eu achava que apenas debochava de mim. Meu pobre coração idiota no meio de tantas dúvidas e insegurança, sempre fui assim, um asno e acabei perdendo a oportunidade de minha vida.

Sáímos do pub e a deixei no hotel, afinal no dia seguinte ela teria ensaios logo pela manhã, lhe dei

PERIGOSAS NACIONAIS

um beijo, um leve toque em seus lábios, tive a impressão que ela esperava mais, algo mais honesto e verdadeiro de minha parte, me esquivei e a deixei em pé me observando, enfiei as mãos no bolso, abaixei a cabeça e fui chutando o gelo no caminho em um ato de incoerência.

Após longos anos, ou seja, somente após a morte de Elizabete, o governo americano enviou ao *Bolshoi* uma carta de pedido de desculpas a Elizabete Drebes assinada pelo presidente americano e pelo secretário de segurança. O governo reconhecia naquele documento o seu engano e erro cometido por seus agentes da CIA. Todavia, infelizmente era tarde e Elizabete nunca conheceu os Estados Unidos como sempre sonhava.

O hilário é que atualmente existem dúzias de unidades espalhadas por todo território americano da Escola de Dança e Balé Elizabete Drebes, ela é admirada e cultuada por centenas de crianças americanas.

PERIGOSAS ACHERON

1942: BATALHA DE MOSCOU

(a batalha mais longa, dramática e sangrenta da Segunda Guerra)



Eu estava na Normandia quando em 15 de outubro de 1942, os alemães atacaram Moscou. A defesa soviética nas proximidades de Moscou foi heroica. Depois de duas semanas de luta, a divisão abandonou a cidade com uma dezena de soldados sobreviventes. Houve também um grande número de soldados alemães mortos. Este e outros atos de resistência conseguiram retardar significativamente o avanço inimigo em direção à capital, dando tempo para a organização da defesa da capital. As Mulheres construíram armadilhas antitanques para deter o avanço dos Panzers sobre Moscou. A cidade agora tinha começado a ser o alvo dos raids aéreos alemão. Em crescente desespero diante da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aproximação das forças alemãs, milhares de recrutas, voluntários e até mesmo batalhões de mulheres foram enviados contra o fogo de metralhadoras alemãs. A população recebeu ordens de construir barricadas nas cidades, até mesmo na proximidade de Kremlin. O governo soviético foi evacuado para a parte leste da cidade de Kuybyshev. Entretanto, o avanço alemão tornara-se mais lento, chegando a ser quase paralisado com a chegada das chuvas do outono, que transformavam o terreno em um imenso lamaçal. Quando o inverno siberiano chegou, em novembro, congelando o piso lamacento, os alemães puderam novamente deslocar-se, mas viram-se frente a frente com o problema da falta do equipamento militar de inverno, visto que Hitler previra que a vitória ocorresse ainda no verão. A camuflagem quente e branca de inverno estava a acabar, e cada vez mais veículos ficavam imobilizados devido às temperaturas tremendamente baixas, muito abaixo de zero grau Celsius. O inverno de 1941-1942 foi anormalmente rigoroso: na segunda metade de dezembro, a temperatura chegaria a -42° C. Elizabete estava com todos do *Balé de Bolshoi* trancafiados a sete

PERIGOSAS ACHERON

chaves em um bunker próximo de Leningrado enquanto Moscou sucumbia com a morte de um milhão de pessoas, eu estava desesperado em receber notícias de Moscou e não de Elizabete, levou cerca de três meses para que eu recebesse sua primeira carta onde me tranquilizava dizendo que estava tudo bem e ela e os demais estavam seguros, não podia me revelar o local correto, porém, sabia que era em Leningrado. Reclamou em sua carta que havia pouco alimento e pouca roupa para proteger do frio, à noite se amontoavam uns contra o outro para amenizar o inverno rigoroso e usavam livros e jornais velhos para acender e manter o fogo para minimizar o sofrimento, faltava água potável e eram obrigados a derreter o gelo para que pudessem beber. Elizabete me disse que as dificuldades eram inúmeras, mas, que resistiam e a dança amenizava e os deixava mais tranquilo porque continuavam a ensaiar desde as primeiras horas do dia até o anoitecer, mantinham dentro do bunker a sua rotina diária do *Bolshoi*, não deixando que os ataques alemães os desestimulassem. Todos estavam com esperanças que logo voltariam para Moscou e o seu teatro.

Foi um período difícil para Elizabete e para

PERIGOSAS NACIONAIS

todos na Europa que lentamente se rendia aos alemães. Quando as forças alemãs estavam dentro de Moscou e achavam que a cidade havia se rendido, o exército russo lançou no outono uma ofensiva. As forças alemãs, exaustas foram massacradas e quase congeladas. Os soviéticos consolidaram as suas posições em abril de 1942, afastando definitivamente a ameaça alemã contra Moscou e Elizabete pode retornar para o seu teatro. Em uma segunda carta me relatou que quando retornou a Moscou, a cidade estava praticamente em ruínas e pouca coisa estava em pé, com exceção de alguns prédios, inclusive o teatro que havia sofrido pouco os ataques. Elizabete disse que por onde se olhava, havia milhares de corpos em estado avançado de decomposição, que o cheiro era insuportável e milhares de feridos pediam ajuda pelas ruas. A vida havia se transformado em algo ridículo demais, a morte era a única boa coisa que poderia acontecer de bom a alguém. O caos era incontestável e diante da beleza do balé, mostrava claramente até que ponto o ser humano pode ser cruel com os seus irmãos. Elizabete nunca havia presenciado tanta carnificina e estava estarrecida e inconsolada, eu, tentava de certa forma, mesmo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

distante lhe escrever palavras de consolo, entretanto, ao mesmo tempo como poderia lhe dizer algo de bom. Se diante de mim, muitos amigos de *Riomaggiore* tombaram em batalha, hoje me pergunto e fico sem respostas. Quantos homens eu matei sem saber quem eram por questão de apenas sobreviver naquele caos. Como poderia amenizar seu sofrimento se meu coração estava machucado e ferido como o dela. Neste momento a única coisa que queria realmente é que aquele pesadelo acabasse e que acordássemos daquilo tudo e voltasse o mundo ao normal, como era antes em *Riomaggiore*. Infelizmente nem todos os sonhos são possíveis, quando se vive uma guerra, se vê a morte de perto e perdemos o medo dela, não tinha medo de morrer, era algo que fazia parte de como estar vivo, o medo era perder quem se ama em um mundo coberto de sangue e ódio.

PERIGOSAS ACHERON

1962: ACIDENTE NO BALÉ

(acidente afasta a primeira bailarina do Bolshoi)



Elizabete andou reclamando com a Sra. Irina Romanov por dores espontâneas e quando apalpava seu tornozelo, percebeu que o inchaço havia aumentado nos últimos dias, Elizabete sabia que não poderia se esforçar tanto e tentou diminuir o ritmo dos ensaios, porém, a Sra. Irina Romanov, o sargento do *Balé de Bolshoi* não aceitava desculpas grotescas, simplesmente gritava e se virava de costas ignorando as súplicas de Elizabete.

- Não é nada menina. Deixe de moleza, vamos. Um. Dois. Um. Dois...

Todos os demais bailarinos acompanhavam o
PERIGOSAS ACHERON

sofrimento de Elizabete desde que o primeiro bailarino, o russo Leandro Urolov a deixou cair em um determinado movimento, muitos acreditam que foi de propósito, Leandro Urolov já havia demonstrado anteriormente desafeto por Elizabete. Mesmo assim, Elizabete se esforçava para manter o ritmo dos exercícios para a apresentação do balé na próxima semana em Leningrado.

Em uma manhã de quinta-feira, estavam todos fazendo aquecimento para iniciar os exercícios e ensaios e Elizabete reclamava muito das dores que teve durante toda a noite, mostrou as outras bailarinas como o seu tornozelo estava inchado, mesmo assim, participou de todos os exercícios até o fim da tarde, quando passou pela ultima vez um passo com Leandro Urolov, seria um movimento arriscado onde Elizabete, apesar de tê-lo feito diversas vezes nos últimos anos a sempre deixava ansiosa e com medo de errar e se machucar mais ainda, Leandro era um bailarino experiente, porém bem rude e indelicado com suas bailarinas. No movimento, Elizabete seria levantada por Leandro Urolov e a deixaria cair ao chão em um movimento rápido e preciso, mas, suavemente e no momento da descida Leandro Urolov propositalmente a

PERIGOSAS NACIONAIS

deixou cair com mais velocidade do que a necessária ao movimento, não houve tempo para Elizabete se proteger do impacto batendo seu pé com intensidade no tablado torcendo seu tornozelo que já estava inchado. Em meio a um grito de dor, todos param seus exercícios e correm em volta de Elizabete caída ao chão com lágrimas nos olhos pedindo ajuda. A Sra. Irina Romanov entra como uma bala de canhão afastando todo mundo liberando Elizabete.

- Se afastem. O que aconteceu aqui? – Indaga nervosamente.

- Elizabete caiu e machucou o tornozelo. – Responde umas das bailarinas.

- Deixe-me ver menina. – Ela se abaixa, pega a perna de Elizabete e examina com atenção o tornozelo. Apalpa. Elizabete grita de dor. – Isso não é bom. Chamem o Dr. Wlad, rápido.

Dr. Wlad aparece com uma maleta de primeiros socorros após uns quinze minutos, olhou atentamente, examinou e após alguns minutos, chamou a Sra. Irina do lado, conversaram por algum tempo e vez ou outra olhavam para Elizabete caída no chão que se contorcia com muitas dores e lágrimas.

PERIGOSAS ACHERON

- Infelizmente teremos que remover até o hospital minha menina. Não se preocupe. Vai dar tudo certo. – Disse a Sra. Irina para Elizabete que simplesmente concordou com a cabeça.

Colocaram Elizabete em uma maca e a transferiram até o Hospital da Cidade de Moscou, chegando lá foram realizados diversos exames e após uma bateria de testes, Dr. Wlad e sua equipe se reuniram com a Sra. Irina Romanov e alguns bailarinos que acompanharam Elizabete, enquanto esta já estava em um leito do hospital medicada e sedada.

- Sra. Irina Romanov, o caso de Elizabete é grave. Acreditamos que ela não poderá dançar nos próximos meses. Na verdade não sabemos se voltará a dançar algum dia. – Disse friamente o medico a Sra. Irina e aos demais que estavam presentes.

- Mas o que aconteceu doutor? – Pergunta a Sra. Irina.

- Houve o rompimento dos ligamentos do tornozelo, e pelo que podemos diagnosticar ela já havia tido problema com este tornozelo anteriormente, por isso estava sentindo dores e o inchaço havia aumentado. Ela deveria parar os

exercícios e fazer uma fisioterapia. Infelizmente agora, só nos resta a tentativa de uma cirurgia e uma lenta e gradativa recuperação da Srta. Elizabete.

- Quando será a cirurgia? – Pergunta uma das bailarinas.

- Estamos preparando ela para a sala de cirurgia e deverá ser daqui algumas horas. Após a cirurgia deverá permanecer no hospital por uns quinze dias e será liberada. Terá que fazer fisioterapia para tentar recuperar os movimentos. Não sabemos se a cirurgia será um sucesso, o risco é grande de ela perder os movimentos em definitivo.

- Ela vai conseguir. Minha menina vai conseguir. – Diz a Sra. Irina Romanov com convicção.

Todos do *Balé do Bolshoi* permanecem na sala de espera, cada um torcendo por Elizabete de sua forma, uns orando, outros rezando, ou simplesmente pensando positivamente. Elizabete era querida por todos do *Bolshoi*, com algumas exceções, contudo, no mundo das artes sempre há aqueles que nos odeiam sem ao menos saber explicar o porquê. Segundo o Dr. Wlad a cirurgia que durou por quatro horas foi considerada um

sucesso em termos médicos e na época, não havia tantos recursos. Agora a única coisa que nos restava era torcer por sua recuperação que leva dois fatores: persistência e fé.

Cheguei a Moscou depois de três dias após receber uma mensagem da Sra. Irina Romanov comunicando e de certa forma se desculpando pelo ocorrido. Quando estive em Moscou conversei pessoalmente com ele e a tranquilizei, ela não se perdoava por ter saído apenas um minuto da sala de ensaios e aconteceu àquela tragédia com sua “menina” como costumava dizer. Não acreditava que o sargento do *Bolshoi* conseguisse expressar sentimentos, mas tive que ampará-la após um choro com soluços, fiquei até surpreso, como sempre imagina os russos um povo frio e calculista, entretanto, quando se passa a conviver com eles, se percebe que são pessoas boas e por baixo daquela aparência rude e fria, existem sentimentos que demonstram e se preocupam e torcem por você. Apenas sobrevivem em um sistema fechado e egoísta que os transformam em carrancudos às vezes. Demorei a chegar ao Hospital da Cidade de Moscou e houve muita burocracia para que me deixassem entrar em seu quarto e ficar ao seu lado,

tive que aguardar uma autorização da diretoria do *Bolshoi* para que isto ocorresse. Após muito nervoso consegui finalmente me aproximar de Elizabete que estava em seu leito dormindo, me aproximei lentamente, vi que estava recebendo soro e notei diversos ramos de flores por todo o quarto, sentei-me ao seu lado em uma poltrona que existia na cabeceira de seu leito, peguei um velho jornal que estava jogado por ali e fiquei folhando-o até que acabei pegando no solo, dormi com o jornal sobre mim e acho que cheguei a roncar. Acordei sendo chamado por uma enfermeira que pesava uma meia tonelada e me cutucava insistentemente me dizendo:

- Senhor, o horário de visitas acabou. O senhor tem que se retirar. Senhor.

Acordei sonambulo, olhei para Elizabete que ainda dormia, acho que ela estava sedada, peguei minhas coisas e fui para o hotel no centro da cidade não muito longe dali. Queria ficar em seu quarto o tempo todo, porém os russos não permitem acompanhantes em seus quartos de hospital.

Retornei no dia seguinte e foi mais fácil entrar desta vez, já estava identificado pela segurança do hospital, quando cheguei ao quarto vi Elizabete

sentada, recostada em um travesseiro fazendo uma refeição de um caldo meio estranho, quando me viu, largou imediatamente sua refeição, deu aquele lindo sorriso e pronunciou as palavras mágicas:

- Vittu.

Como é bom ouvir este som vindo daquela mulher, minha alma vai a outro mundo. Devolvi-lhe com outro sorriso, havia levado um vaso de orquídea que ela tanto adora, cheguei mais perto, beijei sua testa e senti que mesmo internada se percebia o seu doce perfume.

- Como está você meu anjo? – Perguntei curiosamente.

- Agora estou bem Vittu. Vou me recuperar.

- Com certeza. Desta vez foi um pouco mais grave do que em *Riomaggiore*, lembra?

- Sim, lembro. Foi o mesmo tornozelo. Ele quer me tirar da dança. Mas, quem manda é aqui... – Aponta para o cérebro e ri gostosamente.

- Sabe quando irá sair deste hospital.

- O Dr. Wlad diz que é na próxima semana.

- Muito bom. Sabe que por enquanto não poderá dançar, terá que fazer fisioterapia e um acompanhamento.

- Sei. O Dr. Wlad já me explicou tudo.

- Pretende ficar aqui em Moscou até voltar a dançar?

- Depende.

- Como assim? – Indaguei curioso.

- De você Vittu. – Responde sorrindo.

- Ainda não entendi.

- Puta merda! O homem burro. Quero que me convide a ficar em Paris com você. – Cai na gargalhada e eu também, dessa vez ela me surpreendeu com seu convite.

Permaneci com Elizabete até o seu dia de alta, indo e vindo todos os dias, já que o hospital não permitia que eu ficasse por lá à noite. Fui buscar Elizabete e providenciei uma cadeira de rodas, quando recebeu alta a Sra. Irina Romanov e boa parte dos bailarinos do *Bolshoi* estavam lá com ramalhetes de flores para se despedir de Elizabete que se emocionou bastante com a atitude de seus colegas. Até eu acabei ficando emocionado e achei que lhe prestaram uma homenagem e tanto, não querendo puxar sardinha para ela, perderam uma grande bailarina.

Em Paris, minha doce cidade. Acomodei Elizabete no quarto de hospedes devido ao seu problema de locomoção, contratei uma enfermeira

em tempo integral para atender as necessidades de Elizabete e acompanhá-la na fisioterapia e ao médico. Não sou médico, todavia me parecia que Elizabete estava se recuperando rapidamente, com certeza sua persistência e teimosia faziam diferença, vez ou outra sentia que ela se sentia abatida e me parecia que largaria o balé, palavra a qual Elizabete desconhecia em seu dicionário. Tem dias que a gente realmente perde o ritmo. Quando percebia esta tristeza escondida nela, sempre a levava na cadeira de rodas até a *Torre Eiffel* e aos bistrôs que ela tanto adorava, notava seu sorriso se fortalecer e sempre retornávamos para casa rindo muito. Era muito divertido estar com Elizabete, havia uma troca e um respeito muito grande entre nós, por vezes havia uma mistura de sentimentos de irmão, pai, contudo às vezes o homem ressurgia e não era fácil resistir ao seu sorriso sem pensar em lhe beijar e ter ela nos meus braços como mulher. Com o tempo fui aprendendo a lidar com meus sentimentos, confesso que não é fácil.

Certa vez estávamos na varanda trocando algumas palavras quando entramos em um assunto mais sério, sobre o fato de ela ainda beber, e muito. Indaguei:

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu sei que você não tem bebido nestes últimos dias porque esta tomando os medicamentos e fazendo o tratamento. Mas, e antes?

- Vittu. Vittu. Faz muitos anos que não bebo mais. – Respondeu me olhando com aquela carinha de anjo.

- Tem certeza disto? – A desafiei.

- Você me conhece, sabe que não mentiria.

- É, porém, agora está mentindo para mim. Bebe ou não?

- Às vezes, mas, olha, tenho tentado parar Vittu.

- Quando você se machucou havia bebido?

- Não estava bem. Quer dizer as dores eram muitos fortes e a noite sempre bebia um pouco de vodca. Para amenizar as dores.

- Sei como é.

- Sabe mesmo?

-Não meu anjo. Sabe que me preocupo com você. E a questão da bebida. Ainda acho que tem que procurar ajuda.

Em um ano e meio que Elizabete permaneceu comigo em Paris nunca a vi beber, consegui conversando muito com ela leva-la para participar de algumas reuniões dos Alcoólicos Anônimos, percebi que havia nela uma grande vontade de se

PERIGOSAS ACHERON

curar, afinal era uma doença e ela estava com um único objetivo, voltar a dançar no *Bolshoi*, voltar a ser a primeira bailarina.

Já estava se sentindo bem melhor e já arriscava alguns passos de balé, próximo a Maison, havia uma escola de balé e Elizabete começou a frequentar o lugar que era cheio de meninas que a adoravam, ela era um ídolo para elas. Elizabete começou a ensaiar e a participar com elas de vários projetos. Teve momentos que acreditei seriamente que Elizabete não voltaria mais para Moscou, nem para o *Bolshoi*, ela se envolveu demais com aquelas meninas e adorava aquilo. Como o destino é algo que nos surpreende sempre, não no caso dela que sempre ia e vinha constantemente, chegou o momento que eu não queria. O seu retorno a Moscou. Era fim de 1963, foi o tempo mais longo que permaneci ao lado de Elizabete, foram tempos incríveis ao lado daquela mulher.

1939: DIFICULDADES NO BOLSHOI

(máfia do sexo escondida por trás de festas promovidas com as bailarinas do Balé de Bolshoi)



Apenas duas cartas foram necessárias para que eu pudesse perceber que Elizabete não estava bem no *Balé de Bolshoi*, talvez o sonho não se transformaria em realidade e seu retorno seria mais breve do que imaginado por ela e por todos. Elizabete me relatava com todas as letras a grande dificuldade e a forma rude como foi recebida pelo corpo de bailarinos russos. Houve e havia muito preconceito para com as estrangeiras, além de uma vida dura e muito mais árdua do que as bailarinas russas, eram obrigadas a dormir em aposentos apertados onde só cabiam duas meninas, colocavam oito ou mais, geralmente as estrangeiras ficavam

PERIGOSAS ACHERON

com o desconforto e mal instaladas, além de obrigadas a realizar tarefas que não lhes dizia respeito, como recolher os acessórios usados pelo primeiro corpo de bale e deixar tudo arrumado antes de se deitarem. A Sra. Irina Romanov, Diretora de Balé era pior do que um sargento na II Guerra. Passava o tempo todo gritando e chamando à atenção das meninas, o pior é que era em Russo e elas tinham dificuldades para entender e realizar as tarefas. Acabavam sempre de uma forma ou outra sendo punidas injustamente.

Meses após a sua chegada ao *Balé de Bolshoi* Elizabete se encontrava desestimulada e querendo jogar tudo para o alto, não reclamava da rotina diária de se levantar às cinco horas da manhã e ir se deitar sempre depois das dez, após um dia exaustivo de ensaios repetitivos de movimentos. Seus pés e o das meninas viviam sangrando, passavam a maior parte do tempo fazendo curativos nas unhas e tomando analgésicos para amenizar a dor, dizia constantemente que estava tornando um vício tomar remédios ou beber vodca para amenizar do frio e das dores terríveis. Havia um preconceito absurdo e elas percebiam que não haveria chance alguma em fazer parte do corpo de balé principal,

PERIGOSAS NACIONAIS

não seriam mais do que coadjuvantes naquele universo de fantasia. A realidade era outra, bem diferente da propaganda divulgada nas pequenas cidades onde arrebanhavam as meninas na doce ilusão do sucesso e fama.

Uma das vantagens de Elizabete sempre foram sua grande persistência e teimosia, nunca conheci alguém assim, era única e quando empacava, ninguém metia em sua cabeça que era diferente. Certa vez me disse que a primeira bailarina russa, Elena Krakiova a desafiou, dizendo que ela nunca seria a primeira bailarina do *Bolshoi* e ainda por cima lhe apontou o dedo. Acredito que essa moça deva ter se arrependido desta atitude, ela não conhece Elizabete como eu conheço. Elizabete aceitou o desafio e disse para a primeira bailarina que era para se cuidar, porque seria a próxima primeira bailarina. Acredito num embate violento entre as duas, e foi assim por um longo período.

Entretanto, o que mais me preocupava era a questão da venda de meninas estrangeiras para agradar alguns homens ricos da União Soviética, Elizabete me relatou diversas vezes que o diretor do *Bolshoi*, Vladimir Uski promovia aos finais de semana algumas festas cercado de bebidas e sexo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Que obrigava as bailarinas jovens e bolsistas a participarem, e no final das festas, sempre eram oferecidas como prêmio em atos sexuais. Quem se negasse a participar, evidentemente não teria chance alguma de participar do corpo de balé principal e muito menos fazer parte da turnê que o *Bolshoi* realizava todos os anos. Elizabete foi intimada a participar de inúmeras festas, infelizmente sempre ia, porque não tinha opção. Estava sozinha em um país estranho e sujeita a tudo. Certa vez um velho bêbado a tentou passar a mão em seu corpo, Elizabete jogou o velho sobre a mesa que acabou derrubando todas as bebidas e taças que estavam ali, alguns camaradas retiraram Elizabete do recinto e teve uma semana de punição, não podia ensaiar e era obrigada a limpar os camarins de todos do primeiro corpo. Elizabete só foi retirada do castigo porque a Diretora, Irina Romanov precisava de uma coadjuvante para um novo espetáculo e ninguém do corpo de bailarinas russas conseguia executar o movimento com precisão, somente Elizabete foi capaz. De certa forma Irina Romanov acabou se tornando a grande protetora e tutora de Elizabete. Sabia que podia exigir que ela fosse corresponder. Após alguns

PERIGOSAS ACHERON

meses de desafios Elizabete começou a mostrar a todos do *Bolshoi* para o que veio. Ganhou admiração de alguns bailarinos, apesar do ódio extremo deliberadamente declarado por Elena Krakiova que a desafiava a todo instante em todas as oportunidades que podia. Elizabete me contou que certa vez Elena, simplesmente destruiu a roupa de Elizabete com a tesoura em seu camarim, obrigando-a a usar roupa de outra bailarina. Todos respeitavam Elena porque era a primeira bailarina há alguns anos, apenas se achava insubstituível, apenas se esqueceu de que o tempo chega para todos um dia, e queiramos ou não, teremos que ceder para outros o nosso lugar. Todavia, já se percebia que havia certa insatisfação com suas atitudes antiéticas e profissionais. Elizabete junto com as bailarinas estrangeira formaram um pelotão de resistência e provaram que eram tão ou melhores que as bailarinas russas. O que lhes faltava era oportunidade para mostrar o talento, eram obstinadas, persistentes e graciosas. Elizabete apesar de italiana tinha uma beleza nórdica e se destacava em qualquer corpo de balé, era praticamente impossível você assistir há um espetáculo sem notar sua presença através de sua

beleza e graciosidade. Não é a toa que foi aclamada anos depois como o “Cisne”, eu particularmente preferia chamar de “Anjo” e foi assim que sempre a chamei a vida toda, assim como ela me chamou a vida toda de Vittu, são coisas imutáveis que passamos a amar e fica difícil mudar.

Não sei se Elizabete me contava realmente tudo, talvez estivesse omitindo muita coisa, afinal ela não tinha que me dar satisfação alguma, porém, sabia que eu me preocupava com ela.

Elizabete me contou que na primeira semana quando chegaram a Moscou, a saudade foi tão intensa que tinha vontade de retornar para *Riomaggiore* por mais que amasse dançar. Sentiu falta das pessoas, do vilarejo e de mim. Fiquei até surpreso, me dizia com tanta verdade que passei a acreditar nela. Na verdade minha enorme vontade era ir para lá. Quando começamos a receber algumas notícias de que Hitler havia invadido a Áustria, um temor tomou conta de nossos corações e inúmeras incertezas ficaram no ar, não sabíamos até que ponto aquele homem poderia transformar o mundo, não sabíamos até que ponto sua doença nos afetaria de alguma forma. Pensava sempre em Elizabete sozinha em um lugar frio, distante, com

PERIGOSAS NACIONAIS

uma língua estranha e gente desconhecida e mais estranha ainda. Eu sentia meu anjo desprotegido.

Moscou era tão distante de nosso mundo, sabia que poderia acontecer desde que a vi balançar os pezinhos no colo de sua mãe, no entanto, não sabia que isto me afligiria tanto.

PERIGOSAS ACHERON

1964: RETORNO À ROMA

(o retorno do cisne no Coliseu em Roma com a presença do Papa e outras autoridades)



Acordei transpirando muito e me contive para não gritar o seu nome em meu quarto. Sonhei a noite toda com Elizabete como nunca havia ocorrido antes, pelo menos que eu me lembre. Achei o sonho tão intenso e verdadeiro que pude sentir seus lábios com aquele batom vermelho tocarem o meu, senti seu perfume, senti seus cabelos em meu rosto e senti seu corpo de uma forma única e sexy. Realmente eu estava precisando de ajuda, muita ajuda. Talvez todo aquele sonho esquisito que a beijava loucamente seja pelo fato de ir encontrar com Elizabete em PERIGOSAS ACHERON

Roma na próxima semana, depois de dois longos anos de recuperação após seu rompimento de ligamento do tornozelo, Elizabete se apresentaria com o *Bolshoi* novamente encenando claro o seu clássico preferido, O Lago dos Cisnes diante de milhares de pessoas em um evento especial promovido pela Cúria Romana, haveria a presença de políticos, primeiros-ministros, presidentes, reis, rainhas, príncipes e o próprio Papa em pessoa para assistir a este retorno triunfal de Elizabete aos palcos. Toda imprensa mundial comemorava em manchetes bem destacadas a volta da primeira bailarina do *Bolshoi*, todos a reverenciavam como a rainha do balé. Havia conversado com ela nos últimos seis meses através de cartas como habitualmente fazíamos desde os tempos de *Riomaggiore*. Eu particularmente achava que Elizabete escondia algo de mim e do público, não sentia aquela convicção que ela sempre demonstrava diariamente em toda a sua vida. Algo a incomodava, não sabia ao certo de o alcoolismo havia lhe atingido novamente, se havia voltado a beber desvairadamente até se deixar cair pelos becos escuros de Moscou. O fato que havia certo mistério em todo o seu retorno. Sabia perfeitamente

que ela tinha capacidade plena de se reabilitar integralmente e mesmo que não estivesse pronta, com certeza se superaria mais uma vez, como o tem feito por toda sua vida de bailarina.

Naquele ano em especial o Coliseu de Roma havia passado por uma restauração depois de dez anos de um trabalho delicado e intenso, haveria a oportunidade de o mundo reverenciar um patrimônio histórico acompanhado por boa música e dança. Seria sem dúvida uma noite inesquecível para o mundo, particularmente para Elizabete, eu sabia o quanto ela havia se dedicado e o quanto sofreu em sua reabilitação para colocar aquele pé novamente no chão. Houve momentos de incertezas e muitos momentos em que ela se entregava em um choro continuo e intenso e passou a desacreditar em muitos desses momentos que nunca mais voltaria a dançar. Havia de certo modo criado em sua mente este bloqueio e já estava se preparando para o pior, não largaria assim tão facilmente, porém havia momentos bem difíceis.

Cheguei a Roma com dois dias de antecedência, me hospedei no mesmo hotel em que Elizabete e o *Balé de Bolshoi* estavam registrados. A recepção fez minha checagem e subi ao quarto, estava muito

cansado e resolvi tirar um cochilo antes de me encontrar com ela no Restaurante Le Livorno, iríamos jantar com o Cardeal Dom Juan Pedralves e alguns membros do clero de Roma, além de umas pessoas que não conhecia, entretanto com certeza faziam parte do show. Eu particularmente não aprecio este tipo de evento, não há intimidade e se fala muito futilmente, é um jogo estranho de interesses que não me diziam respeito, a não ser Elizabete. Eu me preocupava com ela e não queria que ficasse sozinha no meio de leões.

Quando cheguei ao restaurante Elizabete já estava à mesa com os demais convidados, acho que era o último a chegar e como sempre me recebeu cortesmente e formalmente, isto me irritava bastante, não éramos formais, éramos íntimos. Sentei-me um pouco longe dela e não consegui sequer trocar uma palavra diretamente com ela, apenas participei de uma conversa coletiva sem nexos, com muitas gargalhadas de coisas que não tiveram graça nenhuma, enfim, um jantar chato que às vezes eu tinha vontade de me retirar daquele mundo pobre e sumir. Apesar de ser jornalista, tem coisas que não me interessam nem um pouco. Permaneci ali até que a grande maioria se retirou,

sobrando eu, Elizabete e um rapaz que me parecia ser do *Bolshoi*, deduzi porque ele falava em russo com ela, me deixando totalmente fora da conversa, aquilo me irritou profundamente e em certa hora me levantei repentinamente e disse a Elizabete que partiria. Como teria um dia cheio com alguns trabalhos a fazer sobre a matéria da reinauguração do Coliseu, o *Le Monde* publicaria um caderno especial sobre o assunto. Tentei me desvencilhar vendo que ali não sairia nada de proveito. Quando ameacei me retirar, ela me segurou pela mão e com um olhar pediu que esperasse para levá-la ao hotel, fiquei em pé mesmo, enquanto ela se despedia do rapaz. Levantou-se, eu já estava na frente da mesa em pé, abraçou meu braço como sempre fazia e caminhamos do Restaurante até o hotel por cerca de quatro quadras, a noite estava linda e o céu límpido podia se observar nitidamente as estrelas. Bateu aquela saudade de *Riomaggiore* novamente e ali ao lado dela, aquilo foi mais forte e verdadeiro. Tabulamos conversa enquanto caminhávamos sem pressa:

- Como você está Vittu? Quase não nos falamos hoje.

- Quase! Não nos falamos. Esta é a primeira

PERIGOSAS NACIONAIS

vez. - Respondi irritado.

- Me desculpe Vittu. Sabe que são formalidades de nossa profissão.

- Não. Tudo bem. Esquece, ando meio nervoso e você não tem culpa. Eu que peço desculpas.

- Está tudo bem com você? Quer me dizer algo.

- Me indagou enquanto se agarrava em mim.

- Não. Está tudo bem. Só ando meio cansado mesmo, acho que é a idade.

- É você está ficando velho mesmo. Olhe seus cabelos. Já estão ficando grisalhos. – Riu docemente.

- Você também não é nenhuma garotinha. – Respondi indelicadamente.

- Estou brincando seu bobo. Você está lindo com estes cabelos grisalhos. Sério. Aposto que tem muita mulher dando em cima de você por aí, um solteirão bem apanhado assim.

- Você hoje está com vontade de me irritar mesmo.

- Nossa! Você hoje está um porre mesmo. O que aconteceu com o Vittu atencioso que sempre esteve comigo.

- Acho que esse Vittu morreu.

- Olha aqui. – Para na minha frente e me encara

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pela primeira vez. – O Vittu que conheço está aí dentro. – Bate no meu peito com força tentando me machucar. – Deixa-o sair, não faz isto com você mesmo. Sempre me disse que é preciso superar sempre, é preciso persistir sempre e agora esta desistindo de tudo, desistindo de mim.

- Não estou desistindo de você, nem de ninguém. Apenas estou tentando mudar.

- Vittu! – Diz segurando o meu rosto. – Olhe nos meus olhos.

Não esbocei nenhum medo e a encarei. Ela deu aquele lindo sorriso e disse com a voz mais suave do mundo.

- Eu te amo.

- Você não sabe o que está falando, acho que está bêbada novamente.

- Você está me ofendendo assim. Não estou bêbada. Eu não entendo você. Corre atrás de mim a vida toda, fica pelos cantos me espionando, sabe tudo sobre minha vida, o que faço, onde estou e com quem vou. Não entendo você.

- Elizabete. – Pela primeira vez a chamei assim. – Estou cansado de correr por você, de jogar minha vida fora por você. Quando acho que você irá ficar, você parte. Quando acho que esta tudo bem, você

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

arruma um marido não sei onde e aparece casada. Como você acha que me sinto vendo tudo isto, como você imagina que eu veja tudo isto. Dói muito, é uma dor intensa aqui dentro do peito que me mata aos poucos, que me corrói a alma. Estou tão machucado, estou tão sozinho. Não tenho você, não tenho ninguém e isto cansa.

Elizabete acelera o passo e começa andar na minha frente, caminhamos assim, distantes um do outro, ela chega primeiro ao hotel e mal me diz boa noite, sobe para seu quarto e eu permaneço no saguão do hotel por um tempo, vou até o bar que ainda está aberto e tem uma meia dúzia de pessoas conversando e bebendo, peço um conhaque e acabo ficando por ali até de madrugada sem saber ao certo quantos conhaques eu bebi.

Acordei com alguém batendo na porta desesperadamente, levantei-me, coloquei um robe e fui atender, quando abro a porta era Elizabete que estava ali diante de mim.

- O que pensa que está fazendo comigo? – Me pergunta furiosamente.

- Não entendo o que está falando.

- Estou disposta a mudar, a desistir de tudo, inclusive da dança. Tudo por você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Nunca lhe pediria algo assim. Sei que a dança é sua vida.

- Se soubesse mesmo como me sinto, pediria Vittu. Estou indo ao ensaio, a apresentação é amanhã à noite. Pense bem no que está fazendo e depois conversamos. Até logo. – Me dá um beijo na boca me pegando de surpresa em pé na porta do quarto.

Passei aquele dia todo em pânico e sem saber a resposta que Elizabete queria ouvir, por muitos anos pensei nela e agi da forma que a mantivesse junto a mim, nunca consegui e agora ela estava diante de mim, implorando para ficar comigo. Não entendia aquilo e minha cabeça estava confusa. Naquela tarde bebi desvairadamente e acabei bêbado largado na cama. Acredito que dormi aquela noite inteira sem me mexer na cama. Elizabete não apareceu, até pensei que havia desistido de mim. Fui um burro naquele momento, desisti do meu amor por nada.

Encontrei Elizabete já no Coliseu de Roma no dia da apresentação, fui até o camarim dela levar uma orquídea e lhe desejar boa sorte, havia uma fila imensa de pessoas querendo falar com ela antes do espetáculo, desisti e deixei a minha orquídea

PERIGOSAS ACHERON

próxima ao camarim junto com um cartão e avisei o segurança que estava na porta para entregar a Elizabete. Locomovi-me apressadamente ao local reservado para jornalistas, a apresentação começaria dentro de alguns minutos.

Notei que o Coliseu estava lotado, milhares de pessoas aguardavam aquela grande apresentação, pude ver ao longe uma tribuna onde se encontravam algumas autoridades e o próprio Papa que abençoava as pessoas ali presentes diante de milhares de aplausos. Houve um grande silêncio e a música iniciou o primeiro ato, as cortinas se abriram e lá estava Elizabete Drebes, linda, maravilhosamente linda flutuando por todo o palco. Não sei quantas vezes eu assisti O Lago dos Cisnes com Elizabete ao redor do mundo, tenho certeza que cada apresentação era única e ela se superava a cada uma delas, sempre mostrando que era capaz de mais. Para quem a viu ali naquele momento nunca imaginava o que ela havia passado nos últimos dois anos. Ela era insuperável, sempre.

Foram quatro atos contemplados e aplaudidos com todos em pé reverenciando a primeira bailarina do *Bolshoi*, milhares de flores foram arremessadas ao palco no fim da apresentação e Elizabete se

retirou para o camarim silenciosamente e imaculadamente. Tentei mais uma vez cumprimentá-la, porém, em vão, muitas pessoas pensaram o mesmo que eu, não quis disputar a atenção e glória dela, fui para o hotel, fiquei um pouco no bar novamente, entretanto, me controlei nos conhaques. Subi ao meu quarto por volta das duas da manhã e não havia notado o retorno de Elizabete. No dia seguinte partiria para Paris e pensei comigo que poderia tomar café da manhã com ela e me despedir.

Deitei-me e devido ao cansaço, peguei no sono rapidamente, quando acordei pela manhã, estiquei meu braço e me assustei, bati no corpo de alguém, parei um pouco e pensei que talvez tivesse exagerado na bebida novamente, me virei bem lentamente e ela estava lá. Elizabete dormia como um anjo ao meu lado. Não descobri como entrou no meu quarto e como se deitou ao meu lado sem eu perceber, porém, adorei vê-la ali. Aproximei-me de seu corpo, abracei e ficamos ali por um bom tempo enquanto eu admirava sua beleza, seu jeito angelical de dormir, seus cabelos, seu corpo, tudo era perfeito. Fiquei mexendo em seus cabelos por um bom tempo, ela acordou lentamente, abriu seus

PERIGOSAS NACIONAIS

lindos olhos azuis, me viu, deu um largo e lindo sorriso e disse na voz mais meiga de todas:

- Bom dia Vittu. – E se recostou como sempre fazia desde menina em meu ombro. Eu adorava aquilo.

- Bom dia meu anjo. – Respondi.

- Não quis acordar você e me deitei ao teu lado. Fiz mal?

- Claro que não meu anjo. Fez muito bem. Desculpe-me por ontem.

- Esquece Vittu. Esquece, estávamos nervosos. Foi uma semana intensa para nós dois.

- É verdade. Mesmo assim, me perdoa?

- Sempre meu anjo. Sempre. – Nos beijamos como nunca havíamos beijado e fizemos amor como nunca havíamos feito, permanecemos na cama o dia todo e eu perdi minha passagem para Paris. Mas, quem se importa com Paris quando se está ao lado da mulher que ama.

PERIGOSAS ACHERON

1972: A MORTE DO CISNE

*(algo não esperado e nunca pretendido,
todavia, faz parte de nossa essência desde que
nascemos)*



Retornava para a Maison por volta das nove horas da noite depois de um dia fatídico e cansativo na redação do *Le Monde*, antes de ir para casa, passei no bistrô para tomar um café amargo para recompor as energias, trazia comigo uma baquete para mais tarde comer algo antes de me deitar, era o início de Janeiro de 1972, e como sempre disse, minha vida sempre repletas de surpresas as vezes boas e a grande maioria, más. Aproximei-me do portão da Maison e percebi uma mulher de vestido com um enorme chapéu cheio de flores e estava

PERIGOSAS ACHERON

sentada delicadamente na escada do hall com uma pequena valise de mão ao seu lado, estava com as mãos sobre o joelho enquanto mexia os pés impacientemente, de súbito vi que era Elizabete ali, apesar de estar escuro e não poder perceber suas feições. Quando me viu, levantou-se imediatamente e correu ao meu encontro, me abraçou enquanto permaneci imóvel segurando a baquete que se quebrou ao meio e ao mesmo tempo fiquei surpreso.

- Vittu! Que bom ver você novamente. Estava morrendo de saudades de você. – Enquanto me abraçou fortemente e me beijou diversas vezes no rosto. Eu ainda perplexo perguntei:

- O que faz em Paris? Melhor o que faz aqui em minha casa? – Fui bem ríspido com ela, acho que cruel mesmo.

- Nossa Vittu. Você está sendo rude comigo. O que eu lhe fiz? – Pergunta inocentemente enquanto fica na minha frente com aquele olhar meigo e irresistível.

- Você me pergunta o que fez. Não se lembra da ultima vez que esteve aqui. Simplesmente em um belo dia você partiu e me trocou por aquele maldito balé e...

PERIGOSAS NACIONAIS

Coloca o dedo sobre meus lábios e se aproxima dizendo:

- Eu sei que cometi muitos erros na minha vida Vittu. Aliás, inúmeros. E a maior burrada de todas foi te deixar várias vezes. Só que cansei de ser assim, eu te amo e quero ficar com você para sempre. Perdoa-me?

- Você sempre diz isso. Parece um disco riscado. Como posso confiar em você dessa vez. Você já imaginou quantas vezes meu coração ficou em pedacinhos por você quando não a vi ao meu lado. Você imagina isto?

- Não Vittu. Não consigo imaginar. Somente sei que você é um homem maravilhoso que eu amo. Quero recompensar tudo que perdi ao teu lado, me de uma chance Vittu. Por favor! – Faz aquele biquinho de choro que nunca resisti.

- Vou pensar. – Respondo friamente. – Vamos entrar, não quer ficar a noite toda aqui fora discutindo, quer?

- Não, nunca. Vamos ter baguette no café da noite. – Diz olhando para a baguette se animando. – Vou preparar um café delicioso para nós dois meu amor. – Segura no meu braço e entramos em casa. Perdi a conta de quantas vezes ela fez isto nestas

PERIGOSAS ACHERON

idas e vindas. Prometi-me que desta vez seria diferente, não seria tão tolo como fui das outras vezes, seria mais duro com ela, não poderia mais deixar o tempo passar daquela maneira. Nossas vidas estavam se esvaindo rapidamente e não conseguíamos aproveitar os momentos juntos.

- Cadê suas coisas? - Indaguei antes de entrar vendo aquela pequena valise em sua mão.

- Só preciso disto aqui, o resto esta aqui com você. – Respondeu sorrindo.

- Pelo menos nisto você mudou, antes era uma tralha que não acabava nunca.

Novo dia, nova manhã e meu medo eram crescentes porque não sabia até que dia Elizabete permaneceria em minha casa, concordo que ela estava mudada em muitas coisas e me surpreendeu mostrando um lado romântico que nunca havia visto. Percebi que a vida talvez tenha sido dura demais com ela e aprendeu a lição, porém, com Elizabete sempre era uma incógnita saber o futuro. Poderíamos viver bem por uma semana, um mês ou um ano, contudo, a qualquer momento partiria sem ao menos dar qualquer satisfação, simplesmente partia e me deixava completamente acabado. Sentia-me um inútil quando ela fazia isto comigo.

Estávamos tendo uma vida bem agradável e fui percebendo o quanto ela estava diferente, para melhor é claro, e não preciso nem dizer, eu a amava mais ainda, seu sorriso voltou com um esplendor único e seus olhos brilhavam intensamente com aquele azul que me conquistou desde que nasceu. Fazíamos tudo que podíamos juntos por Paris e chegamos a dar algumas escapadinhas até Londres e Roma. Vivíamos intensamente uma lua de mel não programada e nem éramos verdadeiramente casados, algo que me importunava um pouco, porque sempre quis casar com ela, porém ela sempre relutou quanto a isto.

Os meses foram passando rápido demais, me pergunto por que quando estamos felizes o tempo passa tão depressa e na tristeza tudo é muito demorado. O fim do ano se aproximava velozmente e iríamos passar o natal e o ano novo em Paris mesmo, pela primeira vez em minha vida, haveria alguém além de minha árvore de natal e meus presentes e amigos imaginários.

Tudo caminhava dentro da normalidade quando no fim de setembro, cheguei em casa e não percebi Elizabete na cozinha ou em outro canto da casa, na hora me disse, “ta vendo seu idiota, ela se foi

novamente”, chamei por ela e não obtive resposta, quando chequei ao quarto ouvi um choro persistente, era Elizabete que estava em prantos sobre a cama com um papel na mão direita. Mesmo vendo-a chorar, foi um alívio saber que não havia partido.

- O que aconteceu meu anjo? – Perguntei curiosamente.

- Estou doente Vittu. Muito doente. – Respondeu em soluços.

- Como assim meu anjo. Doente? Você está ótima.

- Não é que diz este papel aqui. – Levanta o papel para me mostrar. Eu o pego da sua mão.

- Mas o que é isto? Quando foi ao Dr. Ferdinand Larousse? Nunca me disse nada a respeito. O que é isto Elizabete?

Ela sentou-se na beirada da cama como sempre fazia com aquele ar de menina precisando de ajuda. Enxugou as lágrimas com a mão e disse:

- Eu fui ao Dr. Ferdinand Larousse a semana passada porque estava com umas dores no abdômen e me sentia muito cansada ultimamente, percebi um sangramento e fiquei preocupada. Não quis lhe dizer nada para não deixá-lo preocupado meu amor.

PERIGOSAS NACIONAIS

Porém, as dores têm aumentado mesmo tomando os medicamentos que o doutor receitou. Hoje fui buscar o resultado e é este aí.

Olhei para o papel e não entendi muita coisa, resumindo dizia que ela estava com o fígado não funcionando muito bem devido provavelmente a uma cirrose causada pelo excesso de consumo de álcool, mas seria necessário fazer uma biópsia para confirmar os resultados.

- Meu anjo não é nada grave, é apenas uma suspeita. Vão fazer uma biópsia para confirmar, acho que não deve se preocupar tanto. Deveria ter me falado, eu te acompanhava até o Dr. Ferdinand Larousse.

- Eu sei Vittu. Fiquei com medo.

- Medo? Você nunca teve medo meu anjo.

- Agora eu tenho Vittu. Muito medo de te perder.

- Você não vai me perder nunca. – Aproximei dela e lhe abracei e a beijei. Talvez ela tenha ficado mais tranquila naquele momento. – Quando vai fazer a biópsia?

- Na quarta-feira de manhã. Você vai comigo?

- Claro meu anjo. – A segurei com firmeza em meus braços e uma pontada em meu peito me disse

PERIGOSAS ACHERON

que aquilo não era bom.

Na quarta-feira pela manhã, fomos até o Hospital de Salpêtrière onde seria feita a biópsia, o Dr. Ferdinand Larousse nos explicou que ela seria sedada para retirarem um pedaço do fígado, provavelmente no fim da tarde já poderia ir para casa. Em quinze dias dariam os resultados da biópsia, para saber se era maligna ou benigna. Enquanto isto, Elizabete deveria permanecer em repouso absoluto, não consumir nenhum tipo de bebidas alcoólicas e realizar refeições em pequenas porções durante o dia. Havia uma tensão e angústia muito grande em casa e resolvi tirar uma licença do *Le Monde* para ficar com Elizabete enquanto necessitava de cuidados, o Sr. Hubert Beuve-Méry me liberou prontamente após lhe explicar o que acontecia e se colocou a disposição para qualquer ajuda necessária, até financeira, caso fosse necessário para o completo restabelecimento de Elizabete. Nestes momentos que realmente descobrimos que de fato é nosso amigo, o Sr. Hubert Beuve-Méry.

Foram quinze dias de agonia e terror, Elizabete sentia cada vez mais dores intensas e ela estava notadamente debilitada, sua expressão era de dor e

medo, aquilo me agonizava e cada vez mais percebia que era algo muito grave. Os resultados chegaram e recebemos uma ligação do *Hospital de Salpêtrière*, achei melhor deixar Elizabete em casa para evitar locomoções desnecessárias, fui sozinho ao *Hospital de Salpêtrière* sendo recebido atenciosamente pelo Dr. Ferdinand Larousse que atendeu Elizabete anteriormente. Ele me fez entrar em seu consultório, pediu para me sentar e me deu a noticia que eu não queria receber, aliás, ninguém quer, apesar de que a morte é a única coisa certa de que sabemos.

- Sr. Vittorio, infelizmente os resultados da Sra. Elizabete não são bons.

- O que quer dizer doutor?

- A biópsia do fígado nos deu um resultado de tumor maligno.

- Como assim, não entendo?

- Câncer Sr. Vittorio.

- Meu Deus! – Expressei-me involuntariamente e me recostei na cadeira. Foi um choque ouvir aquilo.

- Tem mais Sr. Vittorio.

- Sim.

- Fizemos estes outros exames de sangue,

PERIGOSAS NACIONAIS

constatamos que o câncer além do fígado já está nos rins e próximo ao pulmão de Elizabete.

- Mas, ela nunca sentiu nada doutor.

- O câncer é assim mesmo, por vezes, quando o paciente descobre já é tarde. Sinto muito Sr. Vittorio.

- E o que podemos fazer doutor?

- Infelizmente nada.

- Como assim nada?

- Sinto muito Sr. Vittorio, se ela tivesse me procurado quando era apenas uma cirrose, com certeza não teria a cura, contudo, poderíamos através de um tratamento dar a ela uma vida agradável. Agora, poderíamos fazer uma cirurgia e tirar o tumor ou tumores, todavia acreditamos que ela não resistiria à cirurgia devido a sua complexidade e tempo, umas dez horas na mesa de operação. A única coisa que podemos fazer e lhe dar medicamentos para amenizar suas dores, porém, daqui a um tempo, estes medicamentos não farão efeitos. Haverá uma falência múltipla dos órgãos.

- Quanto tempo doutor?

- Não sabemos ao certo. Dois, três, no máximo seis meses de vida.

PERIGOSAS ACHERON

Levantei-me tristemente como se houvesse sido apunhalado no coração, estendi minha mão e agradei ao doutor. Saí do *Hospital de Salpêtrière* sem noção de tempo ou do que fazer. Pela primeira vez em minha vida me sentia impotente em ajudar meu anjo. Cheguei a casa após umas duas horas perambulando pelas ruas de Paris, perdi totalmente a noção do tempo. Quando cheguei, Elizabete ouviu em bater a porta e gritou do quarto.

- É você Vittu?

- Sim. – Respondi com a voz embargada. – Já vou subir, vou preparar um chá para você.

- Está bem Vittu. Não demore.

Entrei no quarto e Elizabete estava recostada na cama sobre o travesseiro lendo um livro, quando me viu, colocou o livro sobre o criado mudo e sorriu lindamente.

- Você demorou tanto Vittu. O que aconteceu?

Deixei a bandeja com chá e um croissant ao lado do livro no criado mudo me sentou ao seu lado e segurei na sua mão. Ela percebeu meu sofrimento.

- Não são nada bons os resultados?

- Não meu anjo. – Responde ingenuamente.

Ela se recostou como sempre fazia em meu ombro e me abraçou dizendo.

- Você não vai me deixar, vai?

- Nunca meu anjo.

- Que bom. Assim eu morro em paz.

- Não diga isto meu anjo. – Olho para ela me fixando em seus olhos que já estão mareados. – Me esforcei e falei inusitadamente. - Elizabete Drebes. Quer se casar comigo?

- Você quer casar comigo, mesmo sabendo que irei morrer?

- Sim. Muito.

- Sim. Eu me caso com você. – Nos beijamos intensamente e ficamos ali tomando chá e comendo croissant. Conversamos muito e por alguns momentos acabamos em gargalhadas nos lembrando de *Riomaggiore*.

Na manhã seguinte fui conversar com o padre da *Catedral de Notre-Dame*. Fui recebido atenciosamente e lhe expliquei que queria uma cerimônia simples com alguns poucos convidados, ele me sugeriu que poderíamos realizar o casamento durante a semana no período da tarde, geralmente sempre estava vazia nestes dias. Definimos que a cerimônia seria em uma quinta-

feira de novembro. Convidei o Sr. Hubert Beuve-Méry e sua família e alguns conhecidos, Elizabete não quis convidar ninguém do *Bolshoi*, também convidei a enfermeira Ilia e seu marido. Na quinta-feira fiquei em pé por certa de uma hora no altar esperando Elizabete entrar por aquela porta enquanto meu amigo Sr. Hubert Beuve-Méry a levaria até o altar. A enfermeira Ilia estava cuidando de sua maquiagem e nos foi cedido um lindo vestido pelo costureiro francês Alfred Bertsainer, amigos, amigos. Quando vi Elizabete parada na entrada da Catedral com aquele longo vestido branco cheio de perolas, delineando seu corpo como um anjo, um véu lhe cobria o rosto, mas podia se perceber seus olhos radiantes, mesmo com todas as dores que estava sentindo. Sr. Hubert Beuve-Méry a levou até o altar, a recebi, levantei seu véu e lhe dei um beijo na testa em sinal de respeito, nos viramos para o padre e teve início a cerimônia que esperei minha vida toda. Estava me casando com Elizabete Drebes, a mulher que amo, que sempre amei e que sempre amarei eternamente.

Aquele foi um momento mágico e simples, sentia a mão de Elizabete na minha, sentia sua respiração e sentia seus olhares vez ou outra

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto o padre falava toda aquela ladainha. Coloquei a aliança em seu dedo e a emoção tomou conta de mim, assim como o mesmo aconteceu quando ela colocou em meu dedo. Beijamos-nos e por mim essa história poderia se acabar ali, naquele momento. Mas, quem somos nós para dar rumo a nossa própria história. O destino nos prega peças e nos chacoalha um bocado às vezes, nos tira do rumo e nos dá o prazer de conhecer pessoas maravilhosas como Elizabete e ao mesmo tempo, vem e nos tira a única coisa que amamos.

Tivemos uma lua de mel em Roma, visitamos o Papa e recebemos a sua benção, rezamos, fomos até Veneza e quase no fim da viagem, Elizabete já sentia alguns mal estares repentinos e passou a sentir-se muito mal de repente, as dores muito mais intensas e incontrolláveis. Tivemos que abortar nossa viagem. Retornamos a Paris imediatamente nos deslocando até o *Hospital de Salpêtrière*. O Dr. Ferdinand Larousse achou melhor deixá-la internada para um acompanhamento mais próximo e intenso. Dobraria a dose dos medicamentos para amenizar suas dores que eram intensas e incontrolláveis. Elizabete não quis ficar internada, queria ir para casa comigo, mesmo naquele estado.

PERIGOSAS ACHERON

O Dr. Ferdinand Larousse então sugeriu que deixássemos a sua vontade ser realizada. Chamou-me em um canto e me relatou que não lhe restava muito tempo, o seu quadro estava muito grave.

No início de dezembro, Elizabete já quase nem saía mais da cama, sempre estava deitada, tinha muitas dores e em muitas noites passava gritando e gemendo e eu tentando amenizar seu sofrimento sem muito sucesso. Minha Elizabete estava morrendo e eu não podia fazer nada, absolutamente nada. Sentia-me cansado e impotente demais. Mesmo assim, colhia flores todas as manhãs e as colocava em um vaso ao lado da cama, preparava seu café com seu croissant preferido. Sempre me sentava ao seu lado e ajudava enquanto fazia seu desjejum, ela quase não falava mais e seu sorriso foi desaparecendo do seu rosto, seus olhos já não tinham mais brilho, mesmo assim eu continuava a achar linda e amava mais intensamente ainda. Os dias passavam sempre com a mesma rotina, ela me chamando a todo tempo para lhe ajudar ou dar algum medicamento, nos horários que ela conseguia dormir, eu aproveitava para colocar minha vida em dia. Escrevia alguns artigos para o *Le Monde* e recebia sempre amigos querendo saber

de Elizabete.

Era uma linda manhã de dezembro, para ser mais exato era dia dezessete, uma semana antes do natal. Subi como sempre fazia para levar seu desjejum, coloquei a bandeja ao seu lado, sentei-me ao seu lado e notei que ainda estava dormindo, chamei por seu nome e ela não esboçou reação alguma, me aproximei de seu rosto e percebi que não estava respirando, peguei sua mão e estava gélida. Um desespero me bateu e ao mesmo tempo tentei me controlar diante daquele quadro, chamei mais algumas vezes insistentemente tentando me enganar, já sabia que Elizabete havia partido naquela manhã. Em desespero, me deitei ao seu lado, peguei sua cabeça e a coloquei sobre meu ombro como sempre fazia desde a infância. Permaneci ali beijando sua testa fria e acariciando seus cabelos. Naquele momento pedi a Deus que me levasse com ela, não suportaria o fato de não ter mais Elizabete, pedi, implorei, porém percebi que Deus não estava muito preocupado comigo, tanto que me esqueceu por muitos anos. Talvez para que pudesse me lembrar de Elizabete por mais tempo e ter certeza do meu amor por ela. O cisne havia partido junto com meu anjo, ou o cisne finalmente

se transforma em anjo.

A Prefeitura de Paris e a provedora da Ópera de Paris concederam cortesmente o saguão do teatro para que o corpo de Elizabete fosse velado e aberto ao público para uma ultima homenagem. Cheguei ao saguão por volta das dez da noite, o corpo de Elizabete estava no centro do saguão em um lindo caixão branco decorado com flores douradas e cisnes em sua volta. Havia um cordão de proteção para que as pessoas não se aproximassem tanto, foi reservado um local mais próximo de seu corpo para familiares, amigos e autoridades. Ao chegar encontrei-me com o Sr. Hubert Beuve-Méry e sua adorável família que gentilmente me prestarem seus sentimentos, logo após chegou à enfermeira Ilia e seu esposo. Vieram em seguida o Primeiro-Ministro da França, o Prefeito de Paris e inúmeras outras autoridades políticas e ligadas às artes. Alguns representantes do *Balé de Bolshoi* estiveram presentes e enviaram uma linda coroa de orquídeas, a flor preferida de Elizabete. Era inacreditável a quantidade de pessoas que aguardavam do lado de fora para ver Elizabete pela última vez. Recebi uma mensagem pessoal do Papa Paulo VI, expressando seus sentimentos e todo o

PERIGOSAS ACHERON

sentimento do povo Italiano, confesso que cheguei às lágrimas em alguns momentos, porém, sempre amparado por meus amigos. O Sr. Hubert Beuve-Méry e Ilia se tornaram pessoas indispensáveis e essenciais em minha vida, sem eles não conseguiria passar por esse processo doloroso da perda.

Passei insistentemente à noite ao lado de Elizabete, sempre a olhando e observando como estava linda com seus cabelos por sobre os ombros e uma linda coroa de flores brancas em sua cabeça, vestia um lindo vestido branco e realmente nos remetia a imagem de um cisne. Toneladas de flores foram enviadas de todos os cantos do mundo e não houve nenhum jornal que não mencionou em suas edições, a morte do cisne. Elizabete era a primeira bailarina do *Bolshoi*. Foi e é sem dúvida alguma a maior referência sobre a dança no mundo por suas conquistas. Em alguns momentos Ilia sempre prestativa, talvez pelo fato de ser enfermeira, se preocupava comigo e como estava. Como poderia estar ali naquele momento. Não sabia mais o que sentir ou expressar. Estava simplesmente ali. Recordo-me que permaneci ao lado dela a noite toda até o fim da tarde do dia 19 de dezembro, quando me pediram permissão, ouve um minuto de

PERIGOSAS NACIONAIS

silêncio no saguão, ouviram-se claramente sete tiros de canhão sendo disparados do lado de fora. Fecharam o caixão de Elizabete, cobriram-no com a bandeira da Itália e seis militares da Marinha Italiana, vestidos de gala com luvas brancas, levaram o caixão dela até um caminhão do corpo de bombeiros que aguardava do lado de fora. Permaneci ali apenas observando e no máximo cheguei até a porta, me perguntaram se queria ir junto como o corpo no caminhão, me recusei e preferi ficar ali no teatro. Apenas vi o caminhão caminhar em direção ao *Arco do Triunfo* sendo aplaudido por populares que enchiam as calçadas das avenidas de Paris. Muitas flores foram atiradas em direção ao caminhão e milhares forraram as ruas, deixando-as coloridas. No fim do percurso, o corpo de Elizabete foi transportado por um navio da marinha italiana até *Riomaggiore* onde foi sepultada. Preferi ficar em Paris, não suportaria me despedir de Elizabete em nosso vilarejo, em nosso reduto de lembranças, de falésias e cavernas vermelhas, de céu estrelado e estrelas cadentes. Apenas desejo que ela descanse e finalmente tenha a paz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

1974: REVELAÇÕES AO PRAVDA

*(revelações pós-morte de Elizabete Drebes
publicada no Jornal Pravda)*



Quando a jornalista russa Anastácia Yurievna publicou sua matéria no Jornal *Pravda* de Moscou, já haviam passado dois anos da morte de Elizabete Dreves. Conversei com Anastácia após a publicação da matéria e ela me confessou que não queria que a matéria fosse publicada, porém, recebeu fortes pressões dos editores do jornal para que lhes fornecesse o conteúdo da matéria sobre ameaça de perder seu emprego e ter seu nome divulgado para toda imprensa de forma negativamente. Diante de tantas pressões, Anastácia se disse triste, entretanto, cumpria o seu papel de jornalista. A matéria na verdade foi escrito

PERIGOSAS ACHERON

originalmente em 1971, alguns meses antes de Elizabete Drebes morrer. Anastácia depois de muito insistir, conseguiu conversar com Elizabete que também se negava veemente em conceder tal entrevista, Elizabete só o fez, porque era amiga íntima de Sabine que de certa forma arranjou o encontro, Anastácia e Sabine eram concunhadas. A entrevista ocorreu na residência de Elizabete em Moscou e segundo me disse Anastácia, foi mais um bate papo informal do que propriamente uma entrevista com perguntas e respostas pré-estabelecidas. Elizabete sempre foi contra a dar entrevistas e acreditava que elas a prejudicariam em sua carreira, de certo modo, ela tinha razão, pois havia muita coisa em jogo na União Soviética nos anos em que ela se tornou a primeira bailarina estrangeira do *Bolshoi*. Li integralmente a matéria publicada no *Pravda* e não gostei de muita coisa, tive a impressão que algumas palavras de Elizabete foram manipuladas. Eu a conhecia bem, aliás, além de que todos imaginavam. Abaixo eu transcrevo alguns trechos do bate papo com Anastácia, segundo os originais fornecidos por ela, me dediquei exclusivamente às respostas de Elizabete Drebes, e é claro as que me interessavam em

particular:

“... quando cheguei ao *Bolshoi*, eu fui tratada com desrespeito e fui humilhada diversas vezes na frente dos demais bailarinos, dentro do balé, havia um preconceito muito grande com relação aos bolsistas estrangeiros, na verdade o Bolshoi vendia uma imagem no exterior de uma organização respeitada ao dar oportunidades a milhares de jovens que queriam ingressar em seu corpo de balé, mas, quando chegavam lá, eram tratados como escravos sexuais, com desdém e não passavam de meros empregados dos bailarinos russos...”

“... por diversas vezes fui obrigada a fazer sexo com diretores e outros homens que tinham acesso ao balé, éramos como produtos, no início tentei em vão me esquivar, mas começaram a me castigar por isso, cheguei a ficar uma semana trancada em um quarto escuro sem água nem pão. Se tentasse denunciar todo o esquema, seríamos mortos como aconteceu com duas bailarinas, uma francesa e outra inglesa. Estávamos em guerra e o *Bolshoi* aproveitava para ganhar em cima da gente...”

“... a bebida, principalmente a vodca sempre foi servida fartamente para todos e acabava sendo imprescindível para a maioria, pois, nos aquecia,

minimiza as dores musculares e nos fazia encarar o sexo de forma mais natural... a maioria dos bailarinos e bailarinas eram alcoólatras e muitos até hoje sofrem com este problema... as pessoas ao verem a apresentação do balé e a sua real grandeza, não imaginam que por trás daquele belo espetáculo, existe um mundo sujo e porco de corrupção, violência, sexo e terror...”

“... nem sempre as coisas foram tão ruins, após um período, fui conquistando o respeito dos demais e consegui a confiança da Sra. Irina Romanov, que era severa, mas sabia reconhecer quem de fato tinha talento, graças a ele pude peitar muita gente dentro do Bolshoi, inclusive a primeira bailarina, a insuportável e soberba Elena Krakiova...”

“... se fui feliz? Bem, não totalmente feliz, entretanto, tive alguns momentos de felicidade sim no *Bolshoi*. Na minha vida pessoal você quer dizer... *(Anastácia menciona em uma anotação que houve um tempo e ela respondeu pausadamente)*... somente uma pessoa me fez feliz, um homem maravilhoso que sempre respeitei e admirei, porém, por minha insensatez eu nunca lhe dei uma chance de realmente me fazer feliz, porém, ele mesmo estando longe sempre me proporcionou momentos

de felicidade e quando às vezes passávamos algum tempo juntos, meu mundo se transformava e eu conseguia esquecer o sofrimento do balé, as amarguras, as dores, mas, é como um vício essa coisa da dança, eu me sentia bem ao seu lado e queria estar com ele o tempo todo, mas o balé me instigava e me fazia cometer erros atrás de erros e sempre o deixava para trás...”

“... se eu o amo? Sim, amo esse homem como nunca amei ninguém, apenas não tive a chance de lhe dizer isto diretamente, olhando em teus olhos. Acho que também ela não acreditaria nas minhas palavras, eu o fiz sofrer demais e não sei se teria algum dia uma chance de ser feliz com ele. Por vezes me pergunto se o balé não fosse tão importante na minha vida, eu queria simplesmente ser uma dona de casa em *Riomaggiore* com ele, ter muitos filhos e saber que a nossa família seria o bem mais precioso de uma pessoa...”

“... como a primeira bailarina estrangeira do *Bolshoi* me sinto orgulhosa, pois eu rompi preconceitos dentro do balé, eu me superei e mostrei a todos que tinha coragem e talento, não é fácil se provar algo quando se entra em uma equipe que se supera a cada momento, você tem que se

PERIGOSAS NACIONAIS

superar além deles e para isso exige uma boa dose de sacrifício. Abdiquei de boa parte de minha vida, de meu amor para passar horas com dores e os pés sangrando, me apresentei diante de reis, rainhas, presidentes e sempre me superei e o aplauso era algo mágico, inesquecível e quando você recebe isto, todo o teu sacrifício é esquecido e você continua tentando se superar, sempre...”

“... a vida me deu muitas coisas boas, me deu o prazer de nascer em *Riomaggiore*, o meu vilarejo, me deu a felicidade de conhecer um homem maravilhoso e me deu a oportunidade de mostrar ao mundo de que somos capaz sempre, este é o nosso lado bom de ser humanos...”

“... a guerra foi à pior coisa que presenciamos, quando Moscou foi invadida pelos alemães, sinceramente, achávamos que iríamos morrer cedo ou tarde. Víamos corpos por todo lado, pessoas feridas sem pernas e braços e vimos muitos de nossos amigos serem fuzilados por simplesmente estar no meio da rua. A guerra nos mostrou um lado humano que não queremos lembrar. Lembram-nos da crueldade de um homem que com sua arrogância e prepotência, se achava o dono do mundo, por sorte as pessoas perceberam que aquele homem

PERIGOSAS ACHERON

estava errado, que seus pensamentos de uma raça superior eram incoerências de uma mente doentia. A guerra nos mostrou também um lado bom, o de ajuda humanitária, pois em toda a história nunca havia se visto tanta gente disposta a ajudar o outro, a pensar pelo outro e a se importar pelo próximo, a guerra faz estas coisas, nos tira e ao mesmo tempo nós dá esperanças e amor...”

“... família? Para mim é tudo, infelizmente nunca consegui ter uma realmente minha, perdi meu pai cedo e deixei minha mãe e meus irmãos abandonados em um pequeno vilarejo da Itália, minha família talvez pudesse ser todos do balé, porém neste mundo tão competitivo, será que os poderia considerar uma família, acho que não, família era meu sonho, infelizmente apenas um sonho...”

“... odeio politica, esse assunto me irrita profundamente, não me pergunte nada a respeito, só me lembro de que os Estados Unidos me negaram um visto porque me consideram comunista, um bando de retardados estes americanos, perderam a chance de ver a melhor bailarina do mundo em seus palcos (*risos*)...”

“... meu casamento com um príncipe? Foi um

erro como os demais casamentos, me iludi pensando que me apaixonaria e que acabaria aceitando uma vida destas, me enganei em todos os meus relacionamentos, nenhum homem jamais se aproximou de mim, pela Elizabete, mas, sempre pela bailarina, a primeira bailarina. Queriam status, glória e eu apenas queria um homem que me amasse realmente pelo que sou. A mulher que chora por coisas banais, que sente falta de um carinho, que adora dar gargalhada abraçada ao seu homem sem pressa. Deveria ter me casado com ele, teria sido feliz, e muito...”

“(Anastácia insiste para que Elizabete revele o nome do seu grande amor) ... não sei se devo, se me prometer que não irá publicar o nome dele, promete? Tenho medo de consequências que o prejudiquem no seu trabalho. (Anastácia diz que sim), ele se chama Vittorio, mas eu o chamo de Vittu, o meu homem, o homem que eu amo, mas, não publique isto por favor...”

“...um momento? Acho que houve vários momentos em minha vida, na minha carreira, quando eu dancei pela primeira vez como a primeira bailarina do *Bolshoi*, foi *O Lago dos Cisnes*, inesquecível... na vida particular, inúmeros

entre eles a morte de meu pai, o dia que sai de *Riomaggiore*, o dia em que virei princesa, pelo menos por alguns dias (*risos*), um natal mágico em Paris, interessante, você me fez pensar que em todos estes momentos Vittu estava presente de alguma forma, será que um sinal? (*Elizabete pergunta para Anastácia que dá de ombros*)...”

Quando percebemos que alguém se lembra de você de forma tão carinhosa, podemos nos olhar no espelho e sentir orgulho, pois, em algum momento, você foi especial. Sempre que leio estas anotações de Elizabete, um leve sorriso me faz flutuar e chegar às estrelas. Talvez seja coisa de anjo.

1985: ESCRITOS FINAIS

(o testemunho escrito e romanceado de Vittorio de Cicca sobre a vida de Elizabete Drebes)



Naquela noite em particular, uma estrondosa tempestade de verão desabava sobre Paris, algumas janelas que não foram fechadas na Maison Chateou de Cicca insistiam em bater constantemente dando a impressão de que a tempestade era maior do que realmente existia. Paris estava às escuras já fazia uma meia hora devido à queda de energia da rede de transmissão devido ao intenso temporal. Em um dos cômodos da Maison, próximo a um dos quartos de visita, se ouvia o teclar insistente de máquina de escrever por vezes percebia que havia certa pausa e repentinamente, ouviam-se inúmeras letras sendo

PERIGOSAS ACHERON

impressas no papel em branco, podia-se perceber que apesar de minha idade já avançada e como minha péssima visão, mesmo usando meus óculos, me debruçava por sobre a minha companheira de muitos anos. Estava datilografando as últimas linhas sobre Elizabete, uma velha lamparina dos meus tempos de Riamaggiore me acompanhava na tentativa de iluminar o papel em branco onde tentava impregnar as palavras certas, estava me sentindo febril naquela noite, e uma tosse que me acompanhava já há uns dois meses persistia em me incomodar fazendo-me vez por outra ter que parar de datilografar, remexia algumas anotações e num amontoado velho de recortes de jornais, via a imagem de Elizabete sempre sorrindo e feliz, apesar de saber que aquele sorriso e aquela felicidade nada mais eram do que um disfarce para sua imensa dor, dor esta que somente eu a conhecia e creio que também era minha dor, apesar de toda a fama e glória conquistada em sua carreira, Elizabete na verdade era uma pessoa triste e só, não por falta de amigos ou de homens que a quisessem, contudo por opção sua. Já estava trabalhando naqueles escritos tinha uns cinco anos, bem, na verdade os iniciei quando Elizabete morreu, porém

confesso que não conseguia escrever e falar sobre ela. Demorou anos para que eu pudesse realmente mexer no passado de forma que esse passado não me machucasse mais, e sim que viessem boas lembranças e me trouxesse alegria novamente em recordar de Elizabete. Levei tempo reunindo tudo, todavia fui facilitado com muita informação de jornais parisienses da época, a propósito fui editor-chefe de um dos maiores jornais de Paris, o *Le Monde*. Iniciei em sua redação logo após o fim da Segunda Guerra. Logo após ser dispensado do exército italiano. Após a guerra a Europa estava destruída e precisava de pessoas para reconstruir tudo novamente, não tive coragem de retornar para *Riomaggiore*, não tinha mais ninguém lá, estava por conta própria em uma Paris acabada. Por sorte, numa certa tarde conheci o Senhor Hubert Beuve-Méry bebericando um conhaque num velho bar próximo ao *Arco do Triunfo*. Hubert Beuve-Méry é o fundador do *Le Monde*, trocamos algumas palavras e acabamos sendo grandes amigos por muitos anos, o ano era 1944, como não tinha muitas perspectivas acabei aceitando o emprego de repórter e sócio minoritário em sua nova empreitada. Hubert Beuve-Méry achou melhor eu

cobrir o caderno de Artes e acabei com o tempo sendo Editor do Caderno de Arte, onde cobria eventos artísticos, inclusive os espetáculos de Balé apresentados pelo *Bolshoi* em Paris e em alguns países da Europa, após alguns anos de trabalho, Hubert Beuve-Méry me deu a confiança do cargo mais algo do *Le Monde*, o cargo de editor-chefe, foram anos bons aqueles, viajei muito e conheci muitos lugares, porém, o mais importante que foi graças ao *Le Monde* que pude por diversas vezes estar com Elizabete, sempre fazia questão de cobrir os eventos realizados pelo Balé *Bolshoi*, e sempre fazia enorme questão de encontrar Elizabete. Recordo-me que certa vez fizemos um caderno de artes especial sobre o *Boslshoi*, e, é claro Elizabete estava na capa, linda como sempre. Hubert Beuve-Méry sempre insistia que eu deveria publicar um livro sobre Elizabete de tanto que falava nela, sempre fui contra, eu não me considero um escritor. Tenho uma linha de raciocínio diferente do escritor, acho que não seria um bom livro e sinceramente não apostava na minha capacidade, apesar de que Hubert Beuve-Méry sempre os elogiava, não poderia acreditar nele, afinal era como um irmão para mim. Mesmo assim após inúmeras e

cansativas cobranças iniciei a escrever e rabiscar alguns esboços sobre a vida de Elizabete. Reuni uma porção de cartas que trocamos em todos estes anos. Alguns recortes de jornais e mais um pouco de lembranças que ainda mantinha viva comigo. No fim acabei me entregando de corpo e alma neste trabalho, nestes anos que passei as noites em claro escrevendo e pensando em Elizabete, mantive-a viva e em certos momentos, tive a impressão que ela estava ali ao meu lado presente de corpo e alma. Mais uma vez fui interrompido por essa tosse maldita, e o pior é que cada vez que tusso me doem as costas, coloquei a mão sobre minha testa e percebi que estou muito quente, não tenho nada em casa para tomar, talvez um pouco de mel, contudo, já estou cheio de tanto mel, faz dois meses que o tomo diariamente, andei tomando umas penicilinas recomendadas pelo médico do *Le Monde* que sempre me dizia que deveria me cuidar mais. O medicamento dolorido não me ajudou muito, minhas costas doem e minha visão está cada vez mais turva, me sinto muito fraco ultimamente, porque tudo que como, coloco para fora, até líquido está sendo assim. Insisto em terminar o que comecei, faltam algumas páginas para concluir meu

trabalho sobre Elizabete, não quero deixar ele inacabado. Mesmo febril. Com tosse e fraco ainda me sinto bem, Elizabete sempre me fez bem e mesmo assim, nesta solidão ela tem me feito um bem enorme, ela me manteve vivo todos esses anos acreditando em tanta coisa, me fez acreditar na bondade humana que mesmo após uma guerra sangrenta onde milhões de pessoas foram mortas por um homem doente e louco, mesmo assim, reconstruímos nossas vidas, agora mais fortes, mais firmes e mais confiantes de que o homem aprendeu a lição. Quanto a sobreviver, bem acabei de certa forma me saindo bem para quem veio de *Riomaggiore*, Hubert Beuve-Méry me deu uma quantia em dinheiro da receita do jornal e consegui sobreviver até confortavelmente bem, comprei esta Maison e estou apenas findar meus dias.

Quando coloquei o último ponto no texto sobre Elizabete, um misto de alegria e tristeza me tomou. Alegria por terminar o trabalho ao qual me propus e triste, como me afastaria dela, não estaria mais vinte e quatro horas com o pensamento sobre ela, isto de certa forma me agonizou, acredito que lágrimas escorreram sobre minha face, as enxuguei rapidamente com um misto de vergonha, entretanto

me orgulhei de ter feito algo para Elizabete. Olhei o papel na minha frente, reli a última frase, achei que estava de bom tom. Nunca reli meu trabalho inteiro e nunca o revisei, eu simplesmente escrevia e ia guardando as páginas datilografadas na sequência em uma velha pasta com elástico. Peguei a pasta do meu velho cofre que já fazia parte da história da Maison quando a comprei de um velho francês aposentado. Tirei todas as páginas e a coloquei por baixo, deu certo volume, senti uma necessidade enorme de reler tudo aquilo, contudo, me controlei e achei melhor não me emocionar novamente com aquele passado, antes de fechar a pasta coloquei por cima meu testamento que havia lavrado em cartório onde deixava todos os meus bens, que não eram muitos, eu só tinha a Maison e alguns velhos móveis e um resto de dinheiro no banco para algumas necessidades básicas. Fechei a pasta com seu elástico, coloquei em pé na parede esquerda do cofre. Abracei minha velha máquina de escrever, companheira por mais de vinte anos, onde escrevi a maioria dos artigos publicados no *Le Monde* e agora tudo que me restava sobre Elizabete. Coloquei-a em pé na parede direita do cofre. Olhei-a com carinho pela última vez e antes de fechar o

cofre, coloquei todos os recortes que havia colecionado sobre a vida de Elizabete, fechei o cofre e automaticamente encerrei a sua história dentro de mi. Pelo menos é o que simbolicamente tentei fazer, sabia que em vida nunca me separarei de Elizabete. Nunca. Senti uma emoção incontrolável, acho que estava ficando meio mole, acho que a febre estava me atormentando demais e me tirando o raciocínio. Percebi que ao levantar senti uma tontura e quase cai, só não cai porque me apoiei na velha escrivaninha. Decidi ir até o Hospital de Salpêtrière que ficava no fim da rua, há algumas quadras de minha casa, o temporal havia passado e deduzi que poderia ir caminhando até lá, não levei guarda-chuva, apenas coloquei meu casaco e meu chapéu, fechei o portão e comecei a caminhar lentamente em direção ao Hospital de Salpêtrière, quando estava há umas duas quadras do local, a chuva voltou a ficar intensa. Intensa até demais me fazendo chegar ao Hospital de Salpêtrière completamente molhado, minha febre havia aumentado consideravelmente e minha tosse também, não me lembro de muitas coisas depois, apenas que cheguei à porta do Hospital de Salpêtrière e via muitos vultos, tive a

sensação de desabar sobre o piso frio da recepção, ouvi alguns gritos de pessoas pedindo ajuda e um escuro como uma cortina negra veio por sobre meus olhos, tive a impressão de ouvir a voz de Elizabete me chamar ao longe.

Acordei dois dias depois em um leito do Hospital de Salpêtrière, segundo o enfermeiro de plantão, estava sendo medicado com antibióticos, porém ainda tinha muita febre e tosse. Pedi ao enfermeiro para conseguir algum papel e caneta. Rabisquei por horas alguns pensamentos.

“Naquela tarde o Sr. Hubert Beuve-Méry proprietário do Le Monde visitou o seu amigo que estava inconsciente sobre o leito, percebeu as anotações na cabeceira, achou que eram importantes e as colocou no bolso levando as anotações consigo. Alguns anos após entregou a seu filho que as adicionou ao livro de Vittorio de Cicca.”

Nota de Falecimento: (publicado no Le Monde)

“Faleceu nesta cidade de Paris, o Sr. Vittorio de Cicca, natural de *Riomaggiore*, Itália. Jornalista do *Le Monde*. Óbito às vinte três horas do dia 14 de Agosto de 1985 por parada cardiorrespiratória ocasionadas por complicações causadas por pneumonia no *Hospital de Salpêtrière*. Não deixa esposa nem filhos. A nota foi assinada pelo médico Dr. Herbert Pellier.”

2013: REVELAÇÕES SECRETAS*

*(quando se acredita que o tempo foi esquecido,
ele nos cutuca sabiamente e lembra de que a
história não deve ser esquecida)*



Maison Chateou de Cicca, uma velha casa abandonada e caindo aos pedaços após longos anos sem ninguém morando nela nos arredores de Paris, a velha Maison de Cicca como ficou conhecida à alguns anos atrás pelas inúmeras visitas da primeira bailarina do *Bolshoi* ao seu ilustre morador. Seu morador ilustre, o Sr. Vittorio de Cicca, de *Riomaggiore*, Itália. Falecido em 1985 com 71 anos por insuficiência respiratória causada por pneumonia, não deixou filhos, esposa e ninguém para reclamar de seus bens e pertences. A Maison PERIGOSAS ACHERON

foi vendida em 2014 para pagamentos de débitos junto a Prefeitura de Paris, como não houve quem reclamasse, a propriedade foi leiloadada e arrematada por um investidor americano no ramo de restaurantes para ampliação de sua rede na Europa. Na primeira quinzena da primavera parisiense, a propriedade seria derrubada para a construção de uma nova Maison, mais moderna e aconchegante para acomodar o restaurante. Os trabalhos começaram pela manhã, com o posicionamento das máquinas e o isolamento do local, estava presente o Engenheiro Chefe da obra e o investidor americano que queria registrar em vídeo a demolição da Mailson para usar posteriormente como marketing de seu novo empreendimento. Também presente o Fiscal de Obras de Paris.

- Podemos começar? – Indaga o Engenheiro ao investidor.

- Sim, podemos. Quando estiver pronto. – Responde o investidor americano.

O Engenheiro sinaliza para o operador da retro-escavadeira que imperiosamente vai lentamente derrubando parte da história sem culpa e remorso. Em questão de poucos minutos o que foi um palacete com glória se resume há um

PERIGOSAS NACIONAIS

amontoado de entulho de madeira corroída pelo cupim, vidros, pedras e alguns objetos que ainda estavam no interior da Maison. Outra máquina se aproxima e começa a bascular os restos para caminhão basculante que irão remover aquele entulho para outro local, existe uma fila de caminhões aguardando para ser carregado, o trabalho continua por horas num movimento contínuo até que é interrompido por um som alto e estridente de metal batendo na caçamba. O Engenheiro ergue a mão e pedem para parar dizendo:

- Vocês ouviram este barulho? O que foi isto?

- Parece algo de metal que bateu na caçamba. - Responde o operador da máquina.

- Acho que não é nada. – Diz o motorista do caminhão.

- Não custa dar uma olhada. Vou verificar.
– Responde o Engenheiro subindo na caçamba, se pendurando em sua lateral.

- Tem algo aqui, parece uma caixa, sei lá, acho que é um cofre. – Responde o Engenheiro.

O investidor ouvindo isto, logo se interessa pelo assunto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- O que está havendo? – Indaga curioso.

- Acho que descobrimos um cofre aqui, temos que tirar ele da caçamba para abrir, está muito enferrujado, acho que será fácil abrir.

- Ok. Vamos tirar ele da caçamba. – Diz o investidor.

Tiram o cofre da caçamba com um cabo de aço preso na pá da retro-escavadeira, descem cuidadosamente até o chão, todos curiosos o cercam.

- Como vamos abri-lo? – Pergunta o investidor americano.

- Está bem enferrujado, acho que se dermos umas pancadas de marreta nas dobradiças ele abre. Vamos tentar.

Todos se afastam, um dos funcionários da obra se aproxima com uma enorme marreta e começa a bombardear o cofre com inúmeras marretadas, parece que são em vão, não há nem sinal de que o cofre vai abrir.

- Acho que não vai dar certo, ele está enferrujado, porém é muito forte. – Diz o funcionário transpirando e já cansado do exercício forçado.

- Vamos tentar tirar os pinos das

PERIGOSAS ACHERON

dobradiças, tragam um maçarico aqui. – Ordena o Engenheiro.

Com o maçarico na mão, outro funcionário inicia o trabalho aquecendo o metal e dando pancadas no pino da dobradiça, após alguns minutos o pino superior se solta e logo mais, depois de uns vinte minutos se consegue soltar o pino inferior, todos ali comemoram quando a porta do cofre é aberta.

- Que porcaria é essa! – Exclama o investidor.

- Parece uma máquina de escrever e tem uns documentos também. – Responde o Engenheiro retirando a máquina. – Ela é bem antiga, acho que é dos anos 40, deve valer um bom preço para colecionadores. Tem uma pasta de papel, mas, bem gasta pelo tempo, acho que é cupim.

- A máquina pode ficar para você, não tenho interesse. – Responde o investidor. – Que papéis são esses?

- Não sei, parece um testamento, contudo têm centenas de páginas aqui datilografadas, algumas estão manchadas de tinta e comidas por cupim, o papel está bem delicado, está fácil rasgar, porém dá para ler, na primeira página está escrito:

ELIZABETE

Por

Vittorio de Cicca

1985

- Parece que são inúmeras páginas datilografadas por essa máquina, conta uma história sobre uma mulher, - Diz folheando as páginas. - uma bailarina, tal de Elizabete... – Conclui o Engenheiro curioso.

- Deixe-me ver. – Pede o investidor. – Todavia eu conheço essa mulher, ela é Elizabete Drebes, ela foi à maior bailarina da história do *Bolshoi*, morreu prematuramente e era linda. Dizem que ela encantou reis, príncipes e muitos homens. Isso deve valer algo meus caros. – Diz o investidor sorrindo. – Isto é história e deve valer muito, milhões talvez.

- Como sabe tanto sobre esta mulher? – Pergunta o Engenheiro curioso.

- Minha mãe adorava balé e como tinha duas irmãs fui obrigado há aprender um pouco

sobre a história do balé.

Todos que estavam presentes aplaudem e cumprimenta o investidor, Sr. Robert Braxton por sua grande sorte em descobrir essa preciosidade esquecida pelo tempo. Hoje em dia, seu restaurante chama-se *Restaurante Maison de Cicca* é um dos maiores sucessos da Paris moderna e uma das maiores redes de restaurante da Europa. Em seu enorme salão oval. Coberto por cristais italianos e com um chão de mármore grego. Existe uma enorme foto montada em um painel adornado com ouro, nela está o Sr. Robert ao lado de suas descobertas, além de outras fotos junto com os trabalhadores.

**PS: o capítulo acima foi inserido no livro a pedido do Sr. Hubert Beuve-Méry Jr, Editor do Jornal Le Monde, filho do seu fundador que achava necessária uma explicação sobre os achados e por honra a memória de seu pai. Na época o Le Monde publicou na primeira página a notícia.*

O livro “*Elizabete*” escrito por Vittorio de Cicca” foi publicado nos Estados Unidos no Natal de 2014, vendeu somente em seu país de publicação cerca de cinco milhões de exemplares, foi considerado um Best-Seller e atualmente esta na marca de mais de vinte milhões de exemplares vendidos no mundo todo. Toda a sua receita de direitos autorais foi convertida para a Fundação Vittorio de Cicca que trabalha em prol das pessoas que sofrem por privações e torturas em conflitos mundiais. A Fundação foi criada após a leitura do testamento de Vittorio que foi encontrado junto com os originais onde solicitava que seus bens fossem revertidos para ajuda humanitária, além disso, outra parte da renda é destinada a Escola de Dança e Balé Elizabete Drebes com sede em Roma. Vittorio de Cicca foi exumado do *Cemitério Père-Lachaise* em Paris e seus restos mortais, transferidos e enterrados como seu desejo deixado em testamento ao lado do tumulo de Elizabete Drebes no cemitério local do pequeno vilarejo de *Riomaggiore*, Itália. Atualmente cerca de dez mil turistas visitam o vilarejo anualmente em busca da história de Elizabete e Vitto. Sobre a lápide de Elizabete está à imagem de um anjo querubim com

PERIGOSAS NACIONAIS

sapatilhas de balé, na lápide de Vitto, está um livro aberto ao lado de uma caneta de pena cujo tinteiro é um coração, entre os dois existe uma pedra em mármore com a seguinte frase:

“O verdadeiro amor não é aquele que se alimenta de carinho e beijos, mas sim aquele que suporta a renúncia e consegue viver na saudade.”

PERIGOSAS ACHERON

Nota do Autor:

Apesar de esta ser uma obra de ficção, são mencionados durante a história alguns nomes de cidades, instituições e pessoas que realmente existem ou existiram, evidentemente algumas descrições não são compatíveis e reais com o local devido a ser uma obra de ficção. Quando se escreve uma história às vezes é preciso se alterar algumas características para que atendam a realidade do personagem e condições de época e cenários.

Livros já publicados pelo autor:

MÚSICA PARA KAROLYN [romance] [Kalisz Editora] - Este livro traz a história da jovem adolescente Karolyn Mendez, uma nova iorquina sem muitas pretensões pessoais, apenas uma adolescente em busca do primeiro amor, das primeiras emoções do toque de um beijo. Com seus conflitos pessoais e familiares iguais a milhares de adolescentes espalhadas pelo mundo. O que a faz diferente é seu coração bom, seu jeito meigo de ver tudo de bom nos outros, sua comunicação e totalmente desalgemada das redes sociais, sua vontade, seu jeito é de uma jovem feliz. Talvez este livro traga a esperança existente em Karolyn com relação à vida e as pessoas, sua busca incessante pela bondade ainda existente nos homens. Karolyn nos traz a certeza de que apenas com um simples abraço, um simples sorriso possa de alguma forma nos tornar mais humanos, mais humildes, mais verdadeiros com nós mesmos.

e-SOCIAL: Desmistificando o SST [técnico] [Kalisz Editora] - Este pequeno manual visa principalmente ajudar aos profissionais da área de SST – Segurança e Saúde do Trabalho esclarecendo as dúvidas com relação ao e-Social. De forma resumida e bem didática, traz de forma fácil tabelas e orientações sobre a implantação do SST e suas exigências diante das novas regulamentações do e-Social. Todas as informações são baseadas na última versão do MOS – Manual de Orientação do e-Social, versão 2.5.01 e traz suas novas considerações

SEPTIMANA [contos] [Kalisz Editora] - É um livro para se ler em uma semana, sem pressa. Para cada dia o autor selecionou um conto ou crônica que se passa em diversas regiões do mundo, com personagens que surpreendem com histórias encantadoras. É para ser lido em momentos de tranquilidade em qualquer hora do

PERIGOSAS NACIONAIS

dia para que o leitor possa se encantar e meditar sobre os personagens e seus destinos, nem sempre felizes. É um livro às vezes triste, mas que reflete e expõe à alma de seus personagens tornando- -os nossos amigos quase íntimos, nos dando a impressão de que os conhecemos.

O PERFUME DE KAYRA [romance] [Kalisz Editora] - Caminhos e escolhas erradas fazem parte da vida de Robert e podem levá-lo ao esquecimento e ao fracasso de sua carreira: Amor, ódio, traição e paixão acompanham a vida e trajetória de um escritor de sucesso internacional aonde se vê diante da extrema solidão, da ausência de carinho e afeto e descobre que simplesmente nunca amou até conhecer uma mulher que irá mudar a sua vida, poderia ser um conto de fadas ou sua própria vida romanceada, mas se torna uma história trágica diante das circunstâncias cruéis que a vida impõe, agregado a um mundo controlado pelo poder do dinheiro e que não o permite e ser feliz. Uma história aonde desencontros acontecem não por acaso, mas por obra do destino.

O PEQUENO MOHAMED [infantil] [Kalisz Editora] - "...personagens que concebi num ato profundo de coragem e persistência, eles nos mostram em toda a sua simplicidade que vale a pena viver, que vale a pena se enveredar pelo deserto e descobrir que não precisamos ir tão longe para encontrar um verdadeiro amigo..."

VATICINUS [romance] [Planeta Azul Editora] - “Vaticinus não é somente um romance, é um thriller instigante, maravilhoso e cheio de nuance humanidade. Dogmas esses que se questionados colocam em risco todo um “sistema” utilizado para manter a paz no mundo. Salvadora e ao mesmo tempo vilã, a Igreja Católica e seu império construído em Roma guardam segredos até da própria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

instituição. É nesse terreno que Adalberto percorre com maestria e total domínio dos fatos. Então, em quem confiar?”

ANJO IMPERFEITO [romance] [Editora Kiron] - A vida de alguém pode mudar em uma semana? Estar no lugar certo, na hora certa, pode levar a acontecimentos jamais imaginados? Quem traça nosso destino, nós mesmos ou Deus? Essas e outras perguntas podem ser respondidas ao ler Anjo Imperfeito. A fé está em jogo, assim como a realidade, o sangue frio e o amor. Os interesses vêm à tona. O poder, tão desejado entre os homens, ultrapassa os limites do imaginável...

MARCA D'ÁGUA, Contos de Amor e Morte [contos] [Kalisz Editora] - “Quando se começa a ler um livro, o que o leitor mais espera são as situações que o personagem principal irá enfrentar. Os seus medos, aflições, descobertas. Ao ler MARCA D'ÁGUA, a impressão que tive foi de estar ouvindo as histórias e não lendo. Sua forma de escrever nos faz entrar no mundo dos personagens, fazendo qualquer um se imaginarem na pele dos protagonistas da história...”

CIDADE NUA [poemas] [Kalisz Editora]: “Uma coleção escrita nos últimos anos de escondidos sentimentos de fúria, amor, ternura e paixão. Um apanhado de tudo o que rodeia cada homem do nosso planeta. Uma visão ampla e geral de sonho e realidade. “Cada poema uma emoção, cada verso uma ambição, cada momento uma satisfação”. São escritos repletos de muita solidão, a verdadeira busca de um lago distante, de um convés, de um naufrago que faça companhia, de um ombro amigo. São momentos inéditos refletidos em paixões e confissões.”

Os livros podem ser adquiridos pelos sites das principais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

livrarias ou pelo site do escritor.

Para acompanhar os trabalhos do escritor, acesse:

<http://adalbertoscardelai.wix.com/escritor>

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

FAÇA PARTE DO CLUBE DE LEITORES DA **KALISZ EDITORA** [A Casa da Palavra Escrita]

PREENCHA O CUPOM ABAIXO E ENVIE PARA O E-MAIL:

scardelaitcompany@gmail.com

Você terá garantido 10% (dez por cento) de desconto no próximo lançamento da **Kalisz Editora**, além de concorrer a livros e marcadores de páginas que serão divulgados no *instagram* da editora, basta seguir: **@kaliszeditora**. Siga o canal da **Kalisz Editora** no *Youtube*, dê vários likes, deixe seus comentários e aumente as suas chances de ganhar.

NOME
COMPLETO: _____

ENDEREÇO: _____

CIDADE: _____

ESTADO: _____

CEP: _____

Seu
instagram: _____

Seu
facebook: _____

Seu
blog: _____

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Como conheceu este lançamento da **Kalisz Editora**?

Além de ELIZABETE, A MORTE DO CISNE, qual outro livro da **Kalisz Editora** você leu?

Obs.: Se não quiser estragar seu livro, tire uma cópia e ou escaneie para enviar por e-mail.

ELIZABETE, A MORTE DO CISNE

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Este livro foi composto utilizando-se de fonte Times New
Roman, tamanho 12
Kalisz Editora em Junho de 2019.



PERIGOSAS ACHERON